

# SERÕES

REVISTA MENSAL  
ILLUSTRADA



## SUMMARIO

AS ESTRADAS DO MUNDO — UMA VISITA À BEIRA — ABSORTA (MUSICA) — UM RECLAMO SENTIMENTAL — VELHA HISTORIA — IGREJA DE SANTA CLARA A VELHA — O COLLAR DE RUBIS — A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL — MODAS — VARIEDADES.

VOL. IV

AGOSTO — 1903

NUM. 20

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

# SUMMARIO

	Pag.
<b>PAIZAGEM ESTIVAL.</b> — <i>Quadro de</i> SIDNEY COOPER.....	58
<b>AS ESTRADAS DO MUNDO.</b> — <i>Por</i> SILVA TELLES — <i>Com 7 illustrações</i> .....	59
<b>GEISHAS.</b> — <i>Costumes japonezes</i> .....	69
<b>UMA VISITA Á BEIRA.</b> — <i>Por</i> ANTONIO ENNES.....	70
<b>ABSORTA.</b> — <i>Versos de</i> JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO — <i>Musica de</i> M. GRISALDE ( <i>Condessa de Proença-a-Velha</i> ).....	74
<b>UM RECLAMO SENTIMENTAL.</b> — <i>Conto americano com 7 illustrações</i> .....	77
<b>VELHA HISTORIA.</b> — <i>Poesia por</i> AFFONSO VARGAS.....	86
<b>IGREJA DE SANTA CLARA A VELHA.</b> — <i>Por</i> ANTONIO JULIO DO VALLE E SOUZA — <i>Com 6 illustrações</i> .....	89
<b>O COLLAR DE RUBIS.</b> — <i>Romance com 2 illustrações</i> .....	98
<b>A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL.</b> — ( <i>Continuação</i> ) — <i>Por</i> ALBRECHT HAUPT. — <i>Com 7 illustrações</i> .....	109
<b>MODAS.</b> — <i>Com 6 illustrações</i> .....	117
<b>VARIEDADES.</b> — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — CONHECIMENTOS UTEIS — PROBLEMAS. — DAMAS E XADREZ.....	9

## 37 GRAVURAS

**AVISO.** — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que também se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	<b>3 numeros</b> .....	<b>600</b>
		<b>6 numeros</b> .....	<b>1\$200</b>
		<b>12 numeros</b> .....	<b>2\$200</b>

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brazileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

**Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7**

# MOLDE GRATUITO

Para corresponder, quanto possível, ao carinhoso acolhimento que as senhoras teem dispensado aos *Serões*, acompanhamos este numero com a distribuição gratuita d'um molde de vestuario, a que se seguirão outros opportunamente, segundo as estações, completando por uma forma pratica as indicações geraes de modas que constituem uma secção permanente da nossa revista. Nas vespuras da época balnear, das excursões maritimas, de residencia temporaria á beira mar, o nosso modelo é uma blusa marinheira do mais moderno córte, cuja armação, feitura, e processo de cortar e fazenda empregada se veem claramente, não só da illustração aqui reproduzida, como tambem dos diagrammas, onde as legendas dão todos os esclarecimentos necessarios. O modelo foi traçado para as medidas médias, como é d'uso fazer-se, podendo assim ser facilmente utilizado e adoptado sem difficuldade.

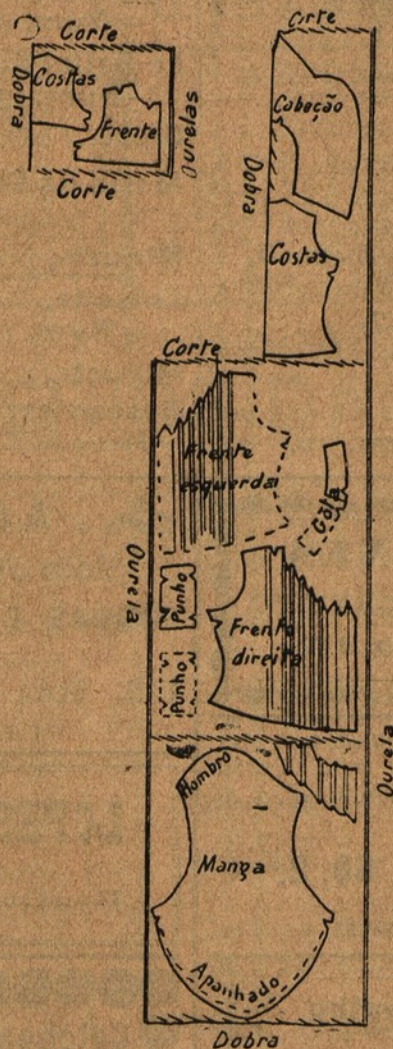
Acrescentamos apenas algumas indicações geraes. A fazenda preferida para confeccionar esta blusa é sem duvida a flanela azul escura, ou branca, embora este córte tenha sido apresentado tambem em cór vermelha para meninas, dando-lhe a dupla applicação das excursões em barcos ou em automoveis de passeio, que os amadores de *sport* comparam com justo motivo ao prazer de vogar á vella. As frentes da blusa são em pequenas



pregas, e o largo cabeção, que lhe dá o característico marítimo, é ferrado e guarnecido de applicações de fita de velludo ou de seda estreitas. O decote em v, que este cabeção fórma, é preenchido pela pequena veste ou peitilho, que é feito separadamente da blusa, para ser collocado solto ou preso á parte interna do cabeção, e n'elle se póde empregar outra fazenda leve e transparente, para conservar o typo marinheiro, ou empregando flanela deverá, ser de tom diverso da blusa.

Para a utilização dos moldes recordamos como essencial, embora isto seja bem conhecido d'aquellas senhoras que habitualmente se servem de moldes, que as alterações necessarias para ajustar ao corpo se fazem, tanto nas frentes, como nas costas, pela parte superior dos moldes, tendo previamente acertado com cuidado a cintura. A adaptação das mangas não offerece difficuldade, quando o comprimento entre o cotovêlo e o punho fôr excessivo, porque n'este caso basta encurtar na parte inferior do molde; porém para o excesso de comprimento da parte comprehendida entre o cotovêlo e o hombro, o encurtamento faz-se por meio d'uma prega ou pela reduccção cuidadosa do modelo, tomando conta de

que se não estreite demasiado a parte de cima para que não falte largura na cava debaixo do braço. A correcção do molde do cabeção é



tambem facil; porque, se fôr muito largo de costas, faz-se no papel atrás e ao meio uma prega direita que lhe diminue a largura do necessario, e o que é facultado pelo corte especial que elle tem; se a largura excessiva fôr no peito, encurta-se simplesmente nas extremidades. Desde que estejam completa e cuidadosamente corrigidos os moldes para o tamanho justo a empregar, procede-se ao córte da fazenda, para o que são dis-

pensaveis quaesquer explicações, examinando com attencção o diagramma onde está tudo indicado, como dobra da fazenda, lados da ourela, extremidades, melhor aproveitamento da fazenda, etc. O pequeno diagramma da veste ou do peitilho deve ser cortado sobre o forro, e só depois de provado e acertado se deve cortar a fazenda, musselina, *piquet* ou outra qualquer que se empregue, como acima fica dito.

Os **SERÕES** teem publicado as seguintes

# MUSICAS PARA PIANO

**Gavota**, por AUGUSTO MACHADO. — **Numero 1.**

**A Resurreição de Christo**, Oratoria, por D. LÓRENZO PEROSI. — **Num. 2.**

**Rachel**, Valsa, por LAURA ESCRICH. — **Num. 3.**

**Folha d'Album**, por OSCAR DA SILVA. — **Num. 4.**

**Feiticeira**, Valsa, por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL. — **Num. 5.**

**O que dizem as ondas**, Valsa, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL. — **Num. 6.**

**Meditação**, Mazurka, por VISCONDESSA DE FARIA PINHO. — **Num. 7.**

**Romanza**, por A. BRINITA, (*D. Maria Bravo*). — **Num. 8.**

**O Tição Negro**, *Serenada do 1.º acto*, por AUGUSTO MACHADO. — **Mum. 10.**

**Dansons! Pas-de-quatre**, por M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO. — **Num. 11.**

**Rapsodia d'Agueda**, (*Musica popular*) — **Num. 12.**

**Le Ballet du Roy**, *Gavota*, por LULLY. — **Num. 13.**

**Gipsy**, Valsa, por C. L. — **Num. 14.**

**Maria da Gloria**, Valsa, por CARLOS PINTO COELHO. — **Num. 15.**

**Minuete**, por J. P. RAMEAU — **Num. 16.**

**Luisette**, Valsa, por F. DE BORJA ARAUJO. — **Num. 17.**

**Minuete**, por J. B. LOLLY — **Num. 18.**

**Descantes**, por AUGUSTO MACHADO. — *Versos de J. de Souza Monteiro.* — **Num. 19**

**NUNES & NUNES**

CAMBIO E PAPEIS DE CREDITO

95, Rua do Ouro, 97

**SATURIO PAIVA** Cirurgião dentista, pela Escola de Paris. Doenças da bocca. Collocação de dentes.

Rua de Santa-Justa, 60, 2.º

(Esquina da rua Augusta)

João Nunes de Carvalho

COLCHOARIA

E MOVEIS DE FERRO

62, Rua do Loreto, 64—Lisboa

(Esquina da Rua da Atalaya)

«A MODA»

João José Martins

MODAS E CONFECÇÕES

172, Rua do Ouro, 174

LISBOA



**LOPES DE SEQUEIRA**

CASA DE MODAS

Rua Ouro, 285 a 293, Lisboa

Colchoaria e moveis de ferro

10, Largo do Rato, 11

ESTEVÃO DA SILVA

# LOPES, LOURENÇO & C.<sup>TA</sup>

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções  
para  
homem  
e  
senhoras



Sortimento  
completo  
de  
tecidos  
de  
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.<sup>o</sup>

**ESPARTILHOS**

Novos modelos

Exclusivo da CASA DE MODAS

**LOPES DE SEQUEIRA**

**ANTONIO JOSÉ CORREIA**

Retratos em todos os tamanhos

**PHOTOGRAPHIA UNIÃO**

Toma-se conta de todos os trabalhos photographicos

Rua do Limoeiro, 10 e 10-A, LISBOA

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

## **MYSTERIOS DA HISTORIA**

*Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.*

**Tragedia em Napoles** (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

**O collar da Rainha** (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

**Tragicos destinos** (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

**Predicção historica** (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

**O cabaz de pecegos** (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

**Vingança de Rival** (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

**A torre de Londres** (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

**Tragica historia d'um csar** (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

**Romance d'um principe** (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

**Curiosa confissão d'um rei** (Carlos IX e o assassinio de Coigny). — **Num. 11.**

**Fatal entrevista** (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

**O serralheiro do rei** (Luiz XVI e Gamain). — **Num. 14.**

# Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

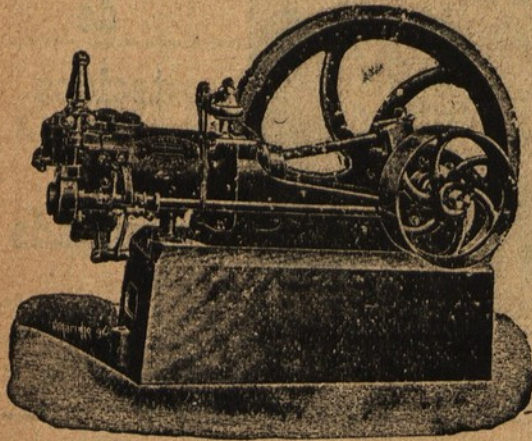
MOTORES A GAZ

CROSSLEY

TINTAS DE IMPRENSA

DE

CH. LORILLEUX & C.<sup>a</sup>



Materiaes para typographia e lithographia

**E. E. DE SOUSA**

SUCCESSOR DE FIGUEIREDO

GRAVADOR DA CASA REAL



CASA FUNDADA EM 1819

Gravura em todos os generos e carimbos de borracha os mais aperfeiçoados.—Variedade em prensas, sinetes, timbres, tintas de côres para carimbos e para marcar roupa.—Especialidade em bilhetes de visita impressos, lithographados e de chapa.

157, Rua Aurea, 159=98, Rua da victoria, 100, Lisboa

PASTILHAS PERFUMADAS

MARCA «SANO»

FABRÍCO APERFEIÇOADO

Réis 180, cada caixa de seis pastilhas

A VENDA SÓ NA

**ANTIGA DROGARIA BARREIRA**

105, RUA DE S. ROQUE, 107

LISBOA

**CENTRO MODERNO**

ALFAIATERIA

**FERREIRA BRITO & C.<sup>a</sup>**

Fazendas Nacionaes e Estrangeiras

Rua da Prata, 174-176

LISBOA



**TYPOGRAPHIA** ↗

**EDUARDO ROZA**

29, Rua da Magdalena, 31 (Em frente da Rua dos Bacalhoeiros)

Impressos para o commercio, bancos, companhias e associações. Preços os mais resumidos de Lisboa. Execução rapida e nitida.

**MOBILIAS** Vendem-se de salas, quartos e casas de jantar.

PREÇO BARATO

82, Rua Nova da Trindade, 82

**LOJA**

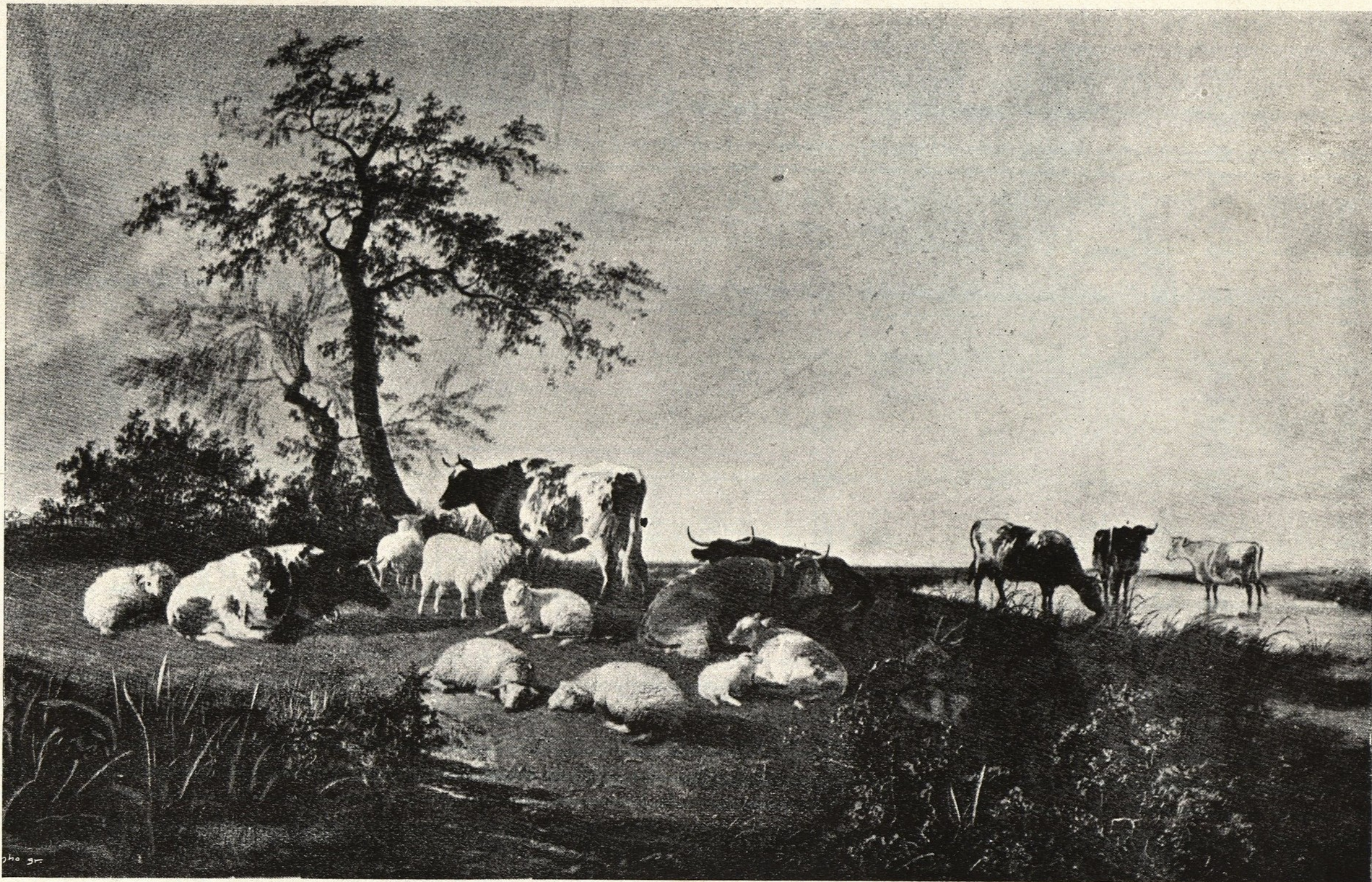
«**UTILIDADES**»

180, RUA DO OURO, 182

LISBOA

Convem a todos examinar o especial sortimento e a modicidade dos preços d'esta casa.





PAIZAGEM ESTIVAL. — QUADRO DE SIDNEY COOPER





# As Estradas do Mundo

*Tendo sido encetado, no artigo do numero anterior, o estudo dos problemas geographicos e politicos do grande Continente negro, com a discripção abreviada do seu solo, faz-se, no artigo que segue, exposição resumida das raças e dos povos que habitam as regiões naturaes, determinadas na antecedente revista. Assim se prepara o assumpto principal e se procura facilitar a comprehensão da importancia suprema das estradas civilizadoras em Africa, pelas quaes se deslocarão, em proximas conferências diplomaticas, a preponderancia e o dominio das nações, na eterna e porfiada luta dos interesses e das competencias.*

## PROBLEMAS DA AFRICA

**Summario.**—RAÇAS HUMANAS.—SUA DISTRIBUIÇÃO GEOGRAPHICA.—CRUSAMENTOS.—SIMILHANÇAS E ANTAGONISMOS. — OS POVOS D'AFRICA

SE nos aventurarmos na investigação do passado mais remoto das raças da Africa e limitando o nosso estudo ao que conhecemos de positivo sobre a distribuição ethnica do Continente, pode-se dizer que em parte alguma da superficie do globo a harmonia entre as condições do meio e os caracteres das raças é mais perfeita.

Se nos fosse possível determinar a influencia que os elementos que constituem o meio geographico manifestam sobre a construcção moral e phisica de um agrupamento ethnico, veríamos que entre o meio e o homem ha relações tão intimas, ha uma interdependencia tão profunda, que, do seu encontro, ou resulta um equilibrio estavel para o organismo collectivo, ou uma incoordenação que impossibilita a fixação do agrupamento no tempo. Entre estes extremos ha, naturalmente, todos os graus de transição, passagens sem fortes soluções de continuidade, que as pequenas variantes do meio e os caracteres peculiares á raça explicam cabalmente.

E' claro que não pretendemos subordinar todas as manifestações de uma collectividade

ethnica ás condições naturaes que a envolvem. Não admittimos a opinião que aos elementos geographicos, isolados ou no seu conjuncto, attribue, sempre, a direcção tomada, pelos espiritos e traduzindo uma civilização. É certo

que esta exige um meio geographico com caracteres especiaes, para que a sua expansão seja facil, mas a base anthropologica lhe é absolutamente necessaria, porque não ha condições geographicas a desenvolverem uma civilização, quando são negativas ou improgressivas as qualidades fundamentais d'uma collectividade ethnica. Além d'isso, os factores de ordem moral e social são tanto mais preponderantes quanto mais larga e profunda é a obra intellectual humana, isto é, quanto mais brilhante, intensa e expansiva é a civilização.



BUSHMANO

Nos povos primitivos, a sua historia é quasi inteiramente a traducção dos caminhos geographicos por elles percorridos.

A raça influe, certamente, mas o meio imprime á cultura inferior um typo social, não contrariado pelos factores de ordem moral e intellectual, que são, n'essas collectividades, sem energia sufficiente para se des-

prenderem occasionalmente da acção do meio geographico.

Os povos superiores não se conservam dentro dos limites geographicos que melhor se harmonisam com a sua constituição phisica e moral. Espalham-se por todas as zonas, onde o conflicto entre as condições ambientes e a sua vitalidade organica poderá traduzir-se em resultados diversos, desde a mais completa adaptabilidade aos agentes exteriores até a mais absoluta incompatibilidade com estes agentes. Isto importa dizer que a predominancia do meio externo ou a supremacia dos caracteres ethnicos nas raças superiores é função da inadaptabilidade ou da harmonia que estas revelam quando collocadas dentro d'essa atmospheria phisica e moral. No primeiro caso, soffrem as funções organicas, que não resistem á acção subjunctiva do meio. A energia moral fallece, porque não encontra, a sustental-a, uma reserva animal que assiste ás raças identificadas com as condições exteriores. No segundo, estabelecido o equilibrio e firmada a garantia de que a collectividade ethnica não decairá no tempo, a predominancia dos elementos moraes e as iniciativas só remotamente dependentes dos factores geographicos accentuam-se progressivamente, apparentando não poucas vezes uma quasi autonomia.

O conhecimento d'esta verdade importa uma these anthropo-social. Á superficie da terra,— tanto quanto nos ensinam os elementos geographicos das zonas habitadas pelas raças humanas,— ha uma distribuição ethnica que, desde os tempos mais antigos, se conserva quasi inalteravel. Essas collectividades humanas fixaram-se no tempo e em zonas regularmente delimitadas, gravitando em volta de centros regionaes, cujos caracteres geographicos lhes permitem manifestar uma individualidade propria.

Sempre que os agrupamentos ethnicos se teem transportado do seu meio de origem para outro que lhes é adverso, a energia da raça soffre, e a sua extincção é um phenomeno natural. Mas todas as vezes que as ligações intimas entre os immigrants e o meio não geram um antagonismo, mas uma harmonia completa, a raça prolifera e vive. Traduzindo estas afirmações sob uma fórmula synthetica, pode-se concluir muito legitimamente que a distribuição geographica dos agrupamentos ethnicos á superficie do globo importa uma distribuição equivalente das condições regionaes peculiares a essas ethnias. E como em toda a superficie da terra, desde as epochas prehistoricas, encontramos, com insignificantes variantes, uma mesma distribuição d'essas collectividades humanas,

é permittido concluir que alguma coisa se passa entre estas e as condições geographicas, que torna uma verdade logica, natural, a dependencia entre os phenomenos da natureza humana e os agentes da constituição geographica da zona habitada.

D'esta these não será licita a conclusão de uma harmonia pre-estabelecida entre os agrupamentos humanos e o seu meio de origem. Basta o facto de terem as raças superiores, nos seus movimentos de expansão, encontrado condições geographicas favoraveis, longe do seu centro de apparecimento, para que não criemos a falsa hypothese de ter a natureza reservado logares especiaes consoante a categoria d'essas raças.

Essas circumstancias favoraveis revelam unicamente que o equilibrio produzido significa que as novas condições geographicas são affins das que contribuíram para a formação da raça ou do povo emigrante.

Á falsa hypothese do cosmopolitismo humano, preferimos a these geral da subordinação de todos os seres a limites naturaes de existencia, a zonas precisas de movimento, a áreas determinadas de expansão, fóra das quaes a estabilidade ethnica se altera, degerando.

«*En étudiant l'espace, il faut tenir compte d'un élément de meme valeur, le temps*», diz E. Réclus. Effectivamente, as condições geographicas variam, quanto á sua importancia social, com o tempo. Os grandes relevos orographicos, as estepes extensissimas que bordam a Africa e a Asia, os grandes sulcos que estes continentes apresentam em certas direcções, representam ainda um valor incomparavel na vida moral e social dos povos inferiores, mas esse valor tem, com o tempo, perdido uma grande parte da sua influencia nos povos progressivos, nos que procuram a sua autonomia intellectual pela successiva preponderancia dos elementos moraes no seu viver colectivo.

Os povos primitivos são sensivelmente homogeneos pela sua constituição ethnica. Deve-se aos factores geographicos essa pureza anthropologica, mas á mesma causa se attribue, com razão justificada, o seu quietismo social, que os conserva improgressivos e misoneicos. Os povos superiores revelam, pelo contrario, uma tendencia opposta, que os incita ao cosmopolitismo, sem que este ideal nunca possa ser realizado.

N'uma raça,— no sentido anthropologico d'esta palavra,— temos de attender aos seus caracteres organicos e aos seus predicados moraes e intellectuaes. Aquelles estão sujeitos a condições naturaes de existencia, como acontece a qualquer outro ser animal ou ve-



graus successivos desde a possibilidade de permanencia da raça, quando transportada para um meio affin, até á degenerescencia rapida e completa, quando emigrada para um meio hostile.

Mas os caracteres moraes e intellectuaes criam energias especiaes, soffrem estimulos diversos dos provocados pelos factores geographicos. O agrupamento ethnico, na impulsão que experimenta pela influencia d'esses estimulos de hierarchia superior, precisa harmonisar as tendências do seu espirito progressivo com as qualidades propriamente animaes do seu organismo. Quando essa harmonia é impossivel pelo transporte da raça para um meio exotico, a civilisação creada não apresenta um aspecto systematisado, não revela uma unidade de fim em todos os seus modos de ser. Faz-se naturalmente o encontro entre os agrupamentos ethnicos com qualidades organicas e energias psychicas differentes, e d'esse encontro ou resulta uma junção de forças pelo crusamento, se os agrupamentos são ethnicamentesemelhantes, ou accentua-se o antagonismo e a separação permanente dos grupos em presença.

Vê-se como os estimulos moraes, que procuram ás raças superiores uma autonomia em presença das condições geographicas que as cercam, não possuem os requisitos necessarios para libertar igualmente os nossos caracteres ethnicos. Estes conservam-se inalteraveis, continuando a necessitar, para o seu completo desenvolvimento no tempo, de condições de meio apropriadas, que não encontram em todas as zonas da superficie da terra. A energia moral das raças superiores dá-lhes a miragem de um cosmopolitismo que não existe, mas assegura-lhes tambem uma relativa independencia, *no seu meio proprio*, em presença de todas as condições geographicas que constituem esse meio. Comparando a civilisação norte-americana e sul-australiana com todos os *typos* da civilisação e das colonias promovidas pelos povos europeus, encontraremos facilmente a justificação da doutrina que sustentamos. Veremos tambem, quando analysarmos os aspectos da civilisação africana, que o valor moral e intellectual dos povos progressivos não é condição unica para que as collectividades ethnicas

se firmem no tempo e em qualquer região.

Parece-nos licito concluir: que a distribuição ethnica á superficie do globo está sujeita a leis naturaes, independentes da nossa vontade nem de quaesquer iniciativas estranhas á synthese estabelecida entre a vida humana e as condições geographicas do meio; que as raças superiores tendem, dentro das condições normaes que lhes são favoraveis, a accentuar progressivamente a predominancia dos factores moraes na sua vida collectiva, tornando subsidiarios da sua vontade os elementos geographicos, cuja significação se torna, para ellas, de valor secundario; que, pelas mesmas razões, os agrupamentos ethnicos que occupam o ponto culminante da escala humana, tendem, principalmente pela sua camada superior, para um crusamento das suas mutuas energias, ligando-se mais ou menos facilmente em virtude das suas affinidades naturaes; finalmente, que as raças inferiores são productos quasi exclusivos do meio geographico, de um modo mais completo e decisivo que o revelado pelas raças superiores na infancia das suas civilisações.



UMA BUSHIMANO

• • •

Estas considerações, que julgamos indispensaveis para se poder interpretar o progresso das sociedades africanas, chamam-nos naturalmente a um assumpto que precisa ser esclarecido, antes de querermos julgar, pelo estudo da distribuição das raças humanas na Africa, se a civilisação neo-europêa n'este continente ganhará uma feição analoga á

das sociedades creadas pelos povos europeus em outros continentes ou se a sua organização terá caracteres especiaes.

Os emigrantes europeus espalham-se por toda Africa. Qual o resultado ethnico d'esta onda humana sobre um tão extenso fragmento da terra? Qual a influencia que pertence a cada uma das suas *regiões naturaes*? Como se traduz, em materia de crusamentos fixaveis no tempo, o encontro entrê as raças superiores da Europa e o elemento indigena, heterogeneo, que se distribue por todas essas regiões?

Estabeleçamos previamente alguns principios, para que seja mais facil a comprehensão dos factos que tivermos de apontar.

As raças humanas não constituem uma unidade homogenea. Ha, entre ellas, diferenças tão importantes, são tão persistentes muitos dos seus caracteres, que é impossivel deixar de admittir, quer individualmente, quer em especial na vida collectiva de cada uma d'ellas, toda uma hierarchia que as classifique em grupos regularmente definidos. Entre estes grupos, quando proximos pelos seus caracteres, crearam-se ligações, deram-se crusamentos de tal ordem, que hoje a distribuição ethnica indica que do typo humano superior se desce ao ultimo da escala sem fundas soluções de continuidade. Dos seus caracteres propriamente anthropologicos, da sua constituição moral, do aspecto synthetico de cada agrupamento ethnico se deduz a sua dissimilhação e a hypothese possivel de uma origem proxima mas não inteiramente identica. Se são especies affins, se raças irmãs, se typos que se diferenciaram com o tempo nos successivos meios que percorreram dando os productos actuaes, pouco nos interessa saber, porque todas as hypotheses são plausiveis, conforme o criterio que tomarmos por guia n'este assumpto. Mas o que é absolutamente confirmado é o facto da irreductibilidade dos caracteres ethnicos, d'aquelles que separam os grupos e dão-lhes uma conformação especial, dentro dos limites do tempo registados pela sciencia. Isto importa dizer que as condições do meio geographico não alteram fundamentalmente os caracteres ethnicos de uma raça, embora n'esse meio sejam susceptiveis de largas modificações os seus predicados moraes e intellectuaes. Ha no nosso organismo alguma coisa de persistente, que exige, para se alterar, um tão grande espaço de tempo, que se pode logicamente affirmar a sua permanencia, visto que um periodo d'esta ordem está fóra dos limites da nossa visão pre-historica e nenhum facto nos autorisa a suppôr que nas sociedades futuras uma modificação radical, dentro de uma raça, se possa dar pelas condições geographicas que a cercarem.

Cada agrupamento ethnico tem, portanto, uma individualidade propria, uma constituição especial, que traduz em todas as suas manifestações uma perfeita synthese. D'esta systematisação dos elementos organicos e psychicos resulta o *character* proprio de uma raça, adaptado a determinadas condições do espaço, fóra das quaes a harmonia dos elementos não se sustenta e a energia organica desfallece.

No agrupamento superior, formado pelos typos ethnicos de hierarchia mais graduada, ha ainda diferenças secundarias, mas a constituição intima é approximadamente igual, de sorte que a junção dos typos anthropolo-

gicos pertencentes a este grupo não indica, a julgar pelos seus resultados, antagonismos organicos que difficultem ou impossibilitem o seu crusamento. Entre *teutões*, *celtas*, *slavos* e *mediterraneanos*, apesar da diversidade dos seus typos, a mistura realisa-se, firmando-se no tempo, consoante o grau e o numero dos crusamentos. Em França, embora os seus tres typos predominantes se encontrem relativamente puros em zonas restrictas, a sua reunião, desde os tempos das invasões pre-historicas, praticou-se em tão larga escala, que deu logar ao typo social gaulez dos modernos dias. Na Allemanha, o prussiano occidental, de pura estirpe escandinava, fundiu-se com o brachycephalo das provincias do sul, celta como o irlandez e o bretão, e d'essa união surgiu o povo germanico actual. E como em França e na Allmanha, todos os paizes da Europa, povoados por typos ethnicos anthropologicamente diferentes, mas organicamente semelhantes, compõem-se de raças misturadas, de crusamentos realizados desde os tempos mais antigos, predominando, naturalmente, conforme as regiões, ora uma, ora a outra raça.

No grupo superior humano os crusamentos entre as raças que o compõem são portanto *fixaveis no tempo* e podem dar logar a typos intermediarios. E' uma verdade demonstrada pelos factos observados pela ethnologia comparada. Poder-se-ha discutir se, mesmo dentro d'este grupo, os productos do crusamento não tendem a approximar-se ora de um ou de outro dos dois typos humanos fundamentaes. Será licito o exame sobre o quanto da energia desenvolvida pelos povos ethnica-mente homogeneos, comparada com a dos que o não são. Mas o que não admite duvidas é a viabilidade dos crusamentos no tempo, é a permanencia do typo intermediario asism constituido. O *anglo-saxon* actual, feito de elementos ethnicos diversos, é tão estavel como o *frisão* mais puro ou o mais *escandinavo* dos actuaes habitantes da Suecia. Na Noruega encontram-se dois typos louros anthropologicamente diversos pelos seus caracteres craneanos. E no entanto os crusamentos d'estes typos, que se fazem constantemente, indicam que o seu producto vive no tempo.

Ha, effectivamente, maior antagonismo entre os caracteres anthropologicos das raças do norte e as do sul da Europa, mas a comparação da percentagem dos louros nos paizes do sul, tendo em vista as causas historicas, revela bem que não ha entre as raças da Europa uma impossibilidade organica em se crusarem nem mutua repulsão proveniente de causas profundamente intimas. Este facto significa que o equilibrio organico das raças que compoem



CONGOLENCES

o grupo da civilização tem leis biológicas, ás quaes esse equilibrio se subordina; os caracteres ethnicos estão coordenados em um determinado sentido, de modo que a resultante de todos estes phenomenos tem *uma orientação* definida. A reunião por crusamento d'estes typos não desloca sensivelmente o centro da gravidade das suas aptidões organicas, a natureza não faz nenhum esforço que indique uma mudança no sentido em que se dispõe a synthese ethnica.

Do conhecimento d'estes factos resulta a

afirmação de que n'uma zona onde se firma uma das raças do primeiro grupo humano, todas as restantes do mesmo grupo teem analogas possibilidades de fixação. Da fusão de dois ou mais typos resultará um *character colectivo* diferente, mas o producto não degenera. E' o caso dos Estados Unidos, onde a estatistica demographica do seculo XIX indica, no começo, uma percentagem muito maior do anglo-saxon e do teutão e no ultimo quarto do seculo essa percentagem é mais favoravel ao elemento neo-latino, resultando d'esta circumstancia uma feição intellectual e moral no povo norte-americano diversa da dos seus primeiros tempos.

Estas considerações, applicadas ao grupo humano primitivo formado de raças negras, confirmam a doutrina que considera a especie humana composta de collectividades desegualmente *polarizadas*. Typos af-

ins, pertencentes a este grupo inferior, fundem-se com facilidade, crusam-se sem revolta das suas qualidades ethnicas nem das suas energias intimas.

São frequentissimos na Africa, na Oceania e na America esses povos crusados ao lado dos typos genuinamente puros. E' porque entre elles não houve, quando se crusaram, um conflicto organico, não se deslocou tambem o seu centro de gravidade; os mais intimos phenomenos do dynamismo cellular conservaram a formula da sua serieção e mutua

conjugação. Entre estes dois grupos extremos encontram-se as mais diversas raças, constituindo, pelas afinidades que as aproximam, novos grupos que se succedem, crescendo em hierarchia, desde os representantes inferiores da nossa especie até os povos que habitam mais intensamente a Europa e a America de origem europêa. Se as qualidades intimamente organicas de todos estes grupos humanos permittissem a fusão, por cruzamentos, de todos elles; se a formula da sua estabilidade ethnica fosse igual, quer entre as raças proximas, quer entre as remotas, comprehende-se que deveresmos encontrar, como na Europa, exemplos firmes, *no tempo*, dos cruzamentos realizados entre os representantes dos grupos existentes. Assim, na Asia reconheceria-

mos os productos, conservados intactos, de todas as raças que teem habitado aquelle continente. Na Africa igual phenomeno se deveria observar.

Ora, examinando demoradamente uma carta da distribuição ethnica á superficie do globo, reconhecemos que cada grupo forma os *seus* typos mestiços: é o caso dos cruzamentos entre os povos europeus, conhecidos vulgarmente por aryanos ou indo-germanicos. Os grupos affins juntam-se com relativa facilidade, dando productos viaveis em gerações successivas: é o que se nota entre os lapões e os slavos, entre os tar-

taros e os slavos actuaes, os chinezes e os malaios, entre os negros brachycephalos e dolichocephalos. Quanto maior é o afastamento entre a categoria ethnica de um grupo e

a do outro, quanto mais estes se approximam dos extremos, mais raros são os exemplos de sociedades cruzadas *permanentes*, porque mais intenso é o antagonismo entre essas raças.

Ha, evidentemente, nos meios exóticos onde o *grupo da civilização* domina, casos esporadicos de cruzamentos e até não poucas vezes aspectos de collectividades simulando um cruzamento de feição permanente entre as raças superiores e as mais inferiores de todas. Mas é um cruzamento instavel, exigindo constantemente uma renovação do sangue superior. Nota-se uma deliquescencia nos personagens que representam essas sociedades; ha uma degenerescencia facil, que traduz uma desharmonia intima quando a



SOMALIS

fusão se estabelece e que se exteriorisa por formas varias, como se este esforço organico fôsse contrario ás leis geraes da natureza.

Comprehende-se bem que estes pheno-

menos de antagonismo serão funcções de muitas variaveis; em alguns casos, talvez,



UMA CABYLA

apparentem uma estabilidade, pelo menos temporaria, do crusamento obtido. Não negamos que isso aconteça, e exemplos encontramos, e não poucos, na America latina. Seria porem indispensavel que um censo rigorosamente feito nos dissesse se os movimentos da população formada pelos personagens dos grupos humanos extremos indicam, em todos os seus dados demographicos, se a população decresce, estaciona ou progride; se a entrada do sangue novo, trazido pela raça superior, augmenta a vitalidade manifestada pela raça crusada. E' necessario porem dizer que os factos observados na America não podem servir de documento, quando tenhamos de considerar phenomenos analogos no Continente africano. E' diferente o meio americano do da Africa; em-

bora, da sua situação geographica, se possa inferir que a America do Sul e o Continente negro se approximam pelas suas condições naturaes, não é menos certo que os factores geographicos dão aos dois continentes *typos de meio* não identicos. Alem d'isso o elemento ethnico que constitue o sub-solo da população sul-americana não é igual ao que forma o grosso da massa humana em algumas das *regiões naturaes* da Africa.

N'este continente não surgiu ainda, do conflicto entre os europeus dominadores e os indigenas mais baixos da escala humana, nenhum agrupamento *mixto e persistente*. O mesmo se observa na Asia, não só em relação ás raças negras mas ainda a outras cujo logar na serieção humana é mais proximo do occupado pelo *grupo da civilisação*.

Não pretendendo n'este momento discutir a doutrina contraria, que admite a possibilidade das ligações, sem numero limite, entre todos os grupos humanos, e espera por uma fusão de todas as raças actuaes d'onde resulte uma collectividade ethnica mestiça, isto é com caracteres importados de varios grupos, parece-nos facil responder ás perguntas que fizemos sobre a influencia propriamente anthropologica que as ondas humanas da Europa podem ou devem revelar no Continente africano.

Conforme a *região natural* d'este vastissimo triangulo emergente, assim a sua distribuição ethnica. Cada uma d'essas zonas que indicámos offerece, por condições geographicas especiaes, que importam characteristics climicas egualmente distinctas, um meio vantajoso ou hostil, de possivel adaptação ou regularmente antagonico, consoante a natureza da raça que receber. N'este momento, a ethnologia ensina, do seu estudo, que os agrupamentos que se encontram em Africa estão em harmonia com os caracteres que exprimem o meio. Cada região conserva um agrupamento determinado e como entre as regiões ha affinidades,—embora differenças secundarias as separem,—observamos tambem, com ligeiras excepções, na sua distribuição ethnica, uma escala gradual. Quanto mais *africano* e extremo pelos seus caracteres de clima quente é a região, tanto mais baixa é a hierarchia do agrupamento que a habita. Ha, entre varios d'esses grupos affins, crusamentos fixos no tempo, mas nenhuma raça mestiça se encontra formada entre os representantes dos povos europeus e os que constituem as raças propriamente negras e que occupam a mais vasta porção do Continente africano.



Dissemos que na Africa havia a considerar oito *regiões naturaes*, que, pelos seus caracteres geographicos, se distinguem sufficientemente, de modo a permittirem a formação de meios apropriados a certas collectividades ethnicas. Tres grupos fundamentaes de raças humanas se encontram n'este continente: o grupo *européu*, o *hamito-semíta* e o *negro*. Ao 1.º pertencem os typos *mediterraneanos*, *slavos* e *anglo-teutões*; ao 2.º, os *hamitas orientaes* e *occidentaes*, e os *semitas*, incluindo n'esta designação, os *arabes*, os *judeus* e os *phenicios*; ao 3.º, os *negros sudanezes*, o agrupamento *negroide bantú*, os *negritos*, os *hottentotos* e os *bushmanos*.

N'este simples enunciado dos grupos humanos existentes no Continente, e sem mais considerações sobre a classificação de todas estas raças, se vê que ha dois grupos superiores e um que pertence ao ultimo grau descendente da escala humana. Tentando fixar a serieção pelas categorias, e notando as regiões em que se encontram de preferencia, vemos immediatamente o seguinte. A região *nilotica* é dominada ethnicamente pelos *hamitas*; a zona mauritanica pelos *hamito-semitas*, como tambem a região *sahariana*; os *hottentotos* e *bushmanos* preferem o deserto meridional do Continente, toda a facha da Bechuanelandia, o Kalahari até o Alto Zambeze; os *negros sudanezes*, a zona *sudanica*; o *negroide-bantu* e todos os grupos secundarios que com este teem relações ethnicas, em toda a nesga da Africa que contém a vasta bacia hydrographica do Congo até ás margens do Atlantico, abraçando o grande quadrilatero, limitado pelos rios Zambeze, Congo, Niger e o Senegal. O *grupo europeu*, em graus de concentração, unicamente, nos extremos sul e norte, acha-se esparso em quasi todas as regiões do litoral.

Analysando esta distribuição ethnica, colhemos dados importantes que esclarecem os problemas da Africa e dos quaes nos serviremos no proseguimento d'este estudo. Os *negritos*, typo pygmeu, e o ultimo da serie humana, não apresentam uma preferencia de meio regional. Foram talvez os primeiros habitantes da Africa ou de qualquer continente que, em tempos primitivos, de que só vagas tradições nos restam, se ligasse com o continente actual. Perseguidos por successivas invasões das raças negras affins, mas mais energicas, foram repellidos em differentes sentidos e hoje encontram-se espalhados desde a Somalilandia, sob a designação de *Tankas*, até os limites do Congo francês, no Ogoué. São creaturas destinadas a desaparecerem a curto praso, logo que os grupos superiores tiverem tomado posse real dos

paizes onde esses pygmeus se encontram. A área da sua distribuição traduz as lutas que tiveram de soffrer com os povos que marchavam do oriente. Vêem-se no Alto Congo, na região dos grandes lagos, no Massai, no paiz dos Gallas. Ao sul, chegam até o Limpopo e ao occidente, até o Sangha. No norte, ha quem os tenha encontrado perto do Egypto. São morphologicamente semelhantes aos *Andamans* do golfo de Bengala, aos *Mincopias* das Filipinas e ao typo negroide inferior do baixo Decan. Esta situação no oriente da Africa e as ramificações que soffrem em diversas direcções não deixam duvidas sobre os soffrimentos passados por este grupo humano em presença dos inimigos mais fortes e provavelmente melhor armados. Organicamente fracos, incapazes de se concentrarem, cr-



UMA ABYSSINIA

rando pelas florestas e pelas estepes do Continente, bem cêdo pertencerão ao passado,

a exemplo dos seus similares do Indus-tão ?

Seguem-se-lhes os *hottentotes* e os *bushmanos*, cuja historia ethnica, apesar de varios trabalhos de immenso valor realisados no dominio das sciencias anthropologicas, é ainda hoje difficil de se precisar. Ha n'estes dois ramos vestigios das raças do Extremo-Oriente, vestigios indecifraveis, salvo hypotheses de uma primitiva ligação entre o sul africano, a ilha de Madagascar e a Malasia. Não constituem, principalmente os *hottentotes*, um agrupamento em caminho de immediata degenerescencia. Occupam uma região, onde são necessarios, mas é provavel que a immigração de raças incomparavelmente mais energicas as obrigue a dispersarem-se, fugindo para as regiões onde os invasores não terão probabilidades de se firmar. O seu *habitat* é no sul da Africa, na Colonia do Cabo, do Orange e no Transwal,— paizes que constituem, pelos seus caracteres geographicos, uma região natural,—e a extremidade de toda a facha montanhosa do Continente. Os *bushmanos*, que formam, na escala da superioridade, a passagem entre os *pygmeus* e os *hottentotes*, vão já soffrendo o destino d'aquelles e espalham-se por isso não só no deserto do Kalahari, como chegam, ao norte, até ao Tanganika.

Do grupo *negro* são as raças que indicámos o sub-grupo inferior, constituindo os *hottentotes* a passagem d'este para o sub-grupo superior, composto dos *negroides-bantús* e *negros sudanezes*. Não despreveremos os caracteres ethnicos d'estes grupos humanos. Seria um trabalho de anthropologia pura, que podemos pôr de lado n'este estudo. Diremos unicamente que é justamente entre os *negros sudanezes* e os *hamitas orientaes* que os crusamentos são mais frequentes, sem que se possa affirmar, a julgar pelas descripções dos exploradores e naturalistas, — que existe um povo absolutamente constituído de elementos *hamito-orientaes* e *negros sudanezes* propriamente ditos.

O grupo negro é cercado ao sul pelos europeus, a leste pelos *hamitas* e *semitas*, ao norte pelos representantes d'estes dois grupos principaes. Os *bantus* e os *sudanezes*, depois de terem repellido os *pygmeus* e os *bushmanos*, soffrem a seu turno a invasão lenta dos povos superiores. E' a luta a que assistimos n'este momento e que em virtude de uma alta comprehensão da civilização europêa na Africa, vae tomando um aspecto completamente differente da dos tres primeiros quartos do seculo XIX.

Todo o leste africano é habitado pelos *hamitas*, os antigos *ethiopes*. Do Egypto até

ao Massai, do Guardafui até ao Alto Nilo, este grupo ethnico, de grande vigor organico, sustenta igualmente uma lueta tenaz contra a invasão europêa. Toda a facha oriental é dominada principalmente pelos *hamitas* e pelos crusamentos que teem produzido com o primitivo elemento indigena. Pertencem a este grupo os habitantes da Nubia meridional, os *somalís*, os *massais*, os *bejas*, os *afars* do Danakile e ainda outros ramos com caracteres morphologicos e moraes muito diversos dos do grupo negro. A sua influencia ethnica espalha-se pelo Sahará e chega até ás margens do Mediterraneo. Encontram-se na Argelia, Tunis, Tripolitana, Barka e propagam-se até ao Egypto, crusando-se com os *semitas* em todos estes paizes que formam as regiões naturaes *nilotica*, *mauritanica* e *sahariana*.

A distribuição ethnica na Africa manifesta-se por camadas humanas que se justapoem. Aos *negritos pigmeus* seguem-se os *hottentotes* e *bushmanos*; a esta sub-divisão, os *negroides-bantús* e os *negros sudanezes*. Na ordem da sobreposição e categoria, veem os *hamitas orientaes*; em seguida os *hamitas occidentaes*, que revelam já caracteres phisicos e intellectuaes superiores. O grupo *semita* é o que antecede em hierarchia o europeu. Constituem os actuaes povos da Europa a ultima onda humana recebida pelo Continente africano. Os *semitas* occupam tambem, mas esparsamente, as tres regiões norte-orientaes da Africa. O seu crusamento com os *hamitas*, principalmente com os do occidente, é facil e firme no tempo. Teem, com elles, affinidades ethnicas, parentesco e semelhanças intellectuaes e moraes.

As differenças ethnicas entre todos estes grupos humanos traduzem igualmente nos typos sociaes que elles manifestam diversidades equivalentes. Religião, crenças, linguas, cultura, tudo concorre para a legitima classificação das categorias que indicámos. D'estas raças, algumas do grupo negro, terão necessariamente que desaparecer; outras precisam viver, porque a civilização africana não será possivel sem ellas. O grupo *hamita*, fazendo a passagem entre os agrupamentos inferiores e os typos mais graduados, traduz tambem uma necessidade ethnica, que não pode ser prejudicada. O seu papel na historia futura da Africa deve estar marcado; a sua missão não pode ser dispensada. A metade norte-oriental da Africa apresenta hoje uma forte população, com qualidades de energia moral que merecem ser cuidadosamente attendidas. Na metade sul-occidental a predominancia ethnica pertence ao grupo negro.

São diferentes as regiões naturaes da Africa ; são diversas, pela sua hierarchia na escala humana, as raças que habitam o continente. O grupo negro é cercado pelos hamitas e semitas e estes dois agrupamentos pelos europeus. Ha portanto uma luta ethnica tenacissima.

A situação geographica especial do Continente africano imprime a este conflicto entre tantas raças diversas e organicamente antagonicas uma significação que merece ser detidamente analysada.

Bordam a Africa as melhores e mais movimentadas estradas do mundo; os seus grandes rios põem essas estradas em communicação com o centro do vasto triangulo. Defronte da America e ligada á Asia, domina o Atlantico-Sul, o Mar das Indias e o Pacifico Australiano; vigia o Mediterraneo e está a poucos dias da nova estrada da Anatolia. A sua funcção no progresso e na concorrência dos povos europeus será infallivelmente immensa.

As suas qualidades geographicas e os seus caracteres ethnicos, bem analysados, hão de esclarecer-nos sobre o papel politico e economico, que cada uma das suas vastas regiões

naturaes deve representar na politica mundial. Os ultimos povos invasores, desembarcados da Europa, não podem, por leis ethnogenicas, fixar-se, em crusamentos permanentes com as raças inferiores, em nove decimos do Continente. Entre elles e o grupo inferior ha que contar com fortes collectividades humanas, possuidoras de direitos de posse effectiva em mais de metade da Africa.

São complexos os problemas que os *movimentos* das populações africanas apresentam ao estudo reflectido dos homens da sciencia. A civilização do Continente tem de ser alguma coisa de diferente da que os novos invasores promoveram na America e na Oceania.

Tudo conflue n'este sentido e tudo faz suppor que não é ainda n'este seculo que a carta politica da Africa será definitivamente organisada. Novas ambições, novas lutas dar-se-hão á superficie d'este immenso bloco, que a natureza fez emergir, como a dificultar a passagem entre as velhas civilizações do Oriente e as margens do Atlantico Septentrional onde se combatem ainda, por uma lei geral da concorrência na vida, os mais illustres representantes da especie humana.

SILVA TELLES



GEISHAS

# Uma visita á Beira

POR ANTONIO ENNES

(Continuação).—Um batuque militar.—Theatro do matto.—Uma ovação a Caldas Xavier.—A missa no areal.—A visão da Patria.

**P**RINCIPIOU o grande espectáculo. Estenderam-se as columnas n'um grande semicirculo de que a minha palhota era centro, e os negros sentaram-se na arêa, costas para o mar, joelhos á bocca. Entoaram uma cantata de notas vibrantes, e logo um d'elles se ergueu e avançou para a frente da linha, saudado pelas acclamações phreneticas dos outros, reforçadas por palmas, assobios, estridencias de buzinas corneas. Era um chefe e um bravo; alguns dentes pendurados ao pescoço attestavam que já tinha morto outros tantos homens na guerra. Ia *pombeirar*. Atacou uma especie de recitativo, cortado em phrases curtas, a que os companheiros respondiam em côro, e representou com uma vivacidade doida de gestos, de saltos, de contorsões, animadas scenas guerreiras, investidas impetuosas, fugas, emboscadas, combates com azagaias, lutas braço a braço, terminadas pela victoria sobre o inimigo, derribado, espezinhado, crivado de golpes. Segundo a significação que tinha, a mimica era muda ou explicada e commentada n'um canto adequado, em que a espaços intervinha o côro. E que originaes harmonias, que melodias doces, que engenhosas combinações de notas e de tons haviam inspirado as musas da natureza áquelles artistas intuitivos. Quando o *pombeirante*, depois de expandir as ufancias do seu triumpho n'um tripudio de possesso, volveu a sentar-se modestamente entre os companheiros que o applaudiam delirantes; logo outro o substituiu, seguindo-se outro e outros, sem nunca haver competição, todos recebidos com vociferações de alegria e de enthusiasmo, todos igualmente ajudados pela massa choral. A mimica variava conforme o character ou o capricho do executante, mas era sempre viva, e sempre obrigada a grandes pulos e a manejos de azagaia, figurada pela espingarda ou pelo bambu. Alguns folgazões davam-lhe um character grotesco, que provocava estrondos

gargalhadas dos espectadores, faziam cousas increditaveis, desengonçavam o corpo em attitudes ridiculas, simulavam situações truanescas. Um representou por completo o ataque nocturno de surpresa a uma povoação inimiga, a descoberta ardisiosa, a marcha acautelada, o assalto inopinado, a chacina, o saque, a retirada com a presa, tudo entremeiado com *numeros de musica*, como se diria nos cartazes, se os tivessem aquelles espectaculos. Quando o corypheu tinha popularidade pelos seus feitos d'armas, ou conseguia fazer chegar ao rubro o enthusiasmo do seu publico, levantavam-se admiradores expansivos e atiravam-lhe para cima da cabeça e dos hombros punhados de arêa, de palha, de hervas. Por vezes a pantomima e o canto significavam preito e tornavam-se apothoticos; o *pombeirante* gesticulava e saltava deante de mim, parecendo ameaçar-me com a azagaia erguida, soltando gritos estridentes, procurando talvez intimidar-me e por fim pousar-me a mão na cabeça ou puxar-me ao de leve pelas barbas, ao som de acclamações phreneticas da turba. Eram demonstrações de respeito, aquellas familiaridades que me envolviam a cabeça n'um nimbo de vapores de catinga!

A etiqueta d'aquellas festas não permite a qualquer insignificante apresentar-se a *pombeirar*. Não sendo a dança mera recreação, mas sim uma solemnidade em que guerreiros narram e celebram os seus feitos, estimulando com o exemplo proprio o valor alheio, quem nunca matou sequer um inimigo não deve sair dos córos e a transgressão ousada d'esta regra é punida com apupos, quando não cachações. Em compensação exige-se que o chefe respeitado e temido, que o valente que se assignalou por alguma proeza exhiba a sua pericia chorégraphica perante o seu povo e os companheiros d'armas.

O pobre major Caldas Xavier não escapou

a essa exigencia, que significava afinal uma homenagem ingenua á sua bravura.

De cada vez que se retirava um *pombeirante*, os negros gritavam: *majozo! majozo!* n'um temporal desfeito de gritos, de palmas, de ditos, em que se distinguia um sopro affectuoso. Fizemos com que elle respondesse ao appello, apparecendo á frente da sua gente, mas quasi nos arrependemos. Saltou n'elle a turba-multa a entornar-lhe em cima a praia e o matto, n'uma ovação delirante em que a sua pequenina figura nervosa desapareceu por largo tempo n'um torvelinho de braços agitados, de membrudos corpos remexidos. Mas ninguem o desacatou!

Bôa gente afinal!

Bôa e simples, como a infancia. Quando eu lhes disse que o rei queria premiar a fidelidade com que elles haviam servido o seu *indunz*, os chefes pediram-me que lhes desse umas divisas de panno encarnado que pregassem no braço, para mostrarem nas suas terras, — diziam — que rei era amigo d'elles, e a arraia miuda exultou com a distribuição, que lhe mandei fazer, de *cofiós*, barretes de malha de lã, vermelhos ou azues, e retalhos de panno para enrolarem na cinta. Nada mais ambicionaram, a não ser, já se vê, o inevitavel *mata-bicho*.

O *batuque* guerreiro com que elles me mimosearam, é privativo dos povos do sul, *landins* vatuas, *zulus*, embora o imitem já, ou antes o macaqueiem, todos os vizinhos d'essas tribus. A chorégraphia propria da região da Beira é essencialmente differente; tem uma intenção apenas recreativa e um certo caracter pastoril. O *Tica*, um pequeno regulo das margens do *Pungue* e das cercanias de *Neves Ferreira* e *Mapanda*, mandou-me comprimentar pelos dançarinos da côrte, que perante mim exhibiram os primores de sua arte. Eram quatro muleques, com o corpo nú e desornado da cintura para cima, e o ventre e as pernas cobertas até o joelho por uma especie de saia curta e tufada como as das estrellas perneantes dos nossos palcos, formada por uma espessa franja de palhas. Ao som de pequenas flautas, por elles proprios tangidas, giravam sobre si agitando os pés a compasso e meneando os corpos, com movimentos lentos e desgraciosos. Este estylo de dança parece-se tanto com o féro *batuque landim* como o covardissimo regulo de *Mapanda* com um chefe de guerra do *Gunghana*!

Antes de se retirarem para *Lourenço Marques*, a bordo da corveta *Rainha de Portugal* os voluntarios de *Caldas Xavier* ouviram missa na Beira, e, piedosos ou não, é de crer que em suas almas entrassem intimas hosan-

nas, por se haverem salvo da morte que tinham visto de tão perto e sob tantas formas medonhas.

A povoação não tinha ainda um lugar de culto religioso. Pertencia á parochia de *Sofála*, cuja séde lhe ficava tão pouco á mão que o habitante que quizesse cumprir semanalmente o primeiro mandamento da Egreja teria de perder a semana toda em viagens de ida e volta. Ia lá o parochio uma vez por outra, não cabendo uma vez a cada anno, e improvisava alguns actos catholicos, baptizando creanças negras que tinham paes ou encontravam padrinhos dispostos a pagarem 1:000 réis pelo sacramento administrado ao ar livre ou n'uma palhoça, com um copo d'agua, dentro d'um circulo de negralhada boquiaberta deante dos dourados da capa sacerdotal. A cerimonia servia de pretexto para bebericagens, batuques, e o neophyto não guardava memoria d'ella, nem adquiria nunca idéa da sua significação, pois que na terra não existia, normalmente, um signal material ou uma noção moral de christianismo.

O corpo expedicionario organizou, porém, os seus serviços religiosos logo que, a instancias minhas, lhe foram enviadas alfaias de culto, por largo tempo encalhadas nos depositos de *Moçambique*. N'um pedaço de areal entre o acampamento e o *Chiveve* armou-se uma capella, que não podia ser de mais desaprimorada fabrica, nem mais abstinentemente de pompa e arte. Era apenas uma barraca de lona, denegrida e remendada, com um panno levantado a modo de toldo para descobrir o altar, feito de taboas toscas mascaradas com um frontal de seda agalocado e alvas roupas de linho; sobre o altar, um crucifixo abria os braços entre quatro luzes desmaiadas pelo clarão vivo do sol; a par d'elle, uma banquetta enroupada em toalhas servia de pedestal á pequena imagem eburnea da Virgem, que Sua Magestade a Rainha D. *Amelia* offerrecera á expedição; d'um e outro lado do toldo tremulavam bandeiras portuguezas em hastes cravadas no chão. Em dias de missa a força expedicionaria formava deante da barraca, e a banda marcial, collocada na varanda d'uma casa de madeira que fazia frente ao altar, acompanhava as orações rituaes com melodias profanas. Realmente, nem o scenario nem o ceremonial exaltavam a imaginação ou o sentimento religioso. O local fôra mal escolhido. Havendo as immunidades do céu e do mar para zimbório e nave do templo, tinham embarracado Deus em sarapilheiras. Vista que se desfitava da ara santa ia bater nas cozinhas, nas arrecadações, nos despojos do acampamento. Os soldados vestiam as rou-

pas do serviço, desalinhas e manchadas de escuro pelas transpirações copiosas. A banda incompleta e desharmonisada, não tendo repertorio para a solemnidade do acto, tocava arias da *Força do Destino* ao *Credo* e polkas e mazurkas ao *Agnus*. Dobravam-se os joelhos sobre botas arrombadas ou solas arrancadas de butes de munição, que conspurcavam o areal. Vozearias distantes de negros entrecortavam o murmuro das preces do officiante. Todavia, apesar do ambiente de irreverencia, apesar das distracções e dos escandalos que de continuo offendiam a piedade e impediam o recolhimento dos espiritos, a hora da missa, era uma hora, talvez a unica, de intenso viver moral: homens rudes choravam lagrimas silenciosas perante o Christo livido, em cujo corpo esqueletico os rasgões da lona punham chagas e lanhos de sol, e almas refractarias ao mysticismo concentravam-se em actos de fé e de amor, quando o sacerdote elevava acima das cabeças humilhadas a hostia sacrosanta, saudada pelos rufos graves dos tambores e pelos clangores vibrantes das cornetas.

E' que ali o culto de Deus identificava-se, para nós todos, com o culto da familia e da patria. Quem não orava com os labios, orava com o coração, sentindo no seu palpitar votos fervorosos sem endereço definido, que a saudade e a inquietação suggeriam a todas as ternuras humanas, e desejando crêr, ou crendo sem o confessar, n'um poder sobrenatural para lhe entregar á protecção da sua misericórdia alguns entes queridos desprotegidos pela ausencia. Eram, certamente, grosseiras e banaes as decorações e as praticas do serviço divino; mas os sentimentos dos assistentes descobriam n'ellas estímulos para as suas intimas expansões. Quem teria olhos para attentar na defeituosa esculptura da imagem do crucificado, lembrando-se de que era elle o mesmo symbolo, deificado por adorações fervorosas, a cujos pés estariam n'aquelle mesmo momento, tantas mães alcançadas por inquietações, filhas pungidas pela previsão da orphandade, esposas nunca tornadas a si do desespero da separação, soluçando supplicas de vida em favor dos que os seus amores pavidos julgavam arriscados, nos sertões d'África, a todas as barbaridades da natureza e dos homens? Communicava-se idealmente com os ausentes queridos por meio das imagens que elles tambem veneravam. Mal se divisava a pequenina Virgem de marfim na sua maquina de vidraça que os feixes de sol fechavam a espaços, com ridentes cortinados de ouro polido, mas todas as vistas se sentiam guiadas pelas ancias da alma para aquella fagueira personificação das

virtudes e dos encantos da mulher. Com a ingenuidade pueril da ternura, pediam-se noticias á sua omnisciencia, encomendavam-se mensagens á sua omnipresença, procuravam-se presagios e revelações na expressão que a sombra ou a luz debuxavam no seu rosto pallido. Era ella a Esperança! A Rainha tivera uma feliz inspiração, dando por companheira e padroeira aos expedicionarios, áquelle grupo de homens que iam viver, sem familia, n'um ermo de affectos, a Mãe Celestial em que o Christianismo encorporou todos os carinhos santos do coração feminino. Vista através dos prismas das lagrimas saudosas dos expatriados, a graciosa estatueta tomava feições de retratos que as despedidas pungentes em cada cellula do organismo lhes haviam estampado; e se ella retivesse e repetisse, como um phonographo psychico, as preces mudas que se lhe aferravam á fimbria do manto para serem elevadas ao céu, ainda agora retumbaria no santuario que a guarda, um côro enternecedor de arrancos e suspiros, de obsecrações afflictas e timidos votos, sobressaindo d'ella vozes que Deus não costuma ouvir, supplicando tremulas: *Senhora, permitti que ainda abrace minha velha mãe! Virgem, livrae de perigos a minha estremecida filha!* Debaixo do pedestal da cruz em que o Christo agonizante ensinava o sacrificio, o branco linho do altar, offerecido pela piedade d'uma dama desconhecida, recordava consoladoramente aos soldados que a sua abnegação deixára na patria sympathias, que lá de longe velavam por elles. A musica sobre-excitava os cerebros; as notas vibrantes dos metaes pareciam fallar altivamente da gloria, retemperando as energias, ao passo que as melodias suaves espalhavam enternecimentos convidando á fraternidade humana, e os espiritos cedendo ao seu pendor de relacionar com as proprias preoccupações os factos exteriores, compunham para cada trecho lyrico libretos pessoaes. Que cousas sentidas me não disse a mim, dolorido pela morte d'um irmão, a aria *Pietà fratelli!* da *Força do Destino!* Cravadas aos lados do altar, pendente como em homenagem a Deus, mas com as dobras enfunadas pelas virações do Mar Indico, as bandeiras nacionaes electrizavam com suggestões viris os abatimentos morbidos das ternuras egoistas. Eram a honra da patria, que ali estava fiada do nosso brio; era o passado epico que nos fitava, na propria terra por elle balizada com tropheus para a civilização e para o Christianismo. Se aquella agua que alem sussurrava teria espelhado o vulto de Vasco da Gama, encostado á amurada do seu navio, alongando a vista em busca da terra?

Aquelle madeiro carcomido, acarretado pelas cheias do Pungue do interior longiquo, talvez tivesse sombreado com a ramaria soldados intrepidos d'outras eras, ou servido de pelourinho a missionarios martyrisados! Atropellavam-se no cerebro as recordações estimulantes, escandecia-se o sangue nas veias, e quando os clarins faziam vibrar os ares e os nervos, sentimos impetos de descravar as pobres cabisbaixas e, levantando-as bem alto, investir com ellas pelo sertão dentro, obrigando os povos a saudal-as de joelhos. Da figura resignada do Crucificado só se percebiam então as gotas de sangue, sumia-se n'uma neblina vermelha o rosto meigo da Virgem, esvaiam-se as visões ternas da familia, e julgava-se descobrir no largo mar azul antigas frotas ovantes com as bordas reluzentes de morriões e arnezes feridos pelo sol, que nos enviavam pela aragem atoardas entusiasticas de *Portugal! Portugal!*

Sentia-se muito, phantasiava-se muito, n'aquella hora solemne, consagrada a todos os cultos do coração humano! Quando o officiante se retirava do altar, segurando nas mãos o calix revestido e murmurando orações, havia em todos os olhares a expressão vaga e espantadiça que deixam as meditações profundas.

A missa a que assistiram os voluntarios de Caldas Xavier, essa reforçou a sua propria virtude suggestiva com os enternecimentos que de si derramavam aquelles valentes, tantas vezes havidos por mortos, que elles proprios sentiam como que o assombro jubiloso e grato d'uma resurreição. O *levantar a Deus* foi um momento de intensa nevrose religiosa. Quando a musica se calou, e, no

silencio grave resoaram successivas vozes breves e sacudidas de *joelho em terra*; quando, prostrados os corpos, curvadas as frentes, o altar pareceu crescer para o céu e o padre, mirrado dentro da casula, ergueu nos braços brancos a hostia sagrada, lentamente como sobe no horisonte a estrella da manhã, até que o seu disco, alvinitente na penumbra da barraca, parou aos pés do Christo dando por subpedaneo symbolico ao suppliciado do Golgotha um globo, imagem do mundo inundado de luz candida, como a da fé, quando a campainha lithurgica telintou e os seus chorrilhos cadenciados de agudas notas argentinas se concertaram com os rufos tronantes dos tambores e os limpidos clangores das cornetas, que faziam continencia a Deus, passou pelas almas um fremito da fé com que n'outras eras os soldados marinhheiros da epopéa portugueza deviam ajoelhar e orar, depois das tempestades e dos combates, na orla das terras remotas que descobriam e conquistavam. Tanta vibração moral houve n'aquelle acto que se communicou a gentios e selvagens. Os carregadores landins de Caldas Xavier assistiam da porta á cerimonia, fechando o campo de parada com uma sebe negra ouriçada de bambus desfolhados, curiosos e irreverentes, attentos só á musica cujos instrumentos de latão reluzente apontavam uns aos outros com gestos e interjeições mal abafadas de espanto; mas no momento de adoração, estarreceram, consultaram-se com os brancos olhos esbugalhados, um que outro deixou-se cair sobre os joelhos, e afinal ajoelharam todos, sisudos, silenciosos, reverenciando tambem instinctivamente o Deus desconhecido de Paulo!

(Continúa).



**ABSORTIA** • VERSOS DE JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.  
 MÚSICA DE M. GRISALDE.  
 (Condessa de Proença-a-Velha)

Gracioso (Metr: ♩ = 100)

CANTO

PIANO

The musical score consists of three systems. Each system has a vocal line (CANTO) and a piano accompaniment (PIANO). The piano part features a steady eighth-note accompaniment in the right hand and a simple bass line in the left hand. The vocal line is in a soprano register with a melodic line. The lyrics are in Portuguese and are placed below the vocal staff.

Es... cu... taabsor.ta à va - ran... da En... tre o cul.ta na hera em  
 flôr; A qui Jarraquelhe man... da De lon... ge na a - ra gem



bran...da quen...tes protes...tos d'a...môr.

The first system consists of a vocal line on a single staff and a piano accompaniment on two staves. The vocal line begins with a long note on 'bran' followed by a series of eighth notes on 'da'. The piano accompaniment features a rhythmic pattern of eighth notes in the right hand and a simpler bass line in the left hand.

Quen...tes protes...tos d'a...môr.

*p*

The second system continues the vocal line with a melodic phrase on 'Quen...tes protes...tos d'a...môr'. The piano accompaniment includes a dynamic marking of *p* (piano) and maintains the established rhythmic accompaniment.

Cau...te...la mi...nha tri...guei...ra Das

*pp*

The third system features a vocal line with a melodic phrase on 'Cau...te...la mi...nha tri...guei...ra Das'. The piano accompaniment includes a dynamic marking of *pp* (pianissimo) and continues with the same accompaniment style.

mãos de an...joe pés de fa...da Não te enle...ve a alma a to...a...da

The fourth system concludes the vocal line with a melodic phrase on 'mãos de an...joe pés de fa...da Não te enle...ve a alma a to...a...da'. The piano accompaniment remains consistent throughout the system.

D'es...ses re-que...bros trai-do...res      Que se fan...to ge-me-ar-

tei...ra      Não é d'amôr é d'à...mò...res.      Não é d'a-môr é d'a-

mã...res.

*p*

Os SERÕES confessam-se em extremo reconhecidos á amavel condescendencia da distinctissima senhora, que permittiu a publicação, nas modestas paginas d'esta revista, d'este delicado trecho musical. A senhora Condessa de Proença-a-Velha, que enaltece os primores d'uma distincção toda fidalga com as fulgurações d'um talento todo artistico, esmaltando os beneficios da sua alta posição na sociedade com os labores, tantissimas vezes ingratos, da cultura intellectual, tem dedicado á realização dos seus ideaes de arte um tão fervoroso empenho que pela sua iniciativa, pela sua cooperação brilhante e pela sua suggestiva influencia, conseguiu fazer refflorir nos salões a vida musical portugueza; e de tal sorte que d'aquella sua interferencia, bem digna de louvor inteiro, ficou perduravel memoria e acção. Buscando inspira-se da musica popular, e modulando-a nos dizeres da poesia portugueza, a senhora Condessa compoz uma serie de melodias, onde a alma nacional tem sentida traducção no canto. A esta valiosa collecção pertencem as paginas que os SERÕES se honram de publicar.

## UM RECLAMO SENTIMENTAL

No verão de 18. ., o movimento de passageiros e o trafico entre S. Luis e Memphis era bastante intenso; porém não tanto que podesse sustentar ao mesmo tempo a companhia de paquetes de S. Luis e o capitão Job Benton. A companhia de S. Luis, recentemente constituída com meia dúzia de bellos vapores novos, fazendo carreiras diarias, augmentava progressivamente os seus lucros. O capitão Job, com o seu unico vapor, o *Southerner*, ia invariavelmente perdendo dinheiro.

O *Southerner* era um vapor de rodas, de tamanho regular e de forma antiquada. Fazia muita agua e em regra atrazava-se de um ou dois dias em cada viagem.

Mas para o capitão estas cousas eram indifferentes; para elle o seu barco era, por todas as razões, o melhor paquete do Mississipi. De que estaleiro viera primitivamente ninguem sabia; rezava a tradição ter sido de Pittsburg. Andava, ha tanto tempo, na carreira de Memphis que mesmo os mais antigos não podiam fixar com precisão a data da sua primeira viagem.

O proprio capitão Job tinha já alguma cousa de veterano. Filho de piloto, desde a mais tenra idade, aprendera todas as complicadas obrigações do seu mister. Aos dez annos era ajudante na casa das machinas, aos quinze timoneiro, aos vinte piloto, e aos trinta patrão e um excellente patrão, embora o fosse da escola antiga. Considerava as innovações, como a illuminação electrica ou quaesquer outras commodidades, umas simples *frioleiras*; e detestava cordialmente os engenheiros do governo, com os seus trabalhosos planos de attenuar a violencia da corrente do rio. Mas elle era tão universalmente popular, e o seu barco tão largamente conhecido, que durante annos prosperara.

Com o advento da nova companhia, diminuíram-lhe a breve trecho os passageiros e a carga. A principio ficara calmo; depois, vendo a deserção augmentar de dia para dia, recebeu do seu futuro; em breve os rendimentos começaram a adelgaçar-se como o rio durante a estação estival. Convenceu-se afinal, de que precisava fazer alguma cousa

para se defender e depressa. Decidiu-se a tentar redução no tempo do trajecto, e em conformidade arranjou um novo roteiro de viagem, o qual em verdade não foi um exito. As machinas do *Southerner*, acostumadas a longos annos de deliberado e pacifico trabalho, recusaram-se á velocidade da nova carreira, — e logo no primeiro dia arrebentou um tubo da caldeira, quebrou-se um dente de engrenagem e desarranjou-se um cylindro da machina. Em resumo, o vapor foi obrigado a entrar por duas semanas em reparação e, quando voltou, a luta estava perdida. O luxo e a frequencia das embarcações rivaes tinham chamado a si definitivamente tanto os viajantes como os carregadores. O *Southerner* fez ainda algumas viagens com a equipagem sem trabalho, e camarotes cheios de criados e de cadeiras vasia; e portanto o capitão resolveu suspender as carreiras.

Não era, porém, cousa facil para elle abandonar o theatro da sua primitiva gloria: — nos seus quarenta e dois annos só por duas vezes se afastara d'aquellas quinhentas milhas de rio; e dos estabelecimentos das margens conhecia quasi todos os homens, mulheres e creanças. Todavia pareceu-lhe que nada mais ali havia a fazer. Portanto n'um dia de outubro disse adeus aos seus agentes, dirigiu-se para a sua herdade de Illinois, algumas milhas acima da cidade de Alton. Ali elle fez encalhar o seu dilecto vapor, pol-o a secco, especou-o defronte da sua propriedade, e retirou-se á vida pacifica de agricultor.

Pelo menos era esta a sua intenção quando veio para terra; mas em breve reconheceu que os habitos de tantos annos, passados a bordo, não podiam ser abandonados d'um momento para o outro. A administração da sua herdade entreteve-o ao principio, depois pouco a pouco foi-a entregando ao seu feitor, até que ao cabo de seis mezes, nem sequer n'ella pensava um instante.

O capitão Job começou de persuadir-se de que qualquer dia recuperaria o seu lugar no trafico do rio. Mais tarde ou mais cedo deveria haver uma inesperada mudança. N'esta

esperança julgou inteiro dever seu conservar o *Southerner* sempre prompto a voltar á navegação.

Assim considerando, impoz-se um rude tra-

do salão. O capitão tomava n'isto maior interesse, havia ao menos alguma variedade: cadeiras e mesas para se limpar do pó, pannos de mesa para se sacudir, e tinha de olhar pelo piano.

O capitão mirava-o com grande respeito. Era extremamente ignorante de musica, mas em todo o caso parecia-lhe necessario experimentar o instrumento d'alguma fórma, portanto todos os dias levantava-lhe a tampa, e com ambas as mãos tirava estrepitosos e destoados sons do teclado. Era tão particular na limpeza e no arranjo da mobilia do seu beliche como a mais cuidadosa dona de casa com o seu *boudoir*. Mudava constantemente, d'um para o outro lado os tapetes, os quadros, as cadeiras, as mesas, porém nunca sabia decidir qual seria o lugar mais conveniente. Depois d'uma vista d'olhos na despensa e outra na rouparia, dava por terminadas as suas obrigações de criado de bordo.

Em seguida descia á coberta entre o mastro e a mesena e fazia-se engenheiro. As machinas resguardadas por espessos pannos alcatroados

eram carinhosamente descobertas. Untava-as, polia-as de todos os lados, aparufusava aqui, desmanchava acolá e afinal cobria-as de novo.

Depois tomava funcções de calafate, revisitava cuidadosamente o cavername e o apparelho.

Chegava a hora do jantar na herdade. As refeições do capitão eram pausas alegres na



...especou o vapor defronte da propriedade...

balho, dividiu o seu dia n'uma curiosa obrigação. Logo depois do almoço corria para a sua embarcação e começava na faina. Desempenhava todos os misteres de bordo; mais d'uma hora era empregada na escrupulosa limpeza do chão, do convés, dos tectos, primeira obrigação que elle aborrecia fazer, mas que achava necessaria. Em seguida vinha a inspecção e arranjo dos camarotes e

sua existencia, porque eram cozinhadas e servidas no estricto systema de bordo, por um ex-marinheiro do *Southern*.

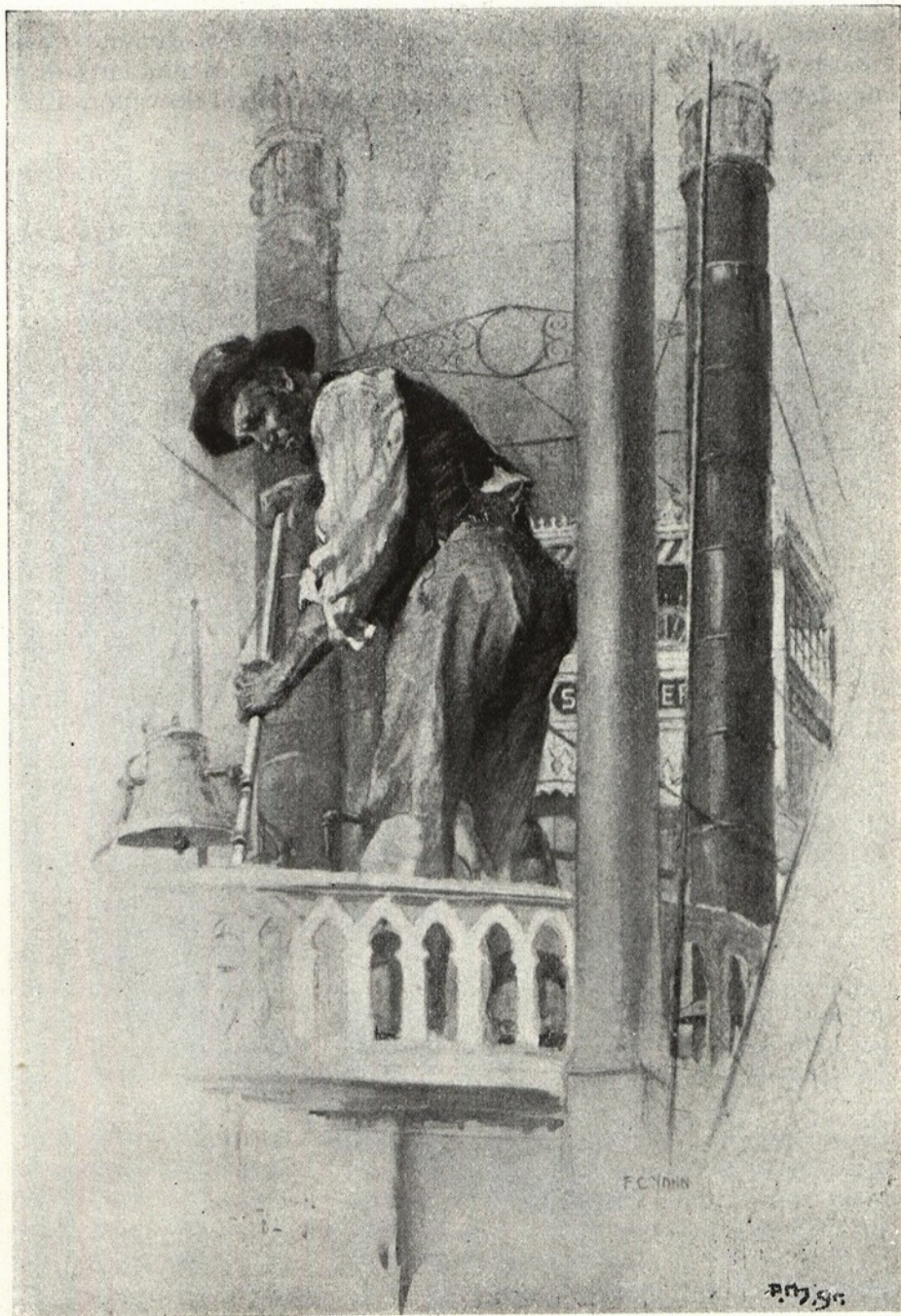
Finalizado o jantar, Job Benton voltava ao vapor, mas agora como capitão. Se o tempo estava favoravel, sentava-se horas seguidas, ou no convés perto do leme ou na casa da vigia. Se estava mau tempo, ia para o seu pequeno escriptorio e passava revista á lista dos antigos passageiros, na qual appareciam nomes de muitos homens notaveis, incluindo o d'um presidente.

Eram-lhe docemente gratas estas longas tardes. Perto do seu querido rio — o irresistivel, o gigante Mississippi — quebrando sereno na margem, absorvia-se na contemplação dos variegados espectaculos que lhe davam as embarcações do rio, umas a favor da maré deslizando na corrente, outras lutando fortemente contra ella. Toda a embarcação que passava proxima, desde o mais insignificante barco de reboque até o mais majestoso paquete, comprimentava o *Southern* com um forte silvo de vapor, e todo o mestre ou piloto gritavam ao capitão Job, através do espaço, alegres saudações. O capitão não tinha vapor para fazer soprar o apito em resposta, pelo que se affligia intimamente, porém encontrara na grande sineta de bordo um meio sufficiente de o

substituir. Entretanto lia os jornaes, sobretudo os annuncios maritimos. Voltava para a ceia, depois no crepusculo revistava o velho paquete, bastante grande para içar nos seus

canos as lanternas encarnada e verde que a lei maritima determinára dever usar toda a embarcação fluctuante, e dormia a bordo. Os inspectores declararam que era ridiculo e enganador um barco posto a secco, em terra, exhibir aquelles signaes. Mandaram-lhe ordem de os tirar.

Profundo desgosto para o capitão Job, mas a associação dos pilotos não achou nenhum



...logo depois do almoço, começava na sua fama...

inconveniente n'este pequeno capricho do capitão, e foi em seu auxilio. Houve uma discussão, longa, renhida, na qual se expenderam d'ambos os lados numerosas opiniões,

graves e substanciosas, mas a ordem foi revogada.

De noite, os vapores apitavam ao *Southerner*, como de dia, e fosse que horas da noite, o capitão correspondia sempre; que elle enfiara um arame da sineta do *Southerner* para o seu camarote, e nunca o somno era tão pesado, que a não tocasse quando passava alguma embarcação.

No domingo fazia-se excepção a este regimen. O capitão omittia os varridos e as limpezas, e logo de manhã passava o seu antigo cozinheiro para o *Southerner*, com completas instrucções para o jantar, que

a despensa podia mostrar e era largamente partilhado pelos vizinhos do capitão. Em regra, vinham de S. Luis por series alguns velhos amigos, marinheiros tambem. Elaborava-se e discutia-se o menu; o capitão e seus amigos contavam historias inverosimeis de embarcações, phantasticas aventuras de viagens e honrava-se abundantemente a garafeira do capitão Job.

Vindo o verão, enquanto alourava a seara na herdade, empregavam-se com a ajuda do capitão, durante duas semanas, os braços dos trabalhadores disponiveis na renovação annual do vapor. Era limpo o fundo e repintado a primor.

Durante oito annos o capitão Job varreu e esfregou, fez obras e conservou a sua embarcação. Durante oito annos acompanhou e estudou attento as notas do rio, nova balizagem, formações d'arêa e esperou pela sua vez com cega crença. Afinal ella chegou; a companhia de paquetes de S. Luis falliu ruidosamente.

Leu estas noticias n'uma segunda á tarde e na quarta feira seguinte á noite o *Southerner* com equipagem completa, em lastro, e uma lancha a vapor para descarregar, seguia para o forte de S. Luis no patinhar seguro e vagaroso das suas rodas volumosas. O capitão Job estava radiante de intensa alegria. O seu vapor não era já a reliquia encalhada na herdade de Benton, um objecto de curiosidade para os viajantes; era mais



...encontrara na sineta de bordo o meio de substituir o silvo da machina...

assumia na vida do reformado marítimo a importancia d'um acontecimento. Era servido no comprido salão do vapor, com todo o esplendor de roupas, crystaes e pratas que

uma vez o paquete semanal de Memphis. Deliciava-se em escutar o bater da marea no casco, o cair da agua das rodas nas duas esteiras espumosas, o zumbido do vapor fe-

chado em tensão, o rythmico movimento da machina. Com enthusiasmo de um mestre noviço, corria do convés para os salões, observando todos os movimentos da sua embarcação, distribuindo para uns e para outros innumeras instrucções e ordens.

A's dez horas o *Southerner* passava por baixo da ponte de Eads, e amarrava ao dique de S. Luis. No caes o capitão soube pela primeira vez que ia ter um competidor. Alguem do rio Ohio tinha feito construir um novo vapor, o *Telegramma*, para o tráfego de S. Luis a Memphis. Já largára de Memphis em primeira viagem; porém o capitão estava em muito boa disposição para se affligir com o caso:—para dois havia largo espaço, dizia consigo proprio.

Na tarde seguinte, á hora habitual das cinco, o *Southerner* partiu para Memphis com tempo de feição. O capitão recciava um pouco d'esta primeira viagem. Pensára nas inesperadas mudanças dos bancos do rio; temia que os velhos amigos o tivessem esquecido.

Os factos não justificaram os reccios. Havia apenas mais alguns barcos de carga desconhecidos, aqui e ali uma nova construcção na margem do rio; o Mississippi corria sempre impetuoso, de aguas baixas e mexidas, as mesmas ressacas traçoceiras, os inconstantes falsos bancos de arêa, e a marinhagem, como nos antigos tempos, furtando-se quanto podia, ao trabalho. O capitão foi observando todas estas pequenas cousas e consolando-se de assistir á repetição do passado. Quando o *Southerner* apitou a St. Geneviève, primeiro ponto de escala, ás dez, reconheceu que não fôra esquecido. Ali, como em todos os pontos da carreira, mal se divulgava a no-

ticia de que o antigo capitão Job Benton inaugurara as suas novas viagens, os amigos, os antigos carregadores, os passageiros d'outr'ora accorriam ao caes, desejavam-lhe



...contavam historias inverosimeis de bordo...

as boas vindas, entregavam-lhe encomendas, saudavam-o calorosamente. O capitão Job de chapéo na mão agradecia effusivamente, commovido, sensivel a estas demonstrações de apreço.

Pelas quatro da tarde do dia seguinte avistava-se Cairo. O capitão enxergou do pavimento superior do convés com surpresa umas grandes rodas que se approximavam do sul. Eram-lhe desconhecidas.

— Que barco é aquelle, Tom? — perguntou ao piloto.

— O *Telegramma*.

— Hum! — resmungou o capitão. Passe-lhe adiante se puder.

— Sim, senhor — e Tom deu signal ao machinista de augmentar velocidade.

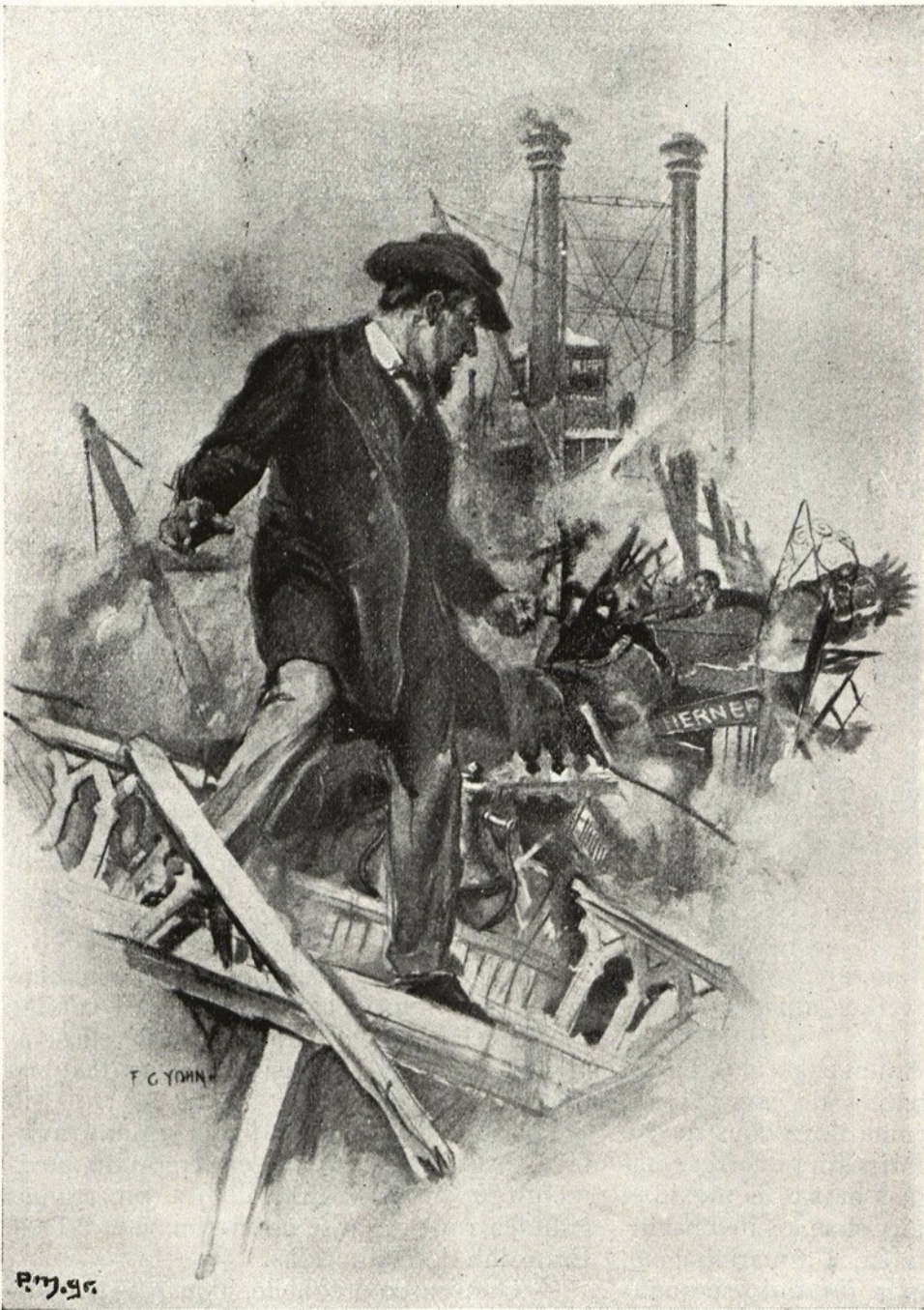
O *Southerner* conseguiu chegar em frente

da cidade um pouco antes, e, depois de um aviso com o apito, começou de navegar com a intenção de amarrar antes do *Telegramma*. A manobra foi habilmente feita. Os dous barcos aproximaram-se do caes. O capitão Job estava admirando a habilidade do seu piloto e indolentemente observando a escuma que cahia do talhamar do *Telegramma*, quando subito sente o *Southerner*, desobedecendo ao leme, vogar subtilmente sobre o

neticamente ao piloto. O piloto do *Telegramma* manobrou a roda do leme, orçou rapido, ordenou tambem ás machinas, porém foi inutil a tentativa. Houve uns segundos de intervalo irremediavel, depois, com um som aterrador de madeira a quebrar-se e a despedaçar-se, a dura prôa do *Telegramma* furou o franzino casco do *Southerner*. Um momento depois, os barcos embrulhados ainda na

abordagem forçada foram de encontro ao muro do caes. Os passageiros do *Southerner* atemorizados e a maior parte da equipagem aproveitaram o ensejo de descer para terra.

Ao capitão Job pareceu que o desastre, apesar de ser grave, não era de fôrma alguma fatal, porque a agua no dique estava muito baixa. Mas a catastrophe tinha apenas principiado. O piloto do *Telegramma*, na anciedade de se safar do *Southerner*, com quem se achava enrascado, e sem pensar nas consequencias do acto tentou recuar outra vez. O *Southerner* recusou desembaraçar-se, e, os dois vapores ainda presos um ao outro, vogaram para fóra. O capitão Job horrorizado de vêr o seu barco levado para a agua funda, precipitou-se do castello de prôa, protestando furiosamente contra o piloto do *Telegramma*. Quando este perturbado viu o erro commettido já estava a cinquenta pés de distancia da



...contemplava allucinado a grandeza do desastre...

vapor que se approximava. Viu logo o que succedera; a cadeia muito gasta do gualdrope partira em qualquer parte.

— Para a ré! contra-vapor! — gritou fre-

terra. Inverteu a manobra, que levava consigo o *Southerner*, porém a corrente forte, actuando na pôpa do velho barco, libertou-o do duro esporão do seu assaltante, ao mes-

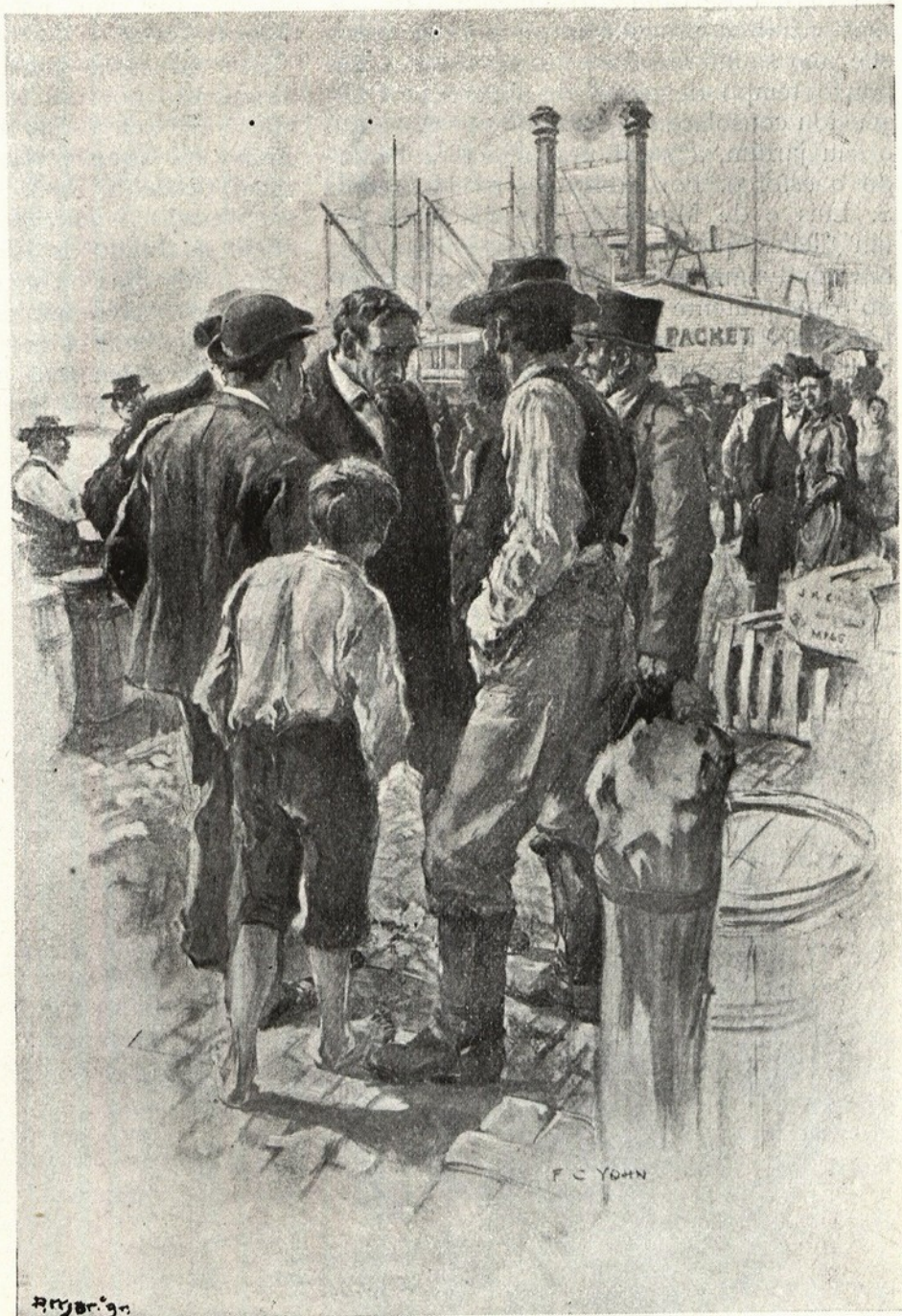


mo tempo que lhe expunha á agua no costado uma larga fenda que descia quasi até a quilha.

Rapidamente o *Southerner* adornou e começou de se submergir; mas a altura d'agua não era tanta que o cobrisse por inteiro, e o capitão respirou mais desafogadamente, não prevenindo ainda o terrível desfecho que ia seguir-se á collisão. O vapor encalhou só na pôpa e na prôa, e a parte central continuava a submergir-se; os pontalotes, uns após outros, o cavername, arqueando-se e estalando, desceram cada vez mais e arrastaram consigo as cobertas; depois com um ruído tristemente funebre a quilha estalou, e camarotes, camara do piloto, canos da machina, envolveram-se e enroscaram-se n'uma confusa destruição, desoladora, progressiva, precipitada. Era como se mão poderosa e colossal, poupando as extremidades do barco, tivesse pousado ao centro d'elle, e inexoravelmente o esmagasse contra o fundo do rio. O capitão Job, de pé, sob os restos da prôa fóra d'agua, contemplava absorto, allucinado, assombrado, a grandeza do desastre. Os espectadores de terra viram sómente a perda de um paquete já velho e de pequeno valor, mas o capitão Job via o desfazer desapiedado das suas mais caras esperanças, dos seus mais sorridentes planos, o fim absoluto da sua carreira.

Vieram tiral-o d'ali muito a tempo uns barqueiros, assim como a Tom, o piloto, que

sentado indifferente ao lado do patrão, segurava em cada mão ainda um raio da roda do leme. Posto em terra, o capitão foi cercado de multidão compadecida e plena de



...cercado de multidão compadecida e plena de conselhos...

conselhos. Um amigo suggestionava-lhe a possibilidade de levantar o *Southerner*. O capitão dirigiu ainda uma vez o olhar para o desastre da sua vida, depois retirou-se; não podia supportar aquella visão dolorosa, os olhos marejados de lagrimas, o coração confrangido n'uma angustia intensa.

Voltou para a herdade e procurou esquecer, que é a suprema consolação para as

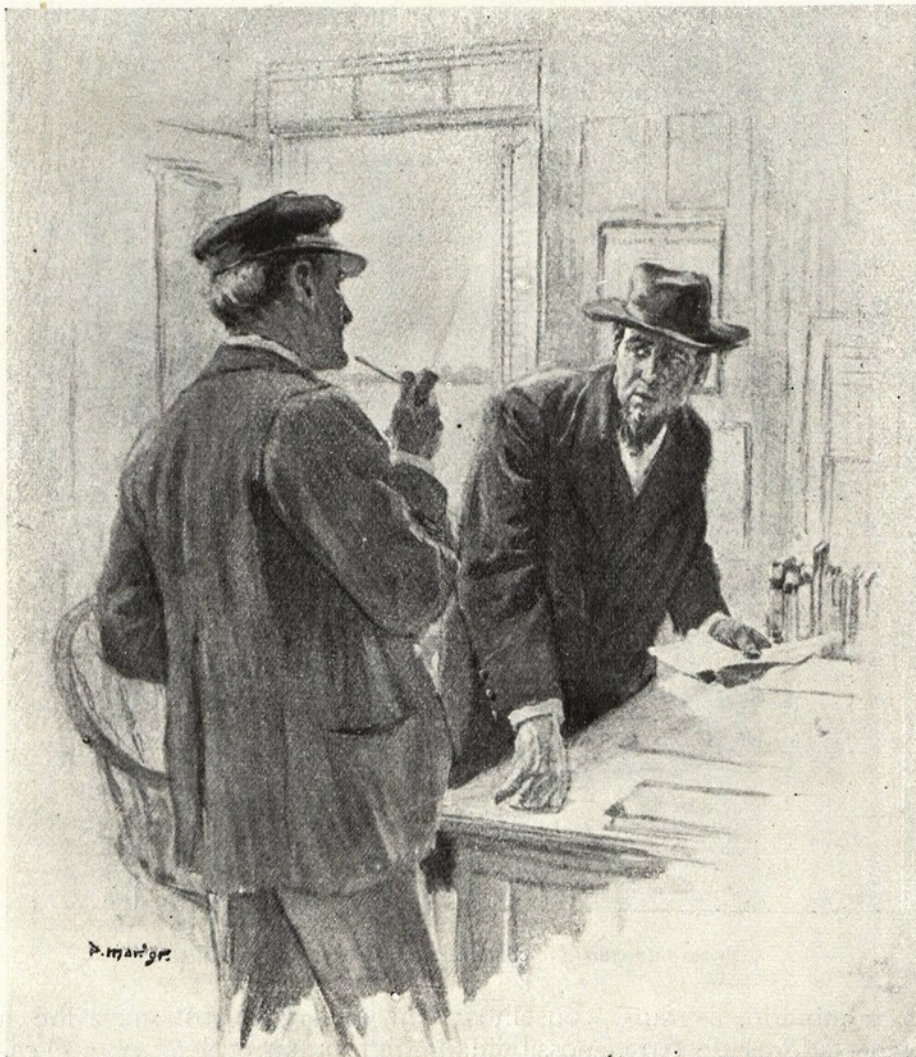
dores profundas, mas não havia meio. A sua occupação constante, o seu lindo vapor — tudo quanto de caro possuía no mundo — desaparecera para sempre. Todo o dia fumava o inapagavel cachimbo em frente da porta de sua casa, observando tristemente o rio. Os seus vizinhos procuravam-o; porém, como elle não se interessava pelas suas visitas, em pouco tempo deixaram de apparecer. Deligenciou consolar-se e distrahir-se, cultivando o seu jardim, a sua horta, mas fôra baldado o esforço. Por habito lia os jornaes de S. Luis e de Memphis. Um dia soube por um d'elles que os engenheiros do governo haviam dynamitado o *Southerner*, submergindo o inteiramente no canal. Depois d'esta nova não mais quiz abrir um jornal. Todavia os barcos, que passavam em frente de sua casita, rio acima ou abaixo, continuavam a comprir-

de machina, eccoando pela quebrada escarpa da margem, apressado, como por instincto, ia procurar a corda da sineta, e deixava cahir a mão tristemente, recordando-se de que a sineta grande, de que tanto se orgulhava, estava enferrujando-se pouco a pouco nos lódos do rio.

Seis mezes se passaram. Uma noite foi despertado por um apito, magico e estranho som, que o fez sentar na cama. Reconhecerá aquelle silvo — não havia outro egual desde S. Paulo até Nova Orleans — o apito do *Southerner*. Alguem o levantara afinal do fundo do canal. Offegante, escutou, olhos fitos na escuridão do quarto, se ouvia novo silvo, um ruido de machina; conseguiu moderar a respiração, quasi supprimil-a por momentos, a escutar attento, mas nada ouviu. Subito lembrou-se da noticia da

dynamitização do vapor e censurou a si proprio a fraqueza da sua memoria. — Um sonho — notou com pezar e deitou-se novamente. Como se aquella illusão tivesse sido consolação de narcotico adormeceu profundamente e só de madrugada, sol fóra já, despertou. Subito feriu-o, como choque electrico, o tanger d'uma sineta familiar — a do *Southerner* — chamando para sondagens. D'esta vez estava bem acordado.

Levantou-se, abriu rapido a janella que dava para o rio, e assombrado reconheceu, fundeado e ancorado na margem uma bella embarcação — toda donairoza, casco pintado de branco, reluzente ao sol da manhã. O capitão Job pegou no seu oculo maritimo,



...Isto não é sonho, Tom?...

mental-o, apitando mais alto do que nunca; elle é que não tinha já a sua sineta de bordo para corresponder agradecido. Muitas vezes, acordado alta noite por um silvo agudo

companheiro inseparavel das suas unicas distracções, e observou attento e conhecedor a construcção do novo barco. Por sobre os canos das fornalhas fluctuava um novello pito-

resco de ligeiro fumo escuro, da descarga das machinas sahia n'um jacto violento um penacho algodoento de vapor. Mas o seu espanto redobrou de intensidade quando percorrendo com o oculo todo o navio n'aquelle rapido exame, viu na prôa, junto de rendilhada carranca de ornato caprichoso, em letras azues e douradas, pintado o nome de *Southerner*.

O capitão Job precipitou-se porta fóra a inquirir curioso, d'onde era aquelle vapor, para que viera fundear ali defronte da sua propriedade, porque tomara o nome do seu antigo paquete, e d'onde lhe viera a sineta e o apito. Job já não considerava sonho tel-os ouvido de noute e de manhã, nitidamente, eguaes aos antigos, absolutamente identicos.

Abordando o vapor, trepou as escadas, não reparou sequer na saudação affectuosa dos marinheiros, atravessou o convés e entrou no salão. Parou estupefacto. Era duas vezes maior do que o do antigo *Southerner*, todo atapetado, e decorado com profusão de lampadas electricas, de espelhos, e vidros coloridos. Espreitou para a sala das senhoras, luxuosa e *coquette*, para o quarto de fumar na outra extremidade; porém n'este momento foi novamente surprehendido pela apparição de Tom, seu antigo piloto, agora todo abotoado n'um uniforme de bordo, botões dourados reluzentes. O capitão Job encarou-o com sincero espanto.

— Quem é o capitão d'este barco, Tom? — perguntou-lhe.

— Poi emquanto tem apenas piloto, a quem está vendo.

— Mas o que veio aqui fazer?

— Queira acompanhar-me, capitão. No seu camarote saberá tudo.

O capitão cada vez mais intrigado seguiu o rapaz até o escriptorio onde pousada sobre a carteira estava uma carta, cujo sobrescripto tinha impresso a legenda seguinte:

*Linha de S. Luis Memphis.* — Vapor **Southerner**. Capião **Job Benton**.

E depois o endereço:

*Ao Capitão Job Benton.*

*Herdade de Benton*

Nervoso, frenetico, rasgou o sobrescripto e leu:

Caro Capitão. — Os abaixo assignados, residentes nas cidades dos rios, entre S. Luis e Memphis, tendo reconhecido a necessidade de substituir promptamente os vapores da fallida Companhia de S. Luis, e o seu proprio vapor submergido, decidimos inaugurar uma nova carreira de paquetes. N'uma recente reunião dos accionistas o senhor foi escolhido para ser o primeiro capitão na

nova companhia; e por isso temos a satisfação de lhe offerecer a capitania do novo *Southerner* com participação nos lucros da linha do sul. Esperamos que receba favoravelmente esta proposta, d'outra forma creia que nos temos de empenhar muito para o convencer. Como simples attenção baptisamos o vapor com o nome de *Southerner*, outr'ora o *Valley Queen* da companhia de S. Luis. E para que podesse julgar-se, em casa propria, a bordo, mandamos procurar nos lôdos do Cairo a sineta e o apito do velho *Southerner*, seu antigo barco.

O *Southerner* tem aviso de partir da cidade no dia . . em primeira viagem. Confiamos em que possa arranjar os seus negocios de fórmula a estar preparado para a sua segunda viagem, na semana seguinte.

Etc. — F. e F.

Pela segunda vez na sua vida o capitão ficara assombrado. Leu de novo a carta, detendo-se, com um certo desdem, na parte: «Confiamos em que possa arranjar os seus negocios de fórmula a estar preparado para a sua segunda viagem.»

— Isto não é sonho, Tom?

— Não, senhor, — respondeu sorrindo o piloto.

Subiram ao convés. Capitão Job reflectia. Não lhe passara despercebida a subtilidade da manobra sentimental dos novos associados que assim resolviam o problema da concorrência, defendendo os seus interesses, e reclamando a empresa com a antiga fama do barco e do capitão; mas bem se importava elle com a intenção reservada, que em verdade fôra habil e pratica. Voltava á vida, embora ao serviço d'outros. No prazer do commando encontraria compensação bastante aos revezes soffridos. Dirigiu o olhar para a herdade. — Ao portaló do navio estacionava o seu caseiro que, tendo-o visto sahir de casa, sem almoço, precipitadamente, viera saber o que occorrera de estranho.

— Vou partir. Escreverei amanhã — gritou-lhe o capitão.

O rapaz que por inclinação natural vivia amarrado á terra, ficou surprezo de tão subita resolução, para elle inexplicavel, e retirou-se a moer nas mãos o seu largo chapéo de palha entrançada.

O capitão perfilou-se n'um instantaneo volver ao seu antigo cargo, e tocando no braço do piloto:

— Pergunte ao machinista se está tudo prompto — disse.

Tom tomava o seu lugar ao leme, e em poucos minutos annunciava. — Tudo prompto, capitão.

Capitão Job pegou na corda do sino, concentrou-se n'um derradeiro exame da sua pessoa, como quem duvida da realidade, depois tocou firmemente a primeira pancada do signal de partida.

— Larga, Tom — gritou elle alegre, inteiramente transformado. A machina silvou; as rodas agitaram com violencia a superficie

das aguas, e o grande vapor em sua elegancia donairoza seguiu rio abaixo.

③

No fundo de toda a accção generosa, o pessimismo encontra sempre um tenue sedimento de interesse e de reclamo que turva levemente a crystallina limpidez da bondade.

(Adaptado do inglez).

---

## VELHA HISTORIA

*A Mayer Garção.*

### I

Meu Deus, meu Deus, a noute é negra e tormentosa;  
Anda a rugir, a uivar, desapiedado, o vento!  
Cáe em ondas a chuva, e toda a terra, anciosa,  
E' como alguém que solta o derradeiro alento!

Treme o solo, gemendo, e ao longe, no arvoredado,  
A folhagem soluça, estorce-se, vacilla!  
O proprio ar batido, em impetos, tem medo!  
Corta o a cada instante o raio que fuzila!

Giram em turbilhão destroços mil, suspensos:  
Abrigos de casaes, tectos, cabanas, troncos!  
E vão-se ouvindo, ouvindo, e cada vez mais densos,  
De colossaes trovões os formidaveis rencos!

.....

Mas n'esta mesma hora, além, entre a verdura,  
N'uma casita leve, erguida contra um monte,  
Apesar da borrasca, em plena noute escura,  
Sem estrellas no céu, sem lua no horisonte:

Um par, um par gentil, enamorado e moço,  
Palpitando de amor, de vida e de desejos,  
No meio de tal ruido, e entre tanto destroço,  
Envolve-se, feliz, n'uma rede de beijos...

E um ao outro diz as cousas mais suaves!  
Trocam juras sem fim, confidencias formosas!  
Sonhos ideaes como os segredos das aves,  
E perfumados como um braçado de rosas!

Esboçam uma vida eterna d'alegria!  
E a sorrir, a cantar, projectam um futuro,  
Que seja a ondulação de uma mesma harmonia,  
E vêem tudo roseo, immaculado e puro!...

Cá fóra, o vento zune, a trovoada augmenta !  
Reboa pelo espaço um gigantesco grito,  
Forjado dos mil sons que a tempestade alenta,  
E feito colossal nos eccos do Infinito !

Passam em torvelinho as cousas mais disformes :  
Ninhos feitos em pó ; ferragens de portaes ;  
Blocos de chaminés ; pedregulhos enormes ;  
Arbustos inda em flôr ; folhame de trigaes ! . . .

E os dois unidos sempre, enlaçados, risonhos,  
Foragidos do Tempo, esquecendo a existencia,  
Aberta a phantasia aos mais ridentes sonhos,  
Vogam calmos n'um mar d'etherea transparencia !

E' noute ? E iam jurar que o sol fulgura ovante ! . . .  
Troveja ? E nem sequer attentam nos trovões !  
Desfaz-se o céu em agua, e n'esse alado instante,  
Não sentem latejar senão dois corações !

Vae na terra e no mar uma furia medonha !  
De cada canto sáe um uivo d'afflicção :  
Mas a mente dos dois demora-se risonha  
Na mesma inebriante e divina canção . . .

Assim os vem colher o somno, de surpresa . . .  
Era clara a manhã, o sol ia já forte,  
Quando ambos acordando, e olhando, a natureza,  
Viram então que ali pairára o luto e a morte !

Entra-lhes pela alcova uma luz esbatida ;  
Nas arvores saltita um passarito implume ;  
E da varanda ao fando, uma rosa esquecida  
Espalha no ambiente um tepido perfume ! . . .

E os dois, furtivamente, abrindo uma janella,  
Lêem no azul, no solo, e em mil dispersos traços,  
O que fôra e fizera essa infernal procella,  
Emquanto elles, sorrindo, iam trocando abraços . . .

## II

Meu Deus ! Meu Deus ! Que ideal, que luminoso dia !  
O sol deixa cair uma poeira d'ouro !  
O espaço inteiro canta um hymno d'alegria,  
E cada grão de arêa é como que um thesouro !

Na relva humida e verde a rega da manhã  
Depoz em cada folha uma divina perola . . .  
Passa no ar tranquillo uma frescura sã,  
E vem da immensidade uma harmonia cerula !

Creanças brincam rindo, em gargalhadas francas!  
 Dormem ao longe os bois, n'uma infinita paz!  
 E erguendo-se do chão, um bando d'azas brancas,  
 Vae perder-se distante, n'um vôo immenso e audaz!

Cheio de sol, o rio ondula docemente,  
 Lembrando um regio manto, a luzir, a luzir,  
 E está tão socegado, e está tão transparente,  
 Que dá vontade até de sobre elle dormir!...

Nas ruas, toda em festa a multidão respira!  
 Desponta em cada rosto uma alegria immensa!  
 Enche o peito, enche o ar a boa seiva que gira  
 Em tudo quanto sente, e pulsa, e vibra, e pensa!

Um dia creador! Um dia abençoado,  
 D'esses que são talvez, na vasta natureza,  
 A essencia da Vida, o germen increado  
 De Deus, do Sol, do Amor, da Força e da Belleza!

.....

Mas n'esse dia, então — mysterio indecifrável!  
 Os dois, os mesmos dois que na outra noite horrenda,  
 Quando a terra tremia, o vento era indomável,  
 E andavam mar e céu em aspera contenda,

Não haviam sequer ouvido um ecco só,  
 D'essa ameaçadora e formidanda luta,  
 Que tudo esfrangalhava e reduzia a pó,  
 Com uma sanha herculea, e uma pujança bruta,

Ai! n'esse dia, os dois, com a tormenta n'alma,  
 Surdos ambos, febris, ardendo de furor,  
 D'esse estranho furor, que força alguma acalma,  
 E que irrompe do peito, ingente, abrasador,

N'esse dia nenhum viu risos na paisagem,  
 Ouro no sol a flux; frescura e paz no ar!  
 Nenhum! que ambos no rosto, em tetrica visagem,  
 Deixavam a sua ira em ondas trasbordar!

Cantos na ramaria, arrulhos pelo espaço,  
 Murmúrios feitos d'agua, a alacridade, a vida,  
 Tudo isso lhes parece impenetravel, baço,  
 Como uma aldeia branca em sombras envolvida!...

Entrára-lhes no lar, e ao mesmo tempo, o ciúme...  
 Ella descrêra d'elle! Elle descrêra d'ella!  
 E assim como se esváe e se evola um perfume  
 Que enchia o ar d'um quarto, abrindo uma janella,

Assim voou tambem dos seus dois coraçõs  
O estonteante aroma, ethereo e delicado  
Das chimeras sem fim, das doces illusões,  
Que ambos viam florir no mundo illimitado...

Ao despontar-lhes n'alma a antevisão sombria  
D'uma leve suspeita, embora bem cruel,  
Pensavam, a tremer, se fôra uma utopia  
O limpido clarão d'essa lua de mei...

Um sopro aquelle Amor? O espinho entrava fundo...  
E enquanto cá por fóra em plena exuberancia,  
Fluia a seiva e o sol, e o dia era jucundo,  
Elles, no referver d'uma indizivel ancia,

Fechavam-se no quarto á luz, á vida, a tudo...  
E estiveram assim durante horas, scismando!  
Em volta o brilho, a festa! E o lar lá dentro mudo!  
Todos sorrindo, e os dois, os dois então chorando!

Passou breve, porém, esse fatal momento;  
Até que ambos por fim despertaram curados.  
Mas ai! souberam bem que é só no pensamento  
Que o bello e o horrendo estão d'um bloco equal formados...

Póde soprar o ventó, ou póde o sol brilhar,  
Cobrir-se o chão de flôr, ou requeimal-o a geadá,  
Ser um leão um rio — ou uma pomba o mar,  
Estar parda a manhã ou a noute estrellada:

Que isso tudo, bom Deus, tão bello — ou tão medonho,  
Isso tudo não conta, e nem sequer existe,  
Se acaso dentro em nós alguma flôr de sonho  
Um momento surgiu ao ar festivo ou triste...

E' em nós, é por nós que o mundo externo é mundo!  
Paisagem, vida, côr, alegria, tristeza,  
Somos nós e só nós que damos fórma e fundo  
A tudo o que palpita! A' propria Natureza!

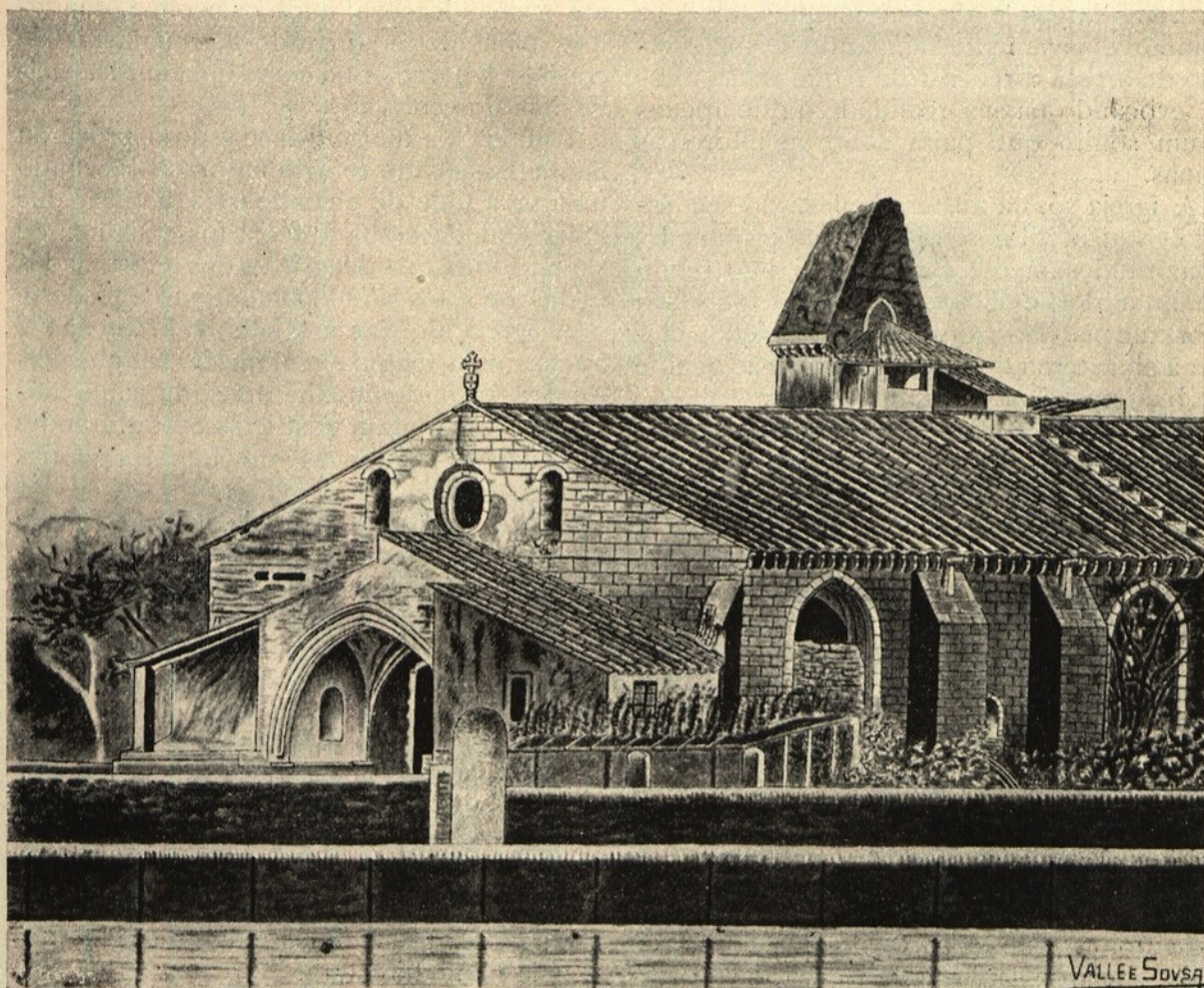
AFFONSO VARGAS.





IGREJA DE SANTA CLARA A VELHA. — LADO MERIDIONAL E TOPO OCCIDENTAL DO EDIFÍCIO





IGREJA DE SANTA CLARA A VELHA. — FACHADA ORIENTAL E PARTE DO LADO NORTE DO EDIFÍCIO

(Desenho do dr. Valle e Souza)

# *Igreja de Santa Clara a Velha*

(COIMBRA)

ALEM da ponte de Coimbra, deixando atrás de nós a animação da encantada cidade e entrando na estrada, linda a valer, bordada de laranjaes odoriferos e de choupos que se recortam no azul em pitoresca silhueta, lembrando uma renda collosal, e que ao fim da tarde resaltam n'um forte destaque de agua forte quando o sol desce afogueado para a banda dos montes, dando a impressão deliciosa d'um poente de ouro e morango, depara-se á esquerda com as interessantissimas ruinas d'esta igreja, de aspecto melancolico como todos os edificios irreparavelmente perdidos, que causam uma impressão de tristeza e quebrantamento e attestam o maximo desprezo com que ainda hoje são vistos os restos archeologicos da

nossa crença e poderio antigos e do nosso gosto artistico, que por esse paiz alem se deturpam grosseiramente e ameaçam desabar em ruinas.

Suggestivo documento do passado em que vibra a alma de Santa Isabel que o fez construir com tão calorosa fé, e que n'elle viu iniciado o seu fervoroso culto, a igreja de Santa Clara *a Velha* faz evocar a imagem da vida religiosa mediéva e, nas suas pedras denegridas pelos seculos e carcomidas, como velhinha enrugada, conta-nos os mysterios de épocas distantes, perturbadas pelo estridor formidavel das armas, por entre as quaes a santa rainha fulgura como o anjo da concórdia e da paz.

Junto d'essas cantarias venerandas passam-

se horas largas e doces, em que a alma se commove vivamente, ajudando a imaginação de artista a reconstruir o que já não existe, evocando na sua realidade o que apenas é um sonho que paira sobre as pitorescas ruínas.

A igreja só, na austera belleza do seu estylo gothico, vil e sacrilegamente profanado, olha saudosamente á roda de si, não vendo nenhum dos edificios, grandiosos pela sua fabrica e pelo lado moral, que ahi fizeram elevar a alma terna de religião e o coração quente de humanitarismo da rainha santa.

Dos velhos edificios do sumptuoso mosteiro, situado a sul da egreja, dos paços que juncto d'elle a rainha fez construir para habitar o mais perto possivel das suas freiras (1); do hospicio que creou nas proximidades da sua residencia para albergar trinta pobres (2); do estabelecimento em que recebia orphãs pertencentes á classe dos lavradores, educando-as e casando-as (3), nada hoje resta senão as abobadas do côro e da igreja, que ainda campeia como viva testemunha d'esse periodo glorioso da nossa historia, que se borda de episodios tocantes, d'onde se destaca a doce e radiosa figura, toda de serenidade e de paz, de Santa Isabel.

N'esta região de repouso e de belleza se desenrolou grande parte do quadro da sua vida, cheia de sonho e de poesia, que a lenda entreteceu nas suas paginas ingenuas e piedosas, desenhando o seu meigo perfil de cenobita e rainha, n'um tom suave de illuminação antiga.

Ahi, nas frequentes visitas ás suas religiosas deu a santa rainha o exemplo da sua piedade e abnegação incendida nas mais altas e raras virtudes, acarinhando as creanças abandonadas, protegendo os humildes, dirigindo seus passos para os hospitaes, tratando os doentes e curando com suas mãos patrias as chagas mais repugnantes.

Ahi, junto da veneranda igrejinha, quantas vezes descançou a santa rainha, depois de exercer a caridade e de praticar a esmola para com os desgraçados, que se estorciam em sordidos tugurios, e os famintos que, em legião immensa, a seguiam apaixonadamente

até a sua alcaçova, onde os acolhia, dando-lhes alimento e dirigindo-lhes palavras de consolação, que eram como uma musica suavissima do céu.

Ahi, após a morte de seu esposo, procurou Santa Isabel um refugio na oração, levando uma vida toda de piedade e de sacrificio que mais realçou a sua auréola fulgentissima de santa, formada das lagrimas dos infortunados e das benções d'um povo crente e piedoso.

A igreja de Santa Clara a Velha não é apenas uma reliquia veneranda, em que perdura a piedade inexaurivel da santa rainha e a que andam adstrictas outras grandes recordações historicas de fanadas glorias nossas.

Sob o ponto de vista da arte ainda hoje offerece um interessantissimo campo de estudo aos antiquarios e aos artistas que aniam verdadeiramente a severidade austera do gothico, não obstante estar em grande parte soterrada pelas arêas e aguas do Mondego que transformou o pavimento primitivo n'uma enorme cisterna de agua e lodo, as deploraveis mutilações que tem soffrido e os torpes remendos de pedra e cal que a deformam e lhe alteram o seu character venerando e commovente.

No reinado de D. Diniz, a par da cultura intellectual, produziu-se uma notavel florescencia na architectura.

O seculo XIII, em que ascendeu ao throno, viu nascer as grandes cathedraes gothicas e constitue um periodo famoso na historia da arte, sendo considerado por Paul Lacroix na sua obra *Les Arts au moyen âge* como o *grande seculo da architectura e da esculptura christãs*.

D. Diniz, um rei excepcionalmente artista, todo occupado da poesia e da instrucção, protegia tambem as artes, não faltando no paiz artistas de valor, como o attestam o lindo claustro de Cellas, e os magnificos claustros do *Silencio* em Alcobaça e o de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães.

A rainha, com o seu espirito activo e gosto aprimorado, devia fazer-se rodear, para a execução da sua obra querida, dos mais notaveis artistas do tempo, como o revelam ainda hoje na igreja os labores dos capiteis, a linda decoração dos fechos das abobadas, brazões e demais detalhes.

Construção dos principios do seculo XIV, sagrada pelo bispo de Coimbra D. Raymundo, em 8 de julho de 1330, a igreja de Santa Clara a Velha é gothica, estylo da transição, dividida em tres naves, terminadas cada uma por uma abside, restando apenas da central fragmentos das paredes e da abobada artezoadá, e uma parte encoberta actualmente

<sup>1</sup> O Paço Real ficava no local onde actualmente está a Universidade.

<sup>2</sup> Era chamado Paço deanteiro, por se encontrar á frente do paço em que habitava a santa rainha.

<sup>3</sup> Posteriormente denominou-se *Espital de santa Helisabet*. Contribuiu d'esta maneira D. Isabel para o engrandecimento da agricultura portugueza, secundando os esforços de seu marido, e formando por assim dizer espécies de colonias agricolas.

Vide a tal respeito as *Memorias de Litteratura da Academia das Sciencias de Lisboa*, t. II, pag. 14, e o livro *Portugal de Ferdinand Denis*, o venerando amigo do nosso paiz, a pag. 30: *Agriculture au temps de Dinis*.

por uma eira (!) situada ao nascente da igreja.

As absides lateraes, onde ha bellos capitais, tem egualmente abobadas arzoeadas, menos elevadas, porém, do que a da abside central.

No extremo opposto do edificio ficava o côro das religiosas, mais amplo que a igreja propriamente dita. N'esse côro elevava-se o riquissimo tumulo mandado lavar pela rainha santa alguns annos antes da sua morte e em que esteve sepultada desde 12 de julho de 1336 até 27 de outubro de 1677 (').

A fim das religiosas poderem orar junto d'elle, o bispo D. Affonso de Castello Branco mandou fazer uma pequena capella, onde ainda hoje se vê uma ingenua decoração a fresco, que representa a procissão em que se trasladou a rainha Santa Isabel para o mosteiro novo, construido no alto do Monte da Esperança, por D. João IV.

Está muito deteriorada e em breves annos terá desaparecido inteiramente este interessante documento que, com os quadros da capella-mór do mosteiro novo de Santa Clara, memóra pela pintura as pomposas festas da trasladação.

Quem conhece todo o preço das velhas pedras experimenta uma impressão de tristeza ao contemplar essas elegantes e bem ornamentadas abobadas e esses muros sacrosantos torpemente rebocados e alvos, ou ao deparar com algum lindo fecho d'abobada ou capitel, graciosamente bordados de monstros e animaes, que

prendem ainda o olhar, mas que a agua e o lodo vão roendo lentamente á proporção que o Mondego vae submergindo o edificio.

Parte d'elle foi destinada a celloiro e á guarda de alfaias agricolas e outra parte serve de abrigo para o gado.



A RAINHA SANTA ISABEL.

(D'acôrdo com o original do dr. Valle e Souza)

Exteriormente a igreja attesta tambem aos visitantes o nenhum interesse que o paiz liga ás nossas ruinas artisticas.

' D. Isabel no seu testamento diz: *mando soterrar o meu corpo em o meu Mosteiro de Santa Clara, & de Santa Isabel de Coimbra em o megor do coro.*

O primitivo tumulo é um bello especimen d'arte escultural; as quatro faces da arca, toda d'uma só pedra são deliciosamente lavradas, vendo-se em ordem processional estatuetas em baixo relevo. Sobre a tampa está deitada a estatua da rainha, vestida com o habito de religiosa, sobraçando o livro das orações, o bordão e os alforjes de pere-

grina, e tendo á cabeceira dois anjos que sustentam thuribulos. O corpo da santa rainha já não está dentro d'este soberbo mausoleu; conserva-se n'um cofre de prata, mandado fazer em 1614 pelo bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, o qual custou a quantia de 15.000 cruzados e tem de peso 83 kilogrammas.

O primitivo tumulo está hoje no côro de baixo da nova igreja de Santa Clara, em pessimas condições de luz que nos difficultaram a execução do desenho que publicamos.

Remendos ignobeis de paredes modernas e chapadas de cal mancham sacrilegamente as venerandas cantarias que tão poucos olham com amor.

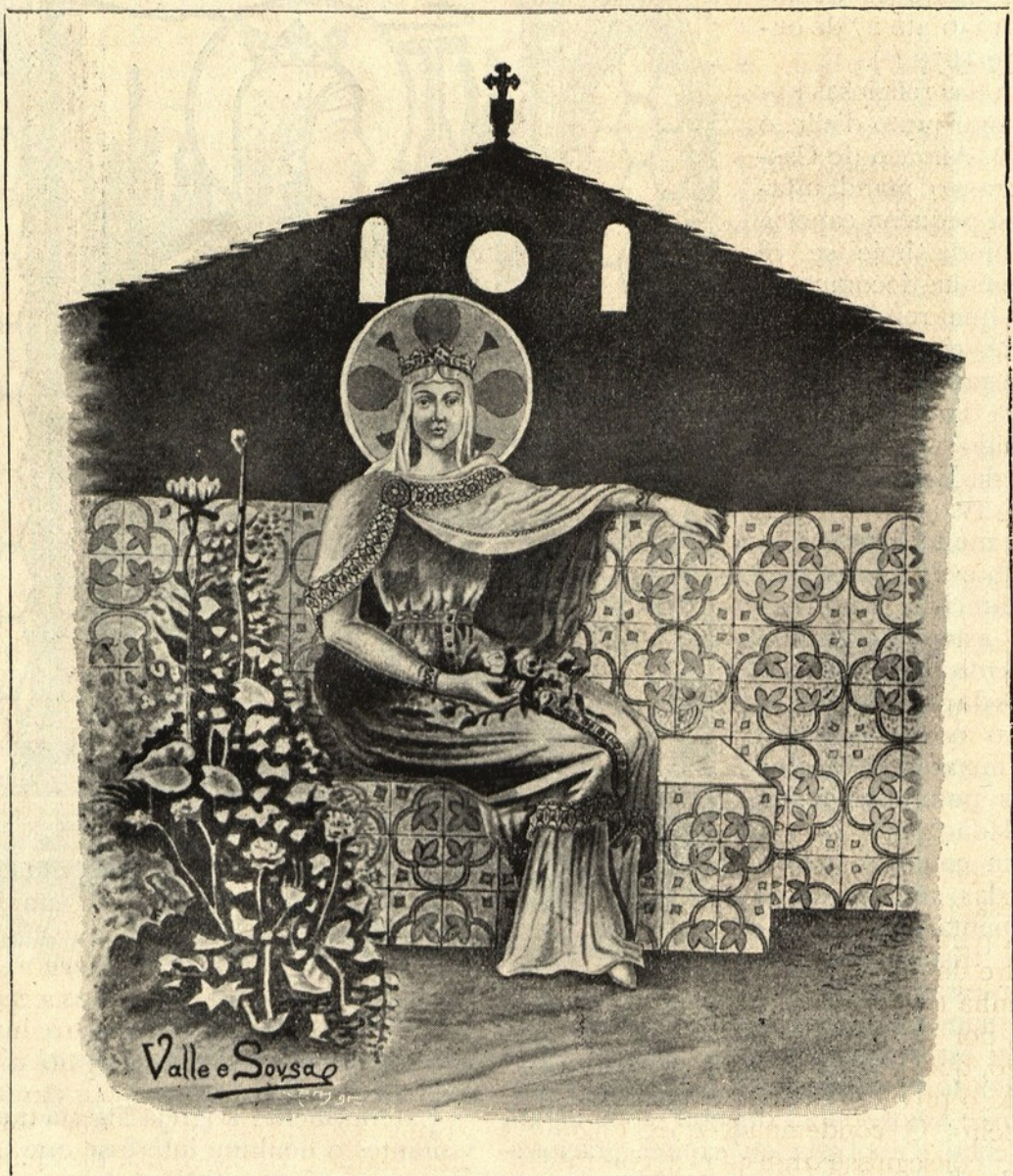
Ao nascente a igreja está remendada de pardieiros que desfiguram o que resta da abside central e das lateraes, insultadas e occultas na sua maior parte pelas lages d'uma eira!

Ao vandalismo não escapou a rosacea que mãos de architectos da época ogival abriram com carinho no topo da nave central sobre o arco da capella mór e que tão magico effeito devia produzir, quando a luz

e a barbariedade ignara dos homens, as duas elegantes cruces que terminam as partes oriental e occidental da igreja, desenhando-se graciosamente no azul, e ostentando em escudos as quinas nacionaes e as barras de Aragão.

O lado septentrional do edificio, que defronta com a estrada que vem da ponte, é o que mais impressiona e revolta até os que olham a arte com a mais soberana indiferença, pela maneira torpe como o desfiguraram, tapando com alvenaria as seis janellas<sup>1</sup> para as transformar n'outras mais pequenas.

A vegetação trepa pelos seus muros, cin-



...Depois de exercer a caridade e de praticar a esmola...

(Desenho original do dr. Valle e Souza)

coada por vidros de côres brilhantes, ia bater melancolicamente nos muros do templo.

Até hoje, porém, tem permanecido invioláveis, como desafiando as iras do tempo

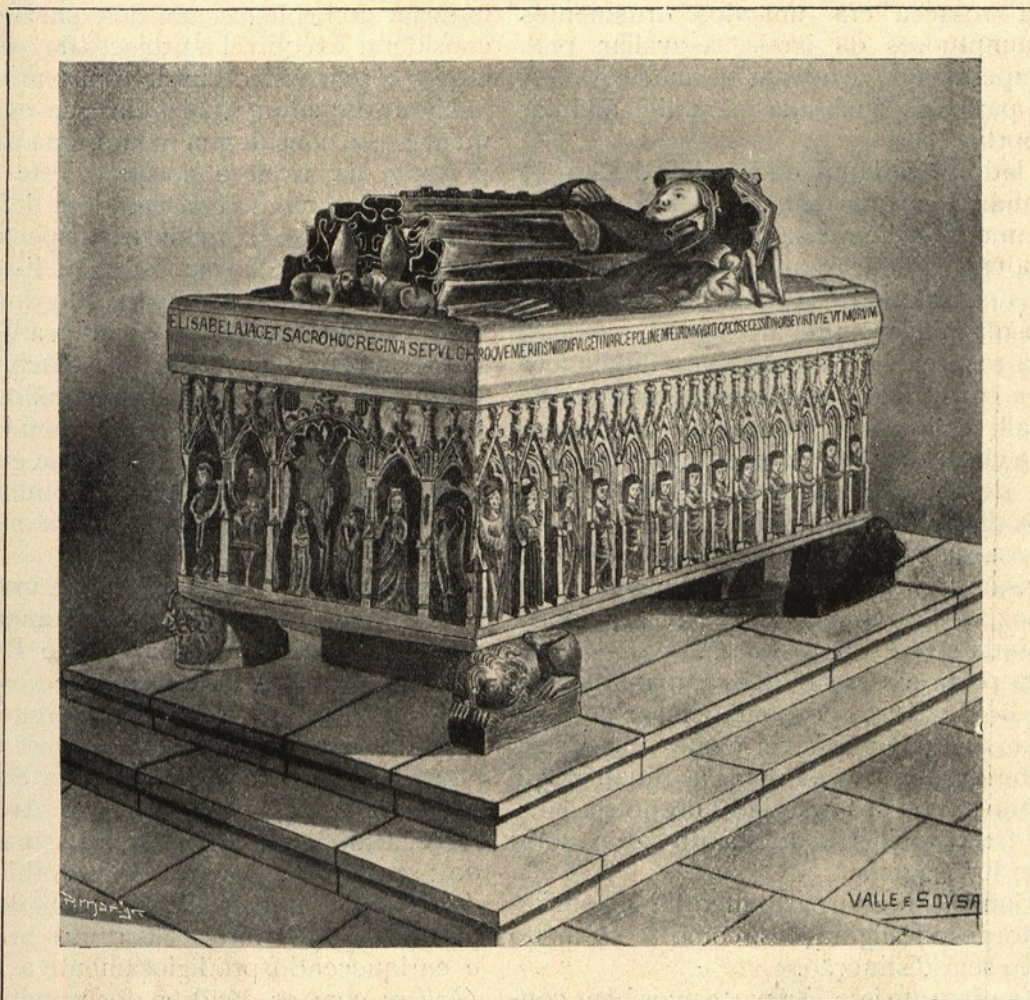
gindo-os d'um manto de heras e musgos,

<sup>1</sup> Duas illuminam a igreja que são as que se veem n'um dos nossos desenhos ; as quatro restantes o côro.

como a encobrir, condoida, a obra da ignorancia crassa dos homens.

A porta situada n'este lado, que dava aos fics ingresso na igreja, está soterrada, ven-

ciona dois casos, um succedido em 1428 e outro em 1572, em que as justiçaes secular e ecclesiastica proferiram sentença em favor da immunnidade da porta do couto.<sup>3</sup>



PRIMITIVO TUMULO DA RAINHA SANTA EM SANTA CLARA DE COIMBRA

(Desenho do dr. Valle e Souza)

do-se apenas parte da ogiva<sup>1</sup> que em breve terá desaparecido inteiramente.

Esta porta, que tinha na sua frente um alpendre de que hoje apenas restam vestígios, tinha o nome de *porta do couto* ou *da cadeia*, por estar perto d'ella uma corrente de ferro, que servia de couto e homizio, indicando o privilegio d'asylo de que gosava o mosteiro. O condemnado que, fugindo á justiça, conseguisse transpôr a corrente ficava ao abrigo de toda a perseguição.<sup>2</sup>

A *Historia Seraphica da Ordem dos Frades menores de S. Francisco na Provincia de Portugal* de Fr. Manuel da Esperança, men-

A fachada occidental foi vilmente conspurcada e destruida na sua maxima parte por demolidores estupidos.

O brutal camartello não teve o mais pequeno respeito pela grande rosacea, de perto de quatro metros de diametro interno, alli aberta para dar melhor luz ao côro e que deu o nome á *porta da rosa*, tão famosa na chronica legendaria de Santa Isabel, e que frei Manuel da Esperança diz chamar-se assim por ser junto d'ella que a santa rainha

<sup>3</sup> Fronteiro á *porta do couto* havia ainda no seculo passado um portico sobre o qual se via n'um nicho uma imagem de Santa Clara, em que se lia este letreiro: *Esta obra foi feita na era de 1587 annos, sendo abbadeça d'este convento D. Antonia de Castro.*

Este portico que dava entrada para o amplo patco da igreja, erguia-se juncto da ponte.

De tudo isto não ha sequer vestígios.

<sup>1</sup> Distingue-se bem no referido desenho.

<sup>2</sup> Para memoria d'este privilegio ainda hoje se vê a mesma corrente, presa, ao chão, juncto ao portico d'entrada do novo convento de Santa Clara.

mudou em rosas as peças de dinheiro que levava no regaço para os seus pobres ao deparar com seu esposo, o qual lhe perguntou que levava, respondendo ella: — *Rosas, senhor!*

Esta rosacea era um dos ornamentos mais sumptuosos da igreja, a avaliar pelo arco superior que é apenas o que existe. A outra parte foi quebrada para lhe adaptar uma porta.

No lado meridional da igreja á direita do campanario encanta singularmente a vista, como uma flôr immensa incrustada na parede, a esplendida rosacea que nos lindos ornatos centraes e ricos detalhes apresenta toda a magnificencia da arte ogival.

Esta rosacea foi rasgada para illuminar a tribuna construida no côro pela santa rainha para alli collocar o seu tumulo depois da grande cheia de 18 de fevereiro de 1331, que o fez desaparecer sob as aguas durante muitos dias e inundou todo o templo.

A rosacea e as duas grandes janellas que se divisam á esquerda do campanario, davam luz ao côro, para o qual havia a porta que ainda se vê sob a rosacea.

Esta porta e a escada do campanario, que ainda hoje existe, occupam o lugar de duas janellas que deviam haver e que com as duas já referidas, correspondem ás quatro que illuminavam o côro pelo lado do norte.

As trez janellas á direita do campanario davam luz á igreja.

As janellas d'esta parte meridional soffreram torpes desfigurações, como todas as do edificio sem distincção.

Não obstante isso, é a parte mais bem conservada e a que os photographos aproveitam para os seus clichés.

Ainda hoje alli existem quasi rentes do chão os massiços que sustentavam as abobadas do vasto e sumptuoso claustro de que ream as chronicas, e em que se erguia uma fonte cujo motivo principal era uma nympha, tendo o braço enlaçado por uma serpente, da bocca da qual sahia agua.

D'anno para anno fazem-se reparos que desmancham cada vez mais a energica belleza de todas as partes do edificio, ao passo que as successivas inundações do rio vão corroendo as suas riquezas decorativas, cujo estudo proporciona preciosos elementos para a historia da nossa arte.

E' uma dor d'alma e uma vergonha o abandono a que se votou o velho templo, não se tratando de garantir da destruição os restos d'este edificio que nos falla do mais poetico, do mais puro, do mais glorioso vulto feminino da nossa historia.

O patriotismo e o bom gosto exigem que

se ligue algum interesse a essas pobres e adoraveis ruinas, uma vez que as condições locais não permitem a reconstituição do edificio consoante o plano primitivo, e que se não tenta exploral-o methodicamente como indicam archeologos, um dos quaes chega a considerar exequivel o projecto de o enxugar, e de o tornar visivel desde o pizo primitivo <sup>1</sup>.

N'outro qualquer paiz, em que os monumentos se consideram como uma parte importante da riqueza nacional, este edificio seria piedosamente conservado e defendido, procedendo-se aos reparos indispensaveis, e garantindo-o da barbaridade dos homens.

Em Italia, onde a conservação dos monumentos nacionaes está confiada a Giacomo Boni, um dos mais illustres discipulos de Ruskin, cujos preceitos são escrupulosamente applicados, uma lei de 1878 creou commissões regionaes ás quaes pertence guardar e promover a conservação dos monumentos e dos objectos d'arte que existam na respectiva localidade.

A Inglaterra é o paiz onde com mais ardor se conservam e restauram os monumentos, sobretudo depois dos trabalhos de Ruskin, o qual tão profunda influencia teve nos artistas e no publico do Reino Unido, erguendo um energico e caloroso brado em favor dos monumentos historicos, fundando a Sociedade Protectora dos Monumentos Architectonicos, transformando a architectura ingleza de pseudogrega, que era, n'um gothico, cheio de sobriedade, terçando armas em defesa das paisagens e das industrias ruraes britannicas e enriquecendo prodigiosamente a *National Gallery* com os quadros dos primitivos, dispostos em cinco salas, onde fulguram com brilho diamantino as escolas de Sienna e de Florença, representadas pelos Lippi, Benozzo Gazzoli, Ghirlandajo, Botticelli, Perugino e Pinturicchio.

Nenhum outro paiz, como a Inglaterra, sabe restaurar os edificios da idade media.

Em França dão-nos uma bella lição os trabalhos de Vitet que, sendo nomeado em 1830 inspector geral dos monumentos historicos, fez a sua historia e a sua critica em estudos minuciosos, e indicou o programma das restaurações architectonicas, a que serviram de complemento os monumentaes estudos technicos do grande Violet-le-Duc.

Desde ha muito que no mesmo paiz se promulgaram leis para proteger os monumentos.

Entre outras a lei de 1833, determina que

<sup>1</sup> Vide a este respeito a bella obra do Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão*, vol. 1.º pag. 151 nota.

se expropiem por utilidade publica as construcções que causem estorvo ou prejuizo aos monumentos; e a lei de 1887 protege-os tambem dando, nos seus art.<sup>os</sup> 1.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup>, aos prefeitos a faculdade de expropriarem os immoveis cuja classificação não seja permitida pelos proprietarios.

Em virtude d'esta ultima lei não pode executar-se n'um monumento historico, ou seja do estado ou particular, a mais ligeira reparação sem que obtenha a approvação do ministro, depois de ouvida a commissão dos monumentos historicos a qual, em face d'um relatorio organizado pelo inspector, que superintende no monumento, resolve se devem ou não executar-se as reparações.

Em Portugal entre outras leis de protecção temos o importante decreto de 1902 que manda classificar, precedendo consultas ou propostas do conselho dos monumentos nacionaes, os immoveis, por natureza ou por destino, pertencentes ao Estado, ás corporações administrativas e a particulares, cuja conservação represente, pelo seu valor historico, archeologico ou artistico, interesse nacional, determinando no art.<sup>o</sup> 9 que sejam classificados e inventariados pelo conselho dos monumentos nacionaes os objectos mobiliarios, de reconhecido valor intrinseco ou extrinseco, pertencentes ao Estado, ás corporações administrativas ou a quaesquer estabelecimentos publicos, exceptuando os museus.

Coimbra julho de 1903.

O artigo 5.<sup>o</sup>, inspirado na lei franceza a que alludimos, dispõe que se proceda á expropriação por utilidade publica, mediante lei especial que a auctorisce, sempre que o proprietario de um immovel se oppozer á classificação d'este.

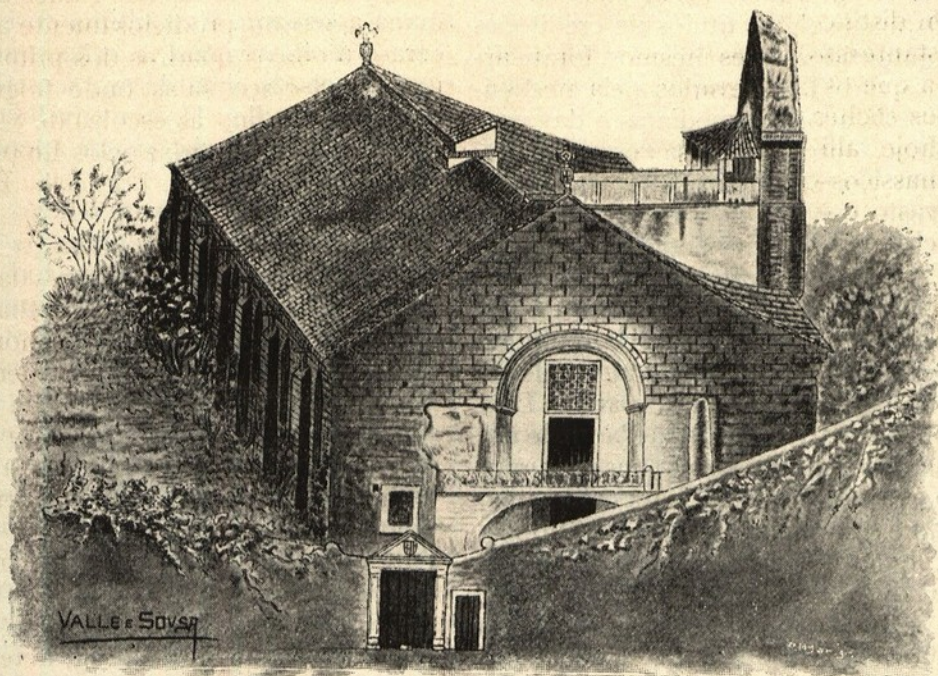
O artigo 4.<sup>o</sup> determina que os immoveis classificados não poderão ser destruidos no todo ou em parte, nem soffrer qualquer trabalho de reparação ou modificação sem licença do ministerio das obras publicas, commercio e industria, depois de ouvido o conselho dos monumentos nacionaes.

Apesar dos bons intuitos do legislador, muitos dos nossos monumentos continuam no mais deploravel abandono, cahindo em ruinas, soffrendo revoltantes attentados que lhe alteram o seu caracter venerando.

A igreja de Santa Clara *a Velha* tem sido das mais vilmente desfiguradas e é um exemplo vivo do nenhum interesse que entre nós se liga aos monumentos do passado.

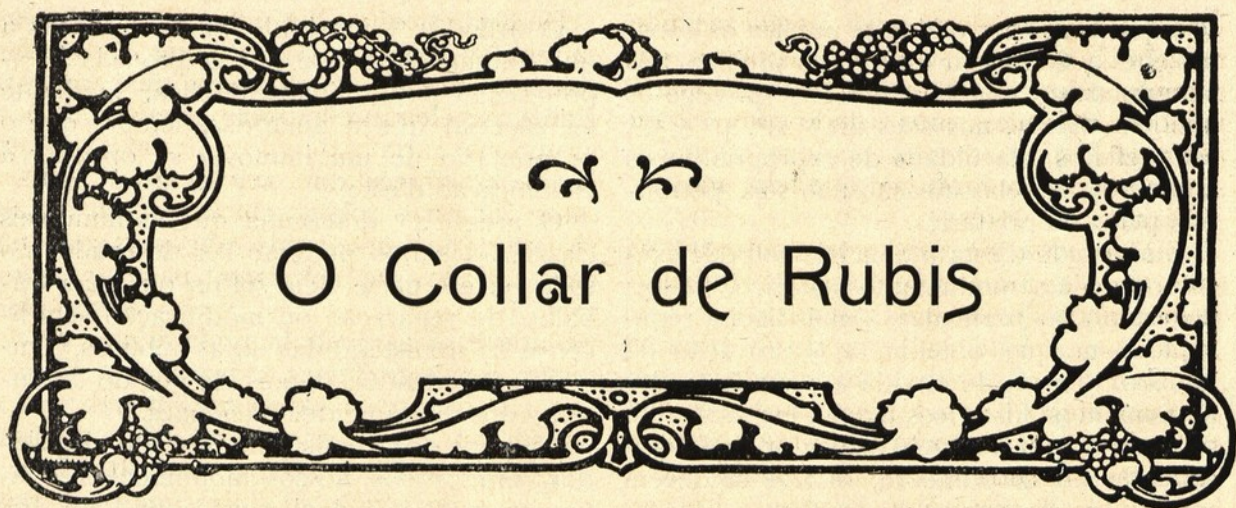
E, pela severidade do seu estylo, e pelas suas recordações historicas, bem merece ella que se erga um brado a favor das suas pobres ruinas e se peça para ellas um pouco de amor e de respeito, impedindo que a mão dos homens as deformem mais do que estão e expurgando-as dos nefandos reparos que maculam a sua feição primitiva.

ANTONIO JULIO DO VALLE E SOUSA.



IGREJA DE SANTA CLARA.—FACHADA OCCIDENTAL VISTA DO MONTE DA ESPERANÇA

(Desenho do dr. Valle e Souza)



# O Collar de Rubis

## CAPITULO I

UM empregado do escriptorio trouxe-lhe para assignar a ultima carta; Dudley Hatton ficou só no seu gabinete de trabalho. Eram seis e meia d'uma sexta feira do mez de julho. Dudley, longo tempo, reteve na memoria a lembrança d'aquelle hora e d'aquelle dia.

Fôra uma semana de violenta tempestade financeira, sobretudo para Drapers' Gardens, a empresa que provocara a crise. Durante aquelles cinco estreitos dias, houve pobres que ficaram ricos, e ricos que cahiram na miseria e no suicidio. Na mesma bolsa, no espaço de duas horas, as cotações dos valores de especulação oscillaram horrivelmente, como sacudidos por violento e mysterioso terremoto. Os mais solidos titulos de credito, os melhores garantidos, esses mesmos, foram arrastados no turbilhão, levados pela necessidade das realizações immediatas e das vendas forçadas. Outras empresas eram favorecidas de um vento ponteiro que as impellia sobre as vagas revoltas do mercado, e as cotações d'ellas subiam desmedidamente, sem outra razão, que não fosse o descoberto dos baixistas, obrigados a liquidar a posição. Havia rugidos nas vozes tremulas da multidão, semelhantes ao refluxo do vendaval. O calor do verão augmentava o frenesi do panico. Dudley Hatton, que não sabia ainda n'aquelle momento qual o resultado exacto das suas grandes transacções bolsistas, deixára cair a pena da mão e continuara sentado, olhando vagamente, quasi inconsciente do lugar e do tempo em que estava, apreciando por calculo mental o balanço das perdas e dos lucros, planejando novas combinações. Chegava-lhe através das janellas o ruidoso movimento da City: porém não o ouvia. Os relogios das egrejas vizinhas, tocando os quartos, não lhe fallavam do dia que estava a findar. Elle es-

tava como absorto; ausente de si proprio, n'uma intensa fadiga intellectual, esgotado de força nervosa, vivendo de hontem para acordar no dia seguinte. Os empregados, ansiosos por se retirar, observavam pela porta do escriptorio a attitude concentrada do patrão e não atinavam com o motivo da demora d'elle.

Tivessem elles ganho a vigesima parte apenas da sua fortuna, e bem poucas vezes os veria a rua Throgmorton, a rua dos negocios! Que laço mysterioso prenderia aquelle homem fabulosamente rico áquella habitação triste e plena de phantasmas financeiros, quando todo o mundo se abria para elle — as cidades divertidas da Europa, o esplendido Oriente, a vida saudavel do mar? E estava-se matando decididamente — hora a hora, semana a semana. Esta ultima crise emmagrecera-o a olhos vistos. A mão, que levantara uns papeis de cima da sua secretária, tremia convulsa. Dudley Hatton envelhecia progressivamente. Todavia vivera apenas trinta e sete annos.

Os amigos observavam o facto, apontavam os indicios, comtudo nenhum, lady Hermione, sua mulher, menos do que todos elles, percebia o gráo de abatimento a que tinha chegado. Ali sentado no seu escriptorio, com o pensamento vago e o corpo cançado, á luz escassa d'um sol poente, salientavam-se no seu rosto pallido traços e rugas mais fundas do que nunca lh'os tinham visto os empregados. E havia o quer que fosse nos seus olhos, que um simples estranho ou indifferente observaria com interesse — um d'esses olhares que procuram compaixão e soccorro, que imploram quasi o favor supremo de lhe apontarem uma arma; olhar d'um homem que tivesse perdido a batalha da vida, exausto no desespero da refrega. Todavia Dudley Hatton era considerado o quinto dos homens mais ricos do mundo. O seu rendi-



mento fôra estabelecido por jornalistas. não mathematicos, mas sempre imaginosos, em sommas colossaes. Elle era photographado fallado nos jornaes, entrevistado como «o rei africano».

— Que enorme fortuna! que feliz homem! — diziam os leitores.

— Que vida de cão! commentavam os seus amigos que lhe conheciam o trabalho preocupado de todos os instantes.



O secretario bateu á porta interior do escriptorio e como não tivesse obtido resposta, bateu segunda e terceira vez até que a bem conhecida voz gritou— Entre!— Encontrou ainda Dudley junto da grande mesa de trabalho—o quarto meio ás escuras, os papeis dispersos defronte d'elle. Receioso a principio que seu patrão estivesse doente, amimou-o em tom suave e de maneira affavel adiantou-se com segurança. Os poucos que viviam na intimidade de Dudley Hatton não levavam muito tempo para o estimar. Mesmo o grande inimigo dos affectos, o seu dinheiro não o podia privar da affeição d'elles.

— Então Hardy, que ha de novo? Julgava, que já tivesse ido para casa.

— Estava á sua espera, senhor.

— Uma attenção que me encanta, Hardy.

— Muito obrigado, porem o sr. Foxall está ali fóra.

Os vincos do rosto de Dudley desvaneceram-se n'um instante; tal era a magia d'aquelle nome.

— O sr. Foxall! Que será que o demora até estas horas para cá do *Temple Bar*?

— Disse ter ajustado uma entrevista comigo.

— Um encontro comigo? uma entrevista?

Tirou da algibeira um livrinho de notas, capa da Russia, folhas douradas e folheou-o apressado. Quando encontrou a data, sulcaram-se lhe de novo as faces, e passou-lhe o effeito magico do nome.

— Oh, sim! já sei: havia de facto uma combinação. Faça subir o sr. Foxall. E você, Hardy, vá para casa. Diga aos outros empregados que podem sahir. Não preciso que ninguem fique.

O empregado agradeceu, complimentou, e sahiu do escriptorio. Antes que se passassem vinte segundos, ouvia-se o tropel dos outros sahindo, semelhante ao de rapazes de escola. Entretanto Patricio Foxall subia a tres e tres os degrãos da sala inferior para o escriptorio particular, e entrava no gabinete alegre, expansivo, mas n'um tom levemente agastado.

— Como váes agora, meu caro Dudley?

Dudley estendeu-lhe a mão por sobre a carteira e depois de Patricio lhe ter tocado com surpresa nos dedos frios, abriu o armario d'uma papeleira collocada por detrás d'elle, tirou uma garrafa de *sherry* e um copo de vinho, e offerecendo-a acrescentou:— Charutos ahi estão sobre a mesa. O seu jovial visitador, de collete azul claro, accendeu um puro havano, Dudley tomou para si um cigarro de papel e começou de lhe abrir a extremidade, desenrolando cuidadosamente as dobras da mortalha.

— Tenho uma horrivel memoria Patricio, desculpa-me.

— Em verdade creio que tens. Hoje esperei por ti uma hora. Mas dize-me—o que é que te privou de ir ao consultorio de Chaplin?

— O dinheiro.

— Vae para o demonio com o dinheiro! Dá-te acaso elle carne para os ossos e somno para as noutes? Pois, meu caro, tens de ir n'este mesmo instante, porque o doutor espera-te. Anda, mette-te no carro e vae.

Dudley fumou em silencio ainda alguns minutos. Depois perguntou.

— Pensam acaso os meus amigos que eu esteja deveras doente?

— Não pensam; sabem-n'ó.

— E estão realmente preocupados por minha causa?

— Fazem-te a amabilidade de dizer que ainda esperam que não morras n'uma casa de doidos.

Elle não viu a rapida mudança que na phisionomia de seu amigo produziram aquellas palavras, nem o olhar que lhe relampejara nas pupillas. Todavia riu-se, e riu-se muito forçadamente, com uma gargalhada rouquenha, que podia ouvir-se talvez na rua. Patricio Foxall tinha um estribilho de supremo desdem para qualquer argumento que o contrariasse. Era proprio d'elle, e inimitavel, uma pequenina phrase murmurada entre os labios, rapida, curta, como se fosse um encolher de hombros, apenas ouvida, quasi indistincta: *Bau-bau* e continuava impassivel:

— Dizem que você trabalha muito e que se está matando, dia a dia. Jan Beckstein, — astuto como o diabo velho — anda vaticinando que morres pelo Natal. De certo ficaria bem contente com isso! Vamos já agora não dêes esse gosto a Beckstein! Se o fizesses, seria a primeira vez que elle teria de te agradecer um prazer.

Dudley sacudiu a cinza do cigarro, levantou-se, procurou a cadeira onde pousara o chapeo alto, olhou para si como verificando a correcção sempre escrupulosa do seu vestuario.

— Se alguém me levar cedo para a sepultura, não ha-de ser Jan Beckstein — dizia serenamente, enquanto empurrava a porta para deixar sahir adiante Foxall — Fiz-lhe hoje uma partida que elle tão cedo não ha de esquecer. Vamos; meu Patricio, vou procurar o teu afamado medico já que tanto instas. Mas repara bem que não é o dinheiro que d'esta vez me faz sahir, hein?

Foxall pôz o chapeo ao lado, como era seu tic estouvado, mettu o braço no de Dudley, e — *Bau-bau!* foi tudo quanto julgou conveniente responder áquella intencional referencia á sua amizade.

## CAPITULO II

DR. Oliver Chaplin, de Harley Street, ouvindo tocar a campainha da porta da entrada, arremessou apressado para o lado o jornal da noute que estava lendo, abriu um livro de sciencia, um in-quarto pre-nhe de texto miudo e de notas ainda mais miudas, sentou-se á sua banca com uma pena na mão como quem tomava apontamentos de leitura substanciosa. Quando o criado annunciou solemnemente «sr. Dudley Hatton», a sua attitude era a d'um professional em acção. O mais fino observador, vendo-o, não teria adivinhado que elle voltara, ha pouco, do *golf-link* em Northword, onde sustentara uma viva discussão com um collega, tambem eminente, sobre os meritos relativos e absolutos do novo *golf-americano*. Compoz com toda a apparencia de seriedade inalteravel a sua physionomia; e quasi não abaixou a cabeça, como faria um juiz, quando Dudley entrou.

— Sr. Dudley Hatton — inutil será dizer que conheço o nome.

Dudley Hatton nenhum caso fez do comprimento lisongeiro. Estava habituado a ouvir-o constantemente.

— O meu amigo Foxall desejava que eu viesse consultal-o — disse laconicamente; — não sei para quê; mas elle será talvez o unico homem de Londres que faça de mim o que quer. Portanto aqui me tem, doutor, e a si compete-lhe agora interrogar.

O dr. Chaplin inclinou a cabeça e pegou n'uma agenda para escrever notas. Ao seu lado esquerdo pousava um candieiro, cuja luz era velada por um *abat-jour*. Puxou-o mais para si, e virou-se para observar o seu doente por sobre os oculos.

— O sr. é um homem muito activo.

— Talvez. Póde considerar-me assim.

— Que váe ao escriptorio todos os dias?

— Sim.

— E algumas vezes tem sentido o cansasso d'essa vida activa, estou certo.

— Se não o sentisse, não estaria aqui.

O dr. Chaplin escreveu uma nota no seu livro e continuou a serie de perguntas usuaes, encadeadas, a idade, o peso, o appetite, a digestão, numerosas observações complementares.

— Viaja muito, sr. Hatton?

Dudley sorriu-se.

— No anno passado atravessei para a America cinco vezes, uma vez ao sul da Africa, tres a Berlim, e outras tantas a Paris. Achará isto muito, doutor?

— Pelo menos uma prova dos seus impulsos de vagabundagem. Deixe-me perguntar-lhe se transporta tambem no pensamento os negocios durante essas viagens, ou se algumas d'ellas se destinam a simples diversão e repouso?

Dudley cerrara os olhos e encostára-se para trás na cadeira, enfastiado com o longo interrogatorio.

— Ah! — disse elle — pela minha vez, vou fazer-lhe uma pergunta. Quando o doutor tem um caso perigoso, — um doente entre a vida e a morte, uma grande operação a executar — esquece-o tambem, e põe de parte a preocupação quando lhe apraz? Parece-me que não, doutor.

Como Dudley se curvasse sobre os joelhos, não poude ver o leve sorriso de desdenhosa superioridade que perpassou através dos labios finos do medico. Rapidamente impassivel, tomou outra nota na agenda encadernada em preto e acrescentou:

— Vejo muito bem. O senhor está mettido em variadissimas empresas, em grandes operações financeiras, e não póde deixar de pensar n'ellas. E' natural. São as suas *damas brancas*, acodem-lhe ao cerebro constantemente. Acaso dorme bem, sr. Hatton?

— Dormir? O que eu daria para dormir!

— Ha sempre uma serie de pensamentos que o despertam. A imaginação accresce a sobrecitação. Levanta-se cedo porque váe para a cama tarde.

— Levanto-me cedo porque preciso. Sou levado sempre por um impulso natural. Preciso obedecer-lhe. Devo trabalhar logo que acordo. Se descançar falha-me o cerebro. Sou como um ebrio; a finança é a minha bebida alcoolica. Por isso estou aqui consultando-o, doutor. Dê-me a possibilidade de repousar; é o que lhe peço.

Oliver Chaplin pousou a penna e puxou o candieiro para a borda da mesa para que a luz podesse incidir sobre o rosto do seu cliente. Observou-o attentamente, no menor gesto, na menor contracção dos musculos

da face; o seu olhar investigador mergulhava fundo no cerebro, na alma de Dudley.

— Se quiser entregar-se inteiramente nas minhas mãos, começarei por lhe prometter, — disse carinhosamente, depois talvez lhe possa afirmar; porém teria de ser inteira a sua confiança em mim, sr. Hatton.

Dudley, quasi envergonhado da instancia que fizera, voltou á sua attitude sceptica.

— Quer dizer, banhos, hydrotherapia de toda a especie, isolamento, estação d'aguas, hein, doutor? Um curativo completo para a neurasthenia. Oh! conheço muito bem essa nova palavra que tudo explica e tudo significa.

O doutor abaixou o *abat-jour* e pegou outra vez na penna.

— Não receitarei nenhuma d'essas cousas — disse serenamente.

— Então o que é que me receita? O que deseja que eu faça?

— Deixar completamente, definitivamente para sempre os negocios.

— Deixar para sempre os negocios?

— Não vejo meio termo. Senão...

Parou abruptamente, receiando dizer o que tinha no pensamento. Seguiu-se um silencio molesto para os dois. Através das janelas abertas podia ouvir-se a distancia um realejo que servia de reclamo, o relógio por cima do fogão batia pacientemente o tic-tic do pendulo compensador. Dudley foi o primeiro a interromper o silencio.

— O doutor ia a dizer...

— Ia a dizer as consequencias. Deixe-me explicar-lhe por outra forma. Estou certo que não quererá occultar-me nada, sr. Hatton. Tenha-me n'este momento não simplesmente como médico, mas como amigo. Não se resentirá de uma pergunta?

— Aquí estou para fallar; pergunte-me o que quizer.

Houve ainda um momento de hesitação, depois interrogou vagarosamente:

— Esse impulso para o trabalho e para a actividade de que me falla, é unico, quero dizer, não sentirá outros impulsos, sr. Hatton?

A pergunta foi simples, mas o effeito que ella produziu foi profundo. De novo appareceu nas pupillas de Dudley aquelle olhar perigoso que tanto incommodára o seu empregado de confiança na solidão do escriptorio. As mãos tremeram-lhe nervosamente, a physionomia decompoz-se visivelmente, envelhecendo-o.

— Outros impulsos — o que quer dizer, doutor?



...As mãos tremeram-lhe nervosamente...

A explicação clara era agora inevitavel.

— Quero dizer que os impulsos nervosos affectam muitas formas. Quando o systema está desafinado, quando se não póde dormir

nem descansar, a Natureza faz soar aos nossos ouvidos uma campainha de alarme. Muita gente tem vindo dizer-me, n'este mesmo quarto, as mais ridiculas manias, que eram resultado simplesmente de trabalho excessivo. Tenho até conhecido doentes, sensatos, religiosos, nos quaes a desordem do sistema nervoso chegára a tal ponto que tiveram o impulso de matar os que lhe eram mais caros. Outros revertem sobre si proprios este impulso de aniquilamento. De certo não conhece casos d'estes.

Parou, como se a suggestão fosse sufficiente; porém Dudley escondera o rosto entre as mãos. Por muitos minutos não fallára. Como este homem adivinhou tão admiravelmente a verdade! — pensava elle. O terrivel impulso para a morte, para o socego, para o esquecimento que elle sentira a miude e que nem a si proprio ousara confessar.

— Sim, — disse brandamente — sim, tenho sabido de alguns casos, doutor. Porém sempre considerei remedio efficaz para taes desarranjos mentaes um trabalho afincado e salutar. O trabalho cura taes impulsos...

E depois, como se formasse uma resolução, cerrou os punhos e concluiu:

— Por Deus que assim ha de ser!

O doutor observou-o rigorosamente durante este paroxismo de terror nervoso. Um pouco receioso das consequencias da sua pergunta, começou por mudar de assumpto, desviar-lhe o intento.

— Ouça bem, — disse — o sr. Dudley está gasto pelo trabalho, cançado, doente mentalmente. A Natureza está-lhe tocando a campainha de alarme. Tome cuidado comsigo, deve fazel-o, senão por si, pelo menos por sua mulher.

— Por amor de minha mulher! — interrompeu, mas logo reprimiu a phrase que lhe viera aos labios e levantou-se apressado.

— Hei-de voltar cá a vê-lo outra vez, quando estiver melhor disposto. Se julgar que possa haver alguma çousa que me faça bem, então m'a receitará. É a sua hora de jantar e a minha, doutor. O jejum não fará bem a nenhum de nós.

Julgando perceber o motivo d'esta repentina resolução, o doutor não procurou contrariar-o, mas insistiu:

— Vae tomar umas grandes ferias — e deve principiar ámanhã. Heide ir de manhã a Park Lane, a sua casa, para vê-lo como são executadas as minhas prescripções. Póde divertir-se muito bem até o Natal, sr. Hatton, e depois d'isso havemos de considerar novamente no caso. Porém é dever meu dizer-lhe muito claramente que se continua como vae vivendo, em seis mezes...

— Morrerei n'uma casa de doidos, hein? Não me poupe, doutor; eu sei.

Dudley riu-se da sua propria prophesia, e depois repetiu, como se fallasse para si, — Eu bem o sei — em seis mezes!

Deixou o consultorio aborrecido das consolações que lhe offereciam. Elle, todos estes ultimos mezes, provocára o alarme da ameaçadora campainha da Natureza, como dizia o doutor, e agora estava soffrendo o castigo da sua audacia.

©

Emquanto atravessaram juntos o vestibulo, o dr. Oliver Chaplin reteve o seu cliente um instante, tocando-lhe no braço, em tom de confidencia.

— A proposito — disse — o meu corretor insiste que eu devia comprar Louisvilles. Pensa que elle tem razão?

### CAPITULO III

Patricio Foxall, semelhante aos passaros descuidados, chalreadores e confiados, não semeava, nem tão pouco ceifava; mas davalhe pouco cuidado o dia d'amanhã, porque como aquelles expertos habitantes do azul sereno e limpido, elle sabia muito bem onde o semeador atirava ao vento as boas sementes productivas, e onde o cegador afanoso pela calma ia levantar a meda enorme das espigas douradas. Ninguem saberia dizer ao certo de que elle vivia, ou por que meios elle ganhava dinheiro para viver; todavia era recebido em todos os circulos de sociedade onde se aprecia apenas o lado externo do mundo, ainda mesmo pelos mais serios, comtanto que essa face apparente seja brilhante ou pelo menos polida. Caçador eximio, conversador attrahente, gracioso, de sua natureza vivo e intelligente, nenhuma andorinha migraria com mais exactidão para o norte, ou para o sul, na época propria do anno. Ou via-se dizer n'um mez que estava em S. Petersburgo, no seguinte encontral-o-hiam em Aix ou Homburgo ou em outro mais proveitoso *Monte*. Em qualquer ponto do globo onde esteja um bello bando de patos gordos, póde apostar-se que ahi se encontra Foxall, como guardador diligente — disse uma vez um gracejador satyrico. Mas certo é que da insinuação calumniosa restou sómente uma reputação de jovialidade excessiva; por que, para defesa propria, todos, conhecidos ou intimos, defenderam com calor o companheiro alegre da grande vida ruidosa e dissipadora. Se fosse possivel que alguém jogasse qualquer jogo, por difficil e escolhido que fosse, melhor do que Patricio o jogava, este de-

dicaria o mais irreprehensível estudo para o conseguir: e certamente jogal-o-hia em breve melhor do que ninguém. Havia, porém quem dissesse que Monte Carlo lhe rendia duas mil libras por anno.

Outros esperavam curiosos e pacientes pelo dia em que elle fizesse a sua primeira apparição nos tribunaes, em liquidação ruidosa de dividas.

As chegadas de Patricio a Londres eram tão irregulares e causavam tanta surpresa como as subitas partidas. Afirmavam que elle perdia as noutes, não se sabia onde; mas frequentes vezes era encontrado pela manhã cedo, em Hyde Park, trotando garbosamente, como quem preferisse a hygiene do exercicio á morbidez depressiva de noctambululo. De tarde encontravam-o no club do tiro, ganhando *poules* consecutivas pela certeza excepcional da sua pontaria, ou na sala das cartas, fazendo, amavel e condescendente, a partida do *whist* antes de jantar a respeitaveis amigos, a quem a sua inalteravel alegria de despreoccupado bom humor dava illusões consoladoras da passada juventude. Mais tarde ainda o seu lugar no *restaurant* da moda era como uma especie de throno em volta do

qual se agrupavam os seus admiradores e imitadores.

Foi ali, que lord Alfredo Troon e outros da especie encontraram Patricio algumas horas depois de elle ter deixado Dudley Hatton á porta do consultorio do dr. Chaplin. Anciosos de saber noticias do amigo de Patricio como d'elle proprio, sentaram-se em volta, encheram-lhe o copo, forneceram-lhe charutos e serviram-o de tudo quanto elle necessitava. Por seu lado, Patricio ardia em

desejos de fallar dos homens ricos que conhecia.

— Sempre inspira confiança!—pensava elle por intima philosophia pratica.



...em volta d'elle agrupavam-se os seus admiradores...

Saudaram-o tumultuosamente, pedindo-lhe noticias das suas viagens. Tinha estado em Monte Carlo, pelo menos era de lá que lhes tinham vindo as ultimas noticias.

— Não te recordas? dizia lord Alfredo. Escreveste-me e disseste-me que estavas n'um embaraço de mil demonios.

— Ah! É verdade. O dinheiro é uma maldição, e a ruina da humanidade! Dá-me cá um dos teus charutos Guilherme. Costumam ser excellentes!

Accendeu o charuto e, dando ordens aos criados com uma dignidade altiva que accentua familiaridade no restaurante e importancia propria, continuou a fallar das suas aventuras.

— Não tinham aquelle momento seis vintens na algibeira; reparem vocês agora! Uma semana depois conduzia um automovel a Beau Site, e foram ver-me duas mil pessoas. Palavra! As cartas, como os dados, estavam-me favoraveis; todavia cortei a minha sorte e vim. Não fiquei transformado em estatua de sal, porque não olhei para trás. Estavam cá amigos que precisavam de mim, em Londres — e tomava um ar mysterioso e impertinente, chupando o charuto em largas bafordas.

Todos perceberam que elle se referia a Dudley Hatton, o rei do ouro. Patricio Foxall faria sem duvida narrativa clara de tudo quanto soubesse. Na sua vida nunca guardara um segredo por mais de cinco minutos. As chronicas escandalosas estavam então cheias do nome de Dudley. Discutia-se-lhe a vida intima, attribuia-se-lhe a crise da bolsa, censurava-se-lhe a sua actividade prodigiosa, criticava-se-lhe o seu gosto d'arte. Aquelles miseraveis jogadores — qualquer d'elles prompto para a caçada d'uma reles nota de cinco libras — agglomeraram-se em torno do irlandez quando ouviram o nome de Dudley.

— Dizem que Hatton tem a memoria perdidada — aventou lord Alfredo. Tu conheces o melhor do que qualquer, vives na sua intimidade e portanto debes negar o facto. E' natural. Patricio, acaso o viste hoje?

— Passei com elle toda esta tarde. Tens razão em dizer que o conheço bem. Não ha ninguem que gose d'esta intimidade que me dá o privilegio de fallar como fallo. Fomos companheiros de collegio, debes lembrar-te, e elle confia em mim inteiramente. E murmurava entre dentes o seu conhecido monosyllabo, levemente cantado e rapidamente dito, o seu eterno — *Bau-bau*.

— Então elle não está doente, Patricio, tudo quanto se diz é mentira? — suggeriu um d'elles.

— Tudo peta, meu caro. Não ha outro homem em toda a cidade de Londres que vos podesse dizer a verdade, não sendo eu, que não estou aqui para fallar d'estas cousas. Recordem-se vocês de que o meu amigo, Dudley, é um homem em evidencia, e não se é notavel na presente época se o mundo não disser mentiras a nosso respeito. Não acreditem em noticias de jornalistas bisbilhoteiros, que fingem intimidade com homens da grandeza de Dudley. Estão habituados a pesqui-

zar a vida de cada qual pelas indiscripções da creadagem, comprada a copos de cerveja.

Lord Alfredo e os outros ouvintes menearam as cabeças em silenciosa homenagem perante aquella affirmacão de amizade.

— Dizem que elle tem uma lesão no coração muito adiantada — insistiu um que estava ao canto da mesa, e que se conservava silencioso. Não me surprehenderia nada que fosse assim. Elle remava de Cains até Cambridge.

— E' justamente isto que faz o espanto da sua enorme fortuna! — insinuou outro; se Dudley Hatton fosse um homem ordinario, um judeu asqueroso e barrigudo, com aneis de brilhantes por cima das luvas e uma abotoadura de camisa luminosa como o pharol d'um automovel, poder-se-hia acreditar no seu bello dinheiro; porém um millionario educado é do vigesimo seculo. Havemos de nos habituar a elles, mais tarde. Tenho ouvido que elle é um dos melhores rapazes de Londres, um bello caçador e um perfeito *gentleman* nas maneiras.

— Dizem que depois da famosa trindade americana e d'um ou dois dos nossos grandes proprietarios territoriaes, elle é o homem mais rico do mundo — accrescentou ainda um terceiro.

— Se elle realmente soffre d'uma lesão cardiaca, é o mais infeliz pobre pedinte da vida — concluiu outro do grupo.

Foxall resentia-se d'este conhecimento intimo que affectavam ter do seu amigo. Era uma impertinencia; era quasi pretender que elle nada soubesse da vida e da saude de Dudley Hatton.

— Não é tal lesão do coração — interrompeu fallador e convincente. E' o cerebro que o atormenta; o cerebro, meus amigos; é uma doença de que nenhum de vocês desejaria padecer. Não se póde ter um cerebro como o de Dudley sem se lhe soffrer as consequencias. Percebe-se. Está ali um homem que tem empresas em todas as partes do mundo: industrias na America, concessões na Argentina, as minas de brilhantes na Africa, os seus tramways e os seus caminhos de ferro na Europa, os seus negocios em Londres. O sufficiente para endoidecer uma cabeça menos forte. E elle é só, attendam bem, é uma cabeça que pensa em tudo, trabalha por muitos, distribue a sua energia por toda a parte! Podem comprehender portanto o que eu receio por elle, sendo, como sou, seu verdadeiro amigo, o seu unico amigo, me dizia elle esta tarde.

— Então, Patricio, são historias tudo que por ahi se diz de que elle soffre d'uma exci-

tação muito proxima da loucura? — perguntou lord Alfredo.

— Dirás em verdade: um trabalhador infatigavel, cujo cerebro está acordado noute e dia. Nem uma hora de descanso. Demais, falta-lhe o consolador repouso das affeições intimas, casado com uma mulher que nenhum amor lhe tem, e não se interessa pelos negocios d'elle. Enlace-se o velho e o novo, e a cadeia que se formar será fragil e quebrar-se-ha. E' o caso. Uniu-se a uma familia nobre. A mulher despreza-o por preconceito, embora lhe utilize o dinheiro. Todavia, elle precisa bem de ternura, como uma creancinha! Talvez, se tivessem filhos, lady Hermione fosse mais affavel. E' esta sem duvida a grande infelicidade da sua vida. Não ter um filho. Em contraposição possui uma mulher que se envergonha do nome que usa. Ora, vocês comprehendem que, juntando-se a isto tudo uma crise financeira como a actual, eu não podia deixar de voltar a Londres para junto d'elle.

Firmou-se na cadeira e accendeu outro charuto. Os *dandys* mediocres, como o seu oráculo, ridiculos como elle, incapazes de perceber o que havia de indiscripção repulsiva n'aquelles dizeres d'um intimo, meneavam as cabeças com gravidade, chegavam a um commum accordo, no que com certeza iriam por toda a parte repetir e affirmar.

— Seria uma terrivel quebra, se elle yiesse a perder o juizo — commentava o homemsinho do canto da mesa. — Vou vender os meus argentinos amanhã, e chamem-me urso se lhes aprouver.

— Mais depressa te chamaria macaco pelado — retorquiu Foxall, assobiando quasi, entre dentes, o seu eterno *bau-bau*.

#### CAPITULO IV

Raras vezes, Dudley Hatton entrava em sua casa, em Park Lane, sem que fosse com elle alguma nova realização maravilhosa da sua riqueza, um novo primor para as suas collecções. Na *City*, no mundo dos negocios, dentro da sua sobrecasaca apertada, Dudley procurava confundir-se com o vulgar da sua classe; contentava-se com modestos escriptorios, de aspecto banal, apenas as commodidades estrictamente necessarias; servia-se dos mesmos *restaurants* que toda a finança preferia. Mas ao cahir da noute, quando a grande officina financeira e commercial cessava de trabalhar, e os seus grandes operarios se retiravam para os soturnos palacios de Kensington, ou para as residencias apparentemente artisticas dos suburbios mais remotos, elle entrava em casa e volvia a ser

o homem do mundo, educado, amator de arte, de apurado gosto, que se comprazia no goso das cousas delicadas e nos requintes da civilização. A sua casa não era emblema vulgar da sua fabulosa riqueza; era confirmação luxuosa da sua imaginação artistica e do seu prazer esthetico de colleccionador. Possuía um thesouro de moveis francezes que rivalizava com o da collecção Wallace. A sua galeria de quadros era um primor de selecção em arte antiga e moderna. Tinha preferencias evidentes pela estatuaria franceza. Havia grupos de Rude, de Barye, e de Guillaume, no *hall*, nas varandas, no atrio, e nos lanços da escada. A casa de jantar era citada a miude como exemplo do mais encantador bom gosto, alliado a uma deslumbrante sumptuosidade. O *boudoir* de lady Hermione representava só por si uma consideravel fortuna. O grande salão occultava mais do que expunha as obras primas do seculo dezoito. E todavia na disposição de todas aquellas riquezas, na accumulacão de todos aquelles objectos de arte, havia tal discernimento e elegancia, tal propriedade e escolha que o effeito geral era mais de encanto do que de deslumbramento. Presidir á decoraçao da sua casa, mudar-lhe o aspecto progressivamente, á medida das suas novas acquisições, delineal-a, discutil-a com os artistas de que se rodeava, era o mais intenso prazer de Dudley. Todavia não lhe proporcionava a felicidade que elle ambicionava. Orgulhoso como era, e com justiça, da grande posição a que se elevara pelo proprio esforço, não deixava de sentir bem real, bem palpavel, o vasio de todo aquelle trabalho colossal. Faltava n'aquelle palacio pleno de riquezas invejadas a alegria acariciadora d'um filho ou o amor d'uma mulher. Havia cinco annos, depois de enriquecido, casára com a filha do conde de Lydon, lady Hermione, e o mundo disséra que elle era um homem feliz. Porém não houve filhos do casamento; e com certeza, silenciosamente veio o afastamento intimo. Uma mulher de raça altiva, educada no culto das tradições, resentiu-se e desgostou-se profundamente. Na sua propria casa occupára lugar humilde pelas vicissitudes da fortuna, e desde a mais tenra idade julgava-se injustamente tratada pelo destino. Se agora, mulher d'um millionario, gastava dinheiro profusamente, fazia-o com ares de quem estava usando d'um direito que lhe fôra recusado por violencia, durante longos annos. Nunca comprehendera Dudley, apesar de o ter desejado. Ella era uma mulher intelligente, e talvez a necessidade tivesse sabido tornar util aquella energia latente; fôra-lhe sempre ensinado que a *City*,

creava vulgaridades, e arreigara-se-lhe o pre-juizo. O que era justa ambição do marido, reduzia-se para ella a simples cubiça persistente—Tu és bastante rico — era argumento vulgar no calor das suas muitas discussões; —Podias fazer alguma cousa diversa do que accumular dinheiro. Meu pae diz que o podes bem fazer.

— E teu pae é uma autoridade na materia! — respondia Dudley, um tanto aggressivamente, recordando-se da pobreza do conde. Este antagonismo *systematico* a todos os seus projectos irritavam-n'o e afastavam-n'o cada vez mais. Era orgulhoso do seu poder dominador, orgulhoso de uma habilidade que tanto tinha conseguido e ainda mais esperava. A sua ambição, em verdade, era illimitada. Ser o rei do ouro no mundo, pesar sobre elle com toda a autoridade da sua riqueza, com uma palavra influenciar a vida das nações, e compellir os governos, á satisfação da sua vontade, tinha sido a suprema aspiração que lady Hermione nunca comprehendera. Ella não desconhecia o valor do dinheiro; mas a sua accumulção para um poder financeiro nunca o poudo justificar. Os cumprimentos da sociedade humilhavam-n'a na sua individualidade altiva. A *elite* prestava-lhe culto só porque era a mulher de Dudley. Os jornaes, que nas chronicas mundanas se occupavam d'ella com delirio, publicavam na quarta pagina annuncios de Dudley. E comtudo ella julgava-se com o direito de se distinguir por si, de ser considerada fóra d'estas sordidas homenagens. Mesmo os seus muitos inimigos concordavam que ella era linda. A sua frieza calculada accrescentava certa graça á altiva dignidade das suas maneiras plenas de distincção. Havia homens a quem ella humilhara com o seu desprezo, e comtudo provavam-lhe amizade perseverante. Mas sentia sempre que era apenas e sempre a mulher de Dudley Hatton, o rei do ouro.



Sahindo tarde do consultorio de Harley Street, Hatton foi directamente para o seu club; jantou lá e voltou a casa, em Park Lane, antes das dez horas. Lady Hermione não estava em casa, dissera-lhe o criado; porém miss Hatton estava na sala. Dudley considerava que os dois unicos entes, que lhe eram verdadeiramente affeioados no mundo, eram sua tia Mary e Courvoisier, seu criado particular: a primeira excessivamente falladora, o segundo, homem de poucas palavras. Como criado, poucos o igualariam. Parecia saber por instincto o que havia de perguntar e o que havia de fazer. Em

casa ou em viagem, não havia duvidas para Courvoisier. Nem novos paizes, nem linguas estranhas conseguiam desconcertal-o. O dia em que gosasse d'um feriado era particularmente rememorado entre a creadagem de Park Lane; nem ninguem podia dar noticia dos seus parentes ou amigos. O seu vocabulario seria de vinte palavras, talvez, mas servia perfeitamente para as necessidades de seu amo. Havia annos, murmurára-se na cozinha do palacio que Courvoisier era marido de uma mulher italiana que abandonára em Napoles; mas a verdade do dito ninguem a poudo confirmar.

Dudley enfiou silencioso a *jacket* de interior que o criado lhe apresentou; e foi encontrar-se na sala com a tia Mary, como sempre, sentada n'uma grande cadeira de braços perto do fogão e esperando impacientemente pela sua vinda. As suas grandes lunetas de aro de tartaruga pousavam no collo em cima de um numero de revista illustrada. Educada em mediana pobreza, a tia Mary sentia-se incapaz de viver no deslumbrante estadão que a rodeava em Park Lane. Não podera despojar-se dos velhos habitos, e das velhas economias. Tinha enraizada no cérebro a idéa de que todos os criados eram ladrões e de que o cozinheiro vendia infallivelmente os sobejos. Passára e sua mocidade n'uma casa onde a necessidade obrigava a considerar o valor d'um vintem e o poder da sua economia, e onde as filhas faziam os seus proprios vestidos, e não desdenhavam cöser os aventaes. Porém, n'este grande palacio de Park Lane, a tia Mary achava-se escravizada pela convenção. Nem sequer lhe permittiam que sacudisse o pó d'um *bibelot*. Tinha sempre um novo agravo de que se queixar. Nada divertia mais Dudley do que ouvir essas amimadas queixas.

Elle entrára na sala serenamente e, evitando as luzes, perguntou novas de sua mulher.

— Onde está Hermione, tia — onde foi ella esta noute?

— Ah! não m'o perguntes que eu não sei Dudley! sei apenas que os criados estão a estas horas todos a pé e o gaz a gastar-se!

Dudley sorriu-se e sentou-se do outro lado da pequena mesa.

— Não é gaz, tia, é luz electrica — disse elle; e depois, pensando ainda em sua mulher, continuou — Hermione fallou-me d'um bazar de caridade. É natural que tivesse de se demorar.

— Deve ser isso. Todas as noutes um divertimento ou um prazer! Era bem differente o meu tempo quando eu era rapariga; tinhamos um baile pela abertura da caça, outro



pelo Natal e muito felizes nos poderíamos julgar se assistíssemos a ambos.

— Porém agora é diferente; este de hoje é de caridade, tia.

— Caridade! Não me falles de caridade! Gastando bom dinheiro em vestuário deslumbrante e descuidando o labor da casa! Nem sequer um bocado de costura, posso afirmar-t'ó, se tem feito n'esta casa desde o Natal! Que desperdício, Dudley!

Dudley sorriu-se de novo, animando-a a continuar.

— A tia devia approvar pelo menos esta intenção religiosa.

— Qual intenção religiosa! Porventura as mulheres adoram o seu Creator, decotando-se e vestindo-se de fôrma que nenhuma mulher honesta ousaria no meu tempo? São as vossas condescendencias que tudo desmoralizam. Onde é o lugar de uma mulher? Onde? ao lado de seu marido! Porque vae indo esta casa ao abandono e á ruina? Porque só ha aqui a tua velha tia, e ninguem faz caso d'ella! Ah! escusas de me recordar que ella é uma filha de conde. Olha, perfeito é quem o perfeito faz! Oh! ella toda desenvolta, com os seus grandes ares e os seus vestidos de Paris, e as suas bellas amigas d'aqui e suas bellas amigas d'acolá. Não era esta a mulher que meu sobrinho devia ter; isto digo eu, confirmava sentenciosa.

— Não julga, tia, que Hermione seja feliz? — interrompeu Dudley, que seguia no pensamento a deducção inversa do que estava dizendo a tia Mary!

— Qual é a felicidade de uma mulher se não a sua casa e os seus filhos? Ah! meu pobre Dudley, devias ter feito melhor escolha.

Pela primeira vez a physionomia de Dudley se tornou dura. Ella, talvez com intenção, fallara-lhe de filhos.

— Nota bem no que te digo — continuou depois de verificar com o *lorgnon* o effeito das suas palavras—ainda ha-de haver aqui muito desgosto. Porém eu já não estarei cá então. Morta e esquecida. Ninguem se importa com uma pobre velha! Aqui tenho estado sentada durante uma hora, e vê tu que belleza de fios estes que não respondem ao chamamento! Antigamente puxava-se um bom cordão simples e tinha-se a certeza de que a campainha tocava.

Em verdade, a tia Mary não tinha sequer tocado a campainha; porém Dudley apressou-se em o fazer e quando, com muitas reflexões semelhantes, mixto de rabujice e de inveja, de egoismos de velha e de desdens de mulher que não casára, ella se retirou para se deitar, Dudley foi procurar refugio

no seu gabinete de trabalho, com o espirito magoado e os nervos irritados.



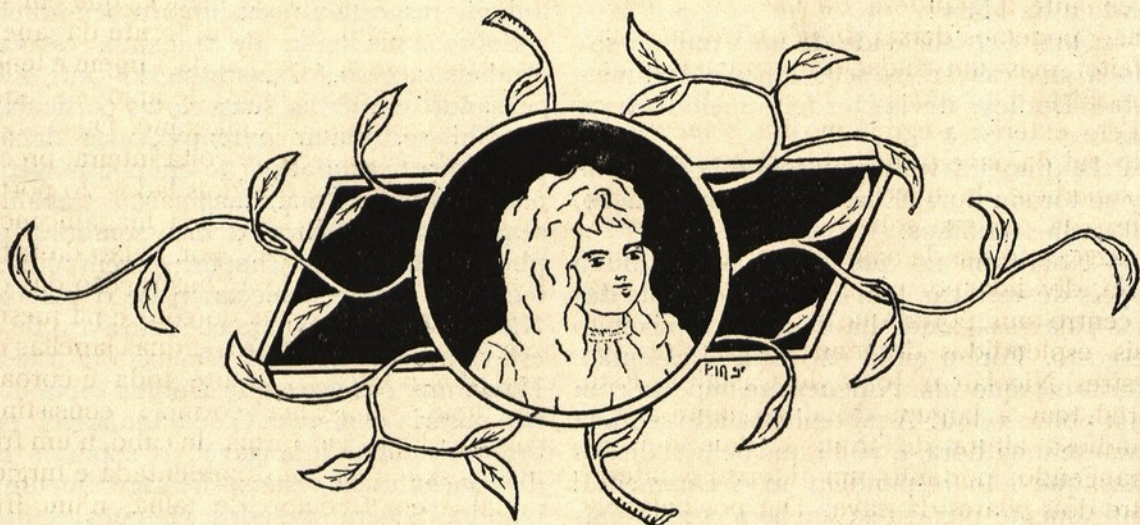
A noute estava quente, sem luar; o ar suffocante, electrico; posto que a *season* estivesse quasi a findar, Park Lane, dentro do qual se levantava o palacio de Dudley, continuava ainda na animação dos mezes brilhantes de festas. Pela janella aberta chegavam amortecidas as ondas sonoras de uma orchestra do grande baile que dava um dos seus vizinhos. Havia estacionadas pela allameda longas filas de carruagens. Elle via d'alli apearem-se, no atrio fortemente illuminado do palacio onde se dava a festa, as mulheres da sociedade, esplendidamente vestidas, cabellos scintillantes de pedrarias, correndo febris para o prazer e para a luz, como irisadas e doudejantes borboletas. Tambem elle corria assim, afanoso e infatigavel para a suprema luta dos negocios, o seu prazer e a sua luz. Ellas íam em busca do dominio egoista da formosura, accendendo desejos; elle em busca do poder da riqueza, aguçando invejas. O espirito inclinou-se-lhe ás reflexões tristes, pendeu para o abysmo das cousas sociaes, negras, tenebrosas. Dudley perguntava a si proprio que lei de compensação governava este mundo de extremos. Com que direito estava elle ali no seu esplendido palacio, fabulosamente rico? E, todavia, sentia-se infeliz, corroído de ambição, desamparado de ternura, pobre de affeições. Perguntas intimas que não tinham resposta no seu proprio pensamento.

Sobre a sua mesa de trabalho, estava o candieiro acceso, foi sentar-se defronte d'ella, pensando em lêr as suas cartas particulares, distrahir-se, matar o tempo, mas debalde procurava fixar a attenção em cousas pequenas e frivolas. A sua imaginação trabalhava sem descanso. Rira-se das sombrias prophcias do doutor Chaplin; porém ali no silencio da noute começaram de o perseguir. Não era factó novo para elle este aviso de que estava á beira de uma esmagadora tragedia. Havia muitos mezes que Dudley sabia o que não ousaria confessar. O seu admiravel cerebro, resistente e infatigavel, o superior dom de concentração, estava-lhe seguramente fallhando. Sacára pesados cheques sobre o banco da imaginação, e o saldo credor enfraquecia todos os dias. A natureza tinha-lhe tocado a campainha de alarme, como dizia o doutor, não uma só vez, mas muitas; e desprezara o aviso. Mesmo na consulta ao doutor fôra-lhe impossivel declarar toda a verdade, toda a realidade do seu estado. Os impulsos loucos, os paroxismos de paixão, que eram os symptomas do seu estado nervoso, ti-

nham sido sempre refreados a occultas de todos; porem elle proprio, talvez, não soubesse avaliar quanto esforço lhe custára. Algumas vezes, nos momentos de profundo desanimo, Dudley via-se endoidecer. Cruel visão interior, angustiosa luta d'alma em que debalde a razão lhe suggeria socego, descanço. Os planos que delineará, aquellas suas vastas empresas, escarneciam do conselho reflexivo. Não tentava descançar. As riquezas, a fama, a honra da sua casa financeira, impediam-n'o de o fazer. Sobre elle só, sobre o seu genio, firmava-se a verdadeira estabilidade dos seus negocios. Elle era a imaginação dirigente, o impulso creador. Se lh'o recusasse, talvez milhares de creaturas caissem n'um horroroso cataclysmo de miseria. Por amor dos que confiaram n'elle, e para o esmagamento dos ferozes inimigos que competiam com elle e o combatiam, Dudley julgava absolutamente necessario continuar. Passara muitos dias de crise semelhante nos ultimos seis mezes, porém este dia fôra supremo. Aquillo que elle dissera a si proprio, outro lh'o dizia agora. D'antes era facil illudir-se, esperar. Podia ser que estivesse enga-

nado; uns dias aqui, outros acolá, uma volta na America, uma viagem ao Cabo, e, tudo se desvaneceria. Mas agora não mais o poderia dizer. Apoderou-se do sentimento de que tudo poderia mudar, ser bem differente, do que era, se o amparasse o amor e o estimulo de uma mulher. N'aquella noute diria a sua mulher o que o doutor Oliver lhe expozera. Receiava o cynismo da sua resposta; a indiferença com que o escutaria; no entanto, estava resolvido a dizer-lhe tudo. Sobreveio-lhe com esta deliberação, como se fôra já um desabafo salutar, o desejo de descançar em quanto esperasse pela volta de Hermione. Talvez se illudisse na esperança de que uma inteira abertura d'alma pudesse obter d'ella o que o silencio nunca pudera conseguir. E confiava em esperanças, elle, o frio calculador impassivel! Tinha a alma invadida pelo sentimento. Na sua consciencia perturbada, alongava-se estirada e immensa a sombra do seu proprio destino, um tenebroso espectro que pesadamente descia sobre elle. Subito adormeceu encostado á secretária, vencido, n'um aniquilamento sinistro.

*Adaptado do inglez, segundo MAX PEMBERTON.*



# A Architectura

## da Renascença

### em Portugal POR ALBRECHT HAUPT

*(Continuação) — Mosteiro de Belem. O interior. Os portaes. As fachadas. Capella dos Jeronymos. Torre de São Vicente em Belem*

VISTA unica no seu genero é a do interior da nave transversal, que repousando, em sua soberba largura de quasi vinte metros, sobre supportes tão fracos produz um effeito deslumbrante. A circumstancia de não serem ligados com a parede da capella mór os dois pilares do cruzeiro da nave principal por meio d'uma nervura (faltam em geral na abobada as nervuras transversaes) e a circumstancia da abobada reticulada d'esta nave transversal atravessar a construcção inteira como um tonel, imprimem áquella ultima uma feição de independencia quando confrontada com a nave principal. Esta particularidade, que muitas vezes produz estranheza, augmenta aqui consideravelmente a grandeza da nave transversal, e não podemos deixar de vêr n'isto não um defeito, mas um audacioso character muito especial.

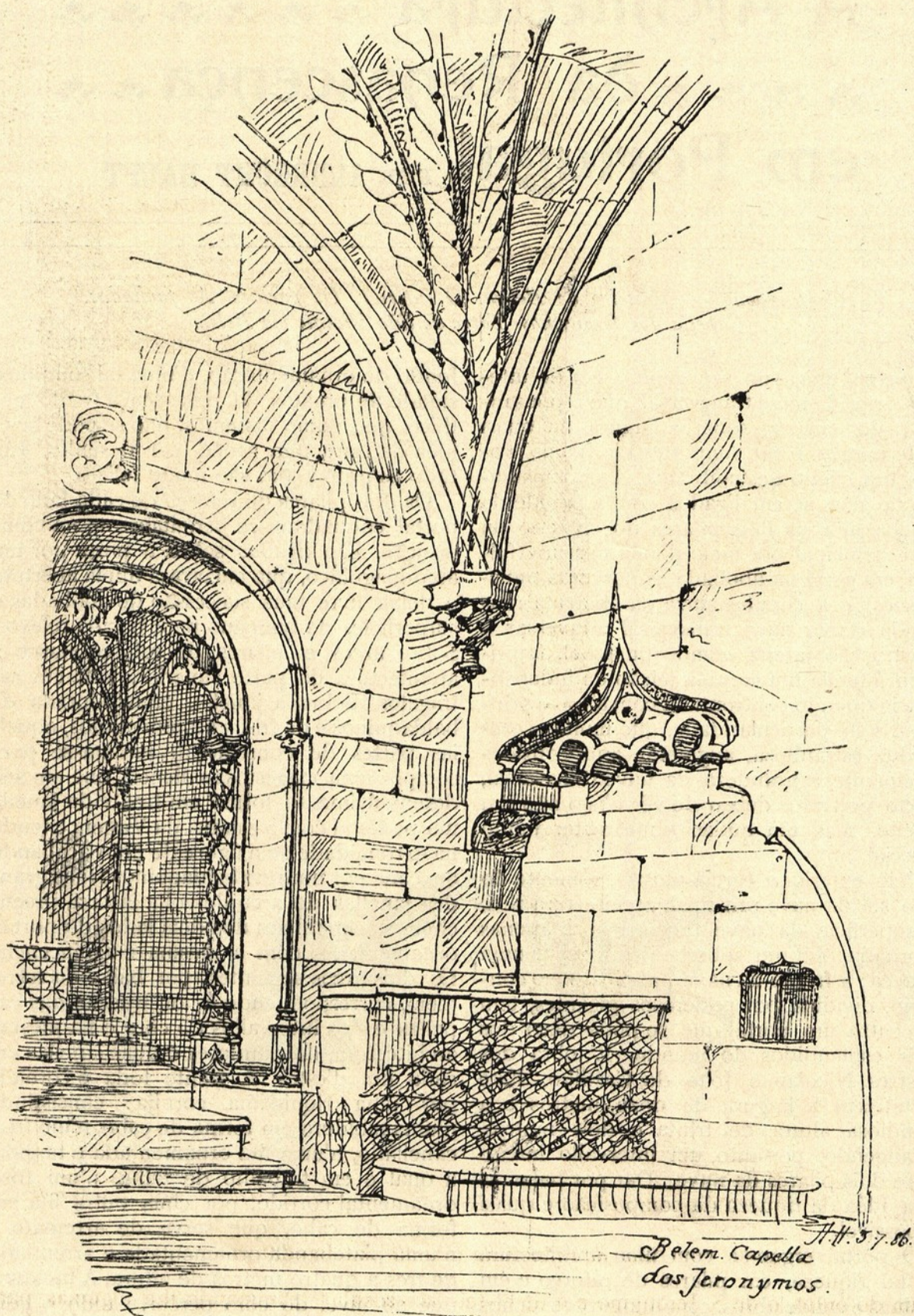
Pelo exterior a igreja mostra, sómente do lado sul da nave principal, architectura rica. A superficie da nave transversal é apenas adornada por um soberbo friso e por uma rosacea; a frente da nave principal pelo contrario, dividida por poderosos gigantes, tem ao centro um portal que se pôde dizer dos mais esplendidos do mundo. E' obra dos mestres Nicolau e João de Castilho. Este portal tem a largura de doze metros e a grandiosa altura de trinta e dois metros, abrangendo, portanto, um intervallo inteiro entre dois pilares da nave. Dar por palavras uma idéa da riqueza da composição é quasi impossivel.

O portal ergue-se com uma architectura de tal riqueza, em pilares de reforço e em agulhas e candelabros, com numerosos nichos e baldaquinos, em parte completamente salientes, com estatuas de grandeza natural e sobre o portal ainda um esplendido espaço de abobada com ricos relevos em curioso

fundo de ornamentação, d'uma tal sumptuosidade de ornatos da renascença e do gothico, que, como dissemos, não se pôde fazer idéa da estrutura senão por desenho. Em tudo as proporções são muito felizes.

Os dois pilares de reforço de cada lado do portal enquadram-se perfeitamente na composição. São ligados sobre a porta por um arco magnifico, que encerra a dupla abertura e deixa livre uma successão de abobadas e superficies de tympano para baixos-relevos. Sobre arcos e pilares de reforço nasce a architectura da parte superior, toda em astragalos. Sobre a janella, emmoldurada de baldaquinos e de frisos ornamentados, aquellas partes de construcção juntam-se para compôr uma magestosa saliencia, que em seu desenvolvimento forma em frente da janella um pedestal com a estatua da Virgem e tendo na extremidade uma figura de anjo acabando em cima por um rico baldaquino. Duas grandes janellas de arco de volta inteira, preenchem as superficies dos dois lados do portal, ornamentadas com a mesma magnificencia. Os dois arcos seguintes, por baixo da torre, teem, correspondendo á construcção das capellas e dos intervallos do côro e na mesma architectura, dois andares e duas janellas em cada um d'estes. A frente toda é coroada por uma riquissima cornija: consistindo n'uma moldura em forma de cabo, n'um friso canellado, n'uma fita ornamentada e turgida, a qual é em trabalho de talha, n'um friso ornamental corrido, por cima outra fita em forma de cabo, que serve de arremate e n'uma platebanda ornamentada e arrendada de tres a quatro metros de altura. A moldura que ao nivel do côro percorre todo o edificio, consiste tambem em duas fitas de forma de cabo, entre ellas um friso de ornamentações de ramos naturaes ricamente entrelaçados, e na parte superior uma coroação aberta

e luxuosamente decorada. Estas cornijas, assim como todas as meias columnas, quaes cercam e emmolduram todas as ja- semos, muito peculiares ás construcções d'este caracter. O arruinado portal da face occidental tam-



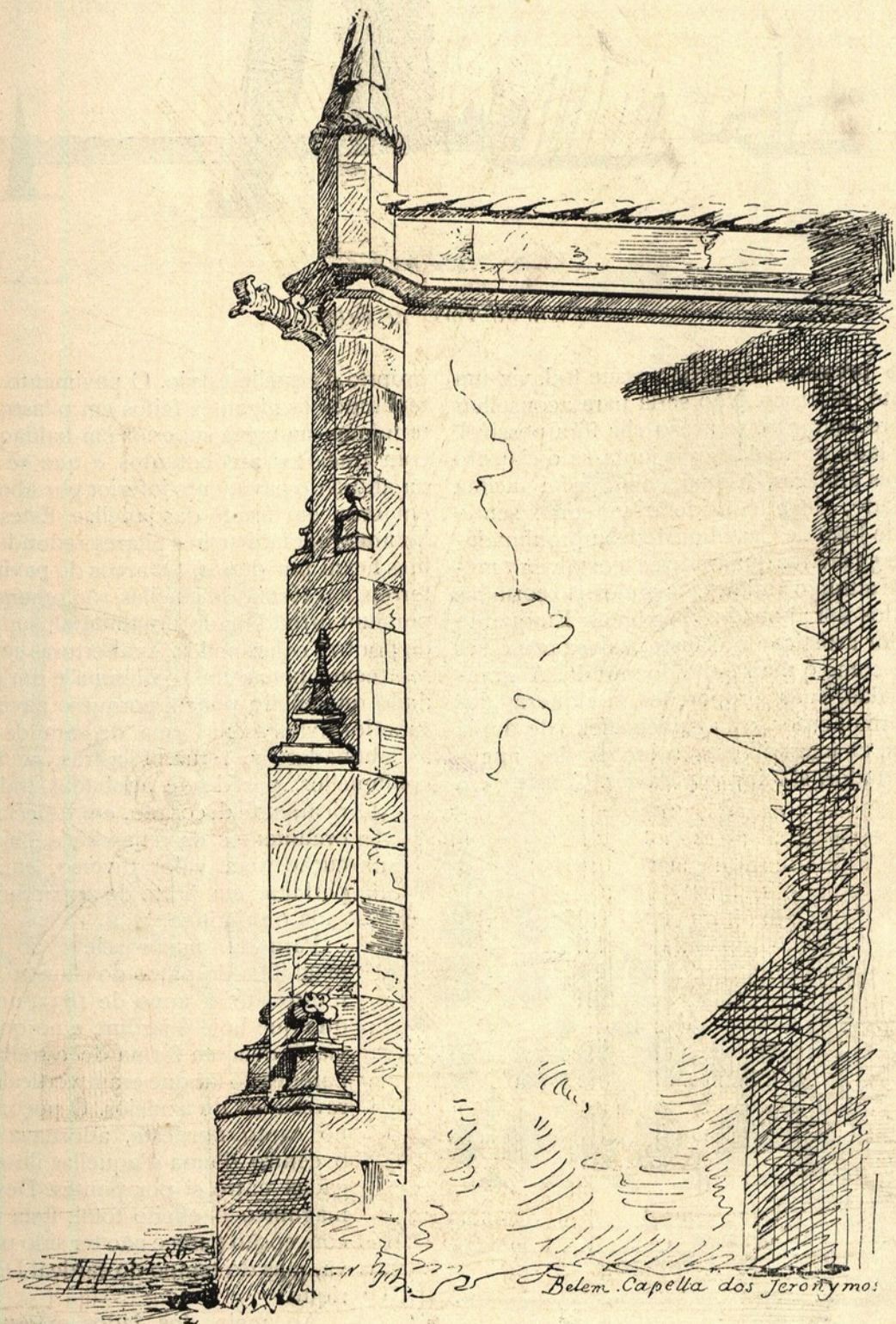
Belem. Capella  
dos Jeronymos.

Trecho interior da Capella dos Jeronymos

nellas, fazem recordar a architectura india- bem arruinada, fechado n'um arco, contem  
na; as molduras em cabo são, como já dis- varios trabalhos de esculptura muito di-

versa da renascença das primeiras épocas, assim como da manuelina. Podemos considerar os dois grupos ali collocados em frente

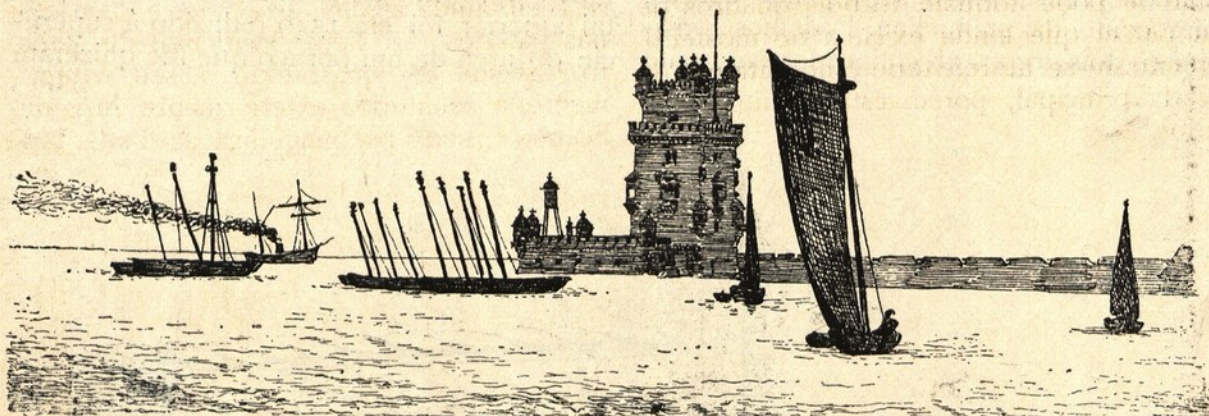
fôra empregado tanto aqui como ali. O portal anterior foi em 1549 reduzido á superfície do arco de um portico que lhe quizeram



*Pilar de reforço da Capella dos Jeronymos*

um do outro, o de S. Jeronymo e o de el-rei D. Manuel com sua mulher, como sendo obra authentica de mestre Nicolau, o francez, porque estas mesmas figuras se encontram em S. Marcos perto de Coimbra, e Nicolau

acrescentar, eliminando-lhe algumas partes e acrescentando outras. Este portico desapareceu infelizmente; mas as suas ruinas mostram que era uma delicada e severa construcção do tempo de D. João III. No seu



Vista da Torre de Belem

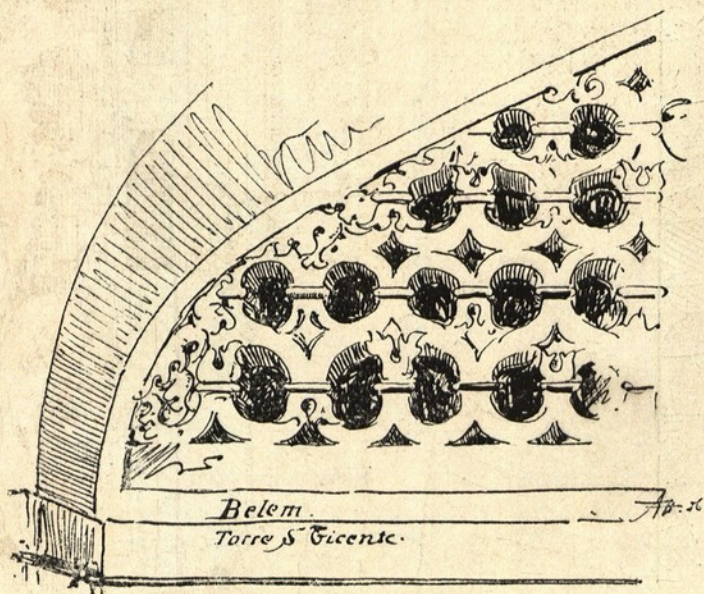
estado presente o portal possui todavia um encanto pitoresco. Não seria para aconselhar a sua restauração, se acaso ella fôra possível.

Do lado norte da igreja junta-se o claustro em dois andares, o qual, como já foi acima affirmado, deve considerar-se como sendo obra de João de Castilho. Mede approximadamente 55 metros quadrados e tem talvez 7 metros de altura o andar. Os angulos são cortados e ligados por abobadas diagonaes. Emquanto ao valor artistico do claustro, talvez possa ser citado como o mais bello do mundo. A grandeza das suas proporções, a riqueza dos seus ornamentos, o magnifico effeito de dupla galeria, as maravilhosas soluções dos angulos cortados, são incomparaveis. Consiste em

proprio d'aquelle estylo. O pavimento terreo tem todos os gigantes feitos em pilastras que terminam na parte superior em baldaquinos, com graciosos arcobotantos e que se ligam na altura do pavimento inferior por abobadas em cruz em frente das janellas. Estes arcobotantos apoiam-se nos pilares redondos que lhes ficam por detrás. Os arcos do pavimento terreo em fôrma de janellas, são preenchidos por um arrendilhado ornamental, supportado por tres columnellos. As aberturas superiores tem apenas uma columna e um arrendado que enche pouco, porque o pavimento superior avança em fôrma de varanda sobre as abobadas em cruz. Pilastras, columnellos, paredes e abobadas, tudo está ricamente decorado, em especial com ornamentos da renascença, cuja execução tem valor diverso, em parte perfeita, em parte de apparencia pesada e primitiva.

Para dar maior relevo ao effeito magnifico do pateo do claustro, havia n'este até o anno de 1833, um tanque que hoje é jardim, e no qual havia ilhotas em fôrma de estrellas. As paredes do tanque eram verticalmente revestidas de azulejos. O poço, agora no canto nordeste, adornava então o centro d'uma d'aquellas ilhotas, ligadas entre si por pontes. Devia ser magnifico o effeito total. Esta ultima concepção parece não ter sido primitiva, mas do tempo do cardeal D. Henrique.

Ao meio dos lados externos do claustro ha hoje pequenas capellas varias, pouco fundas e cobertas de abobada reticulada. Nos quatro cantos ha tambem grandes e largas molduras, onde existiam quadros notaveis. Eram estes obra dos pintores Manuel Campello e Gaspar Dias. Este ultimo parece ter sido um notavel mestre



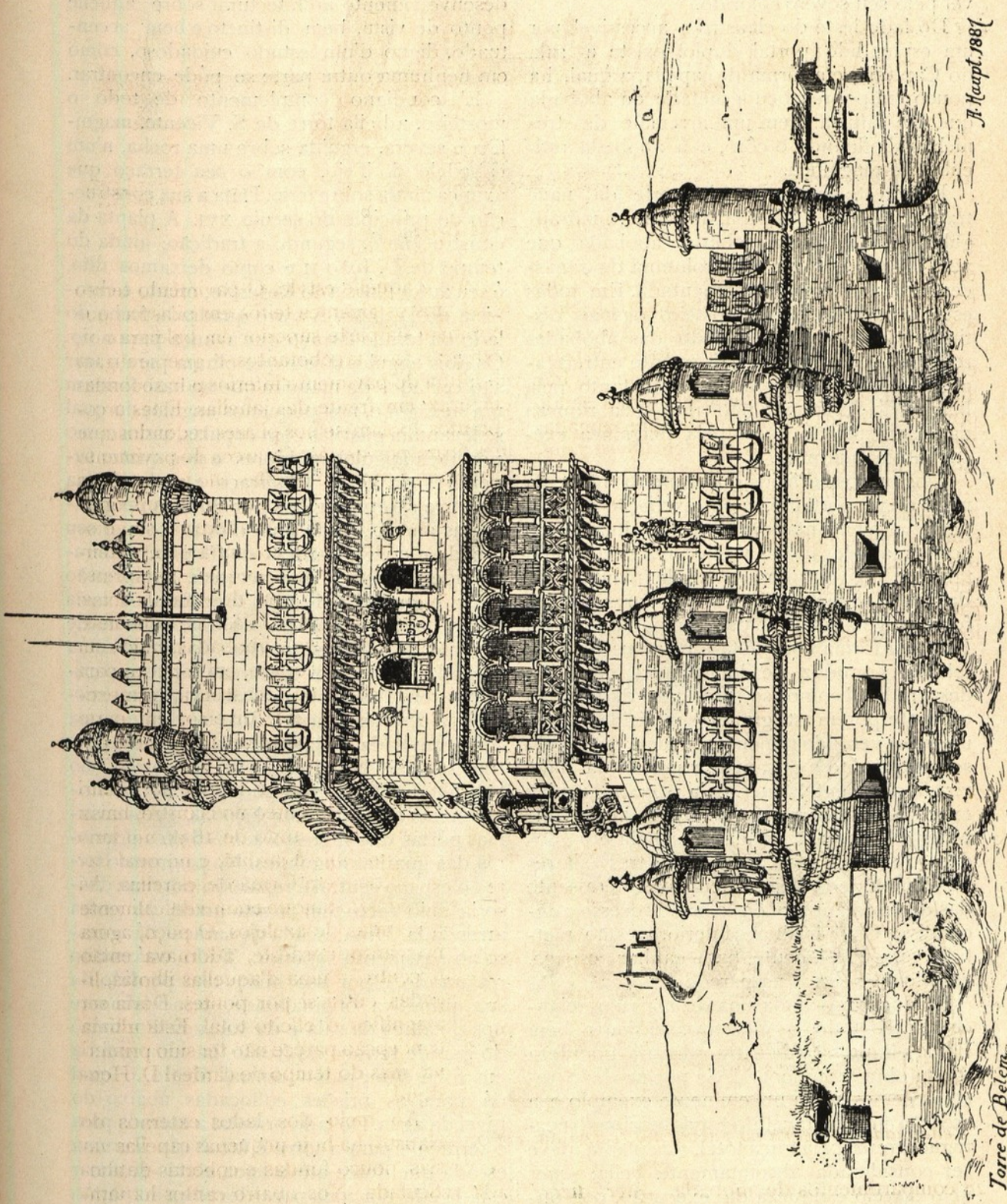
Rendilhado de pedra no pavimento terreo da Torre

28 compartimentos de abobada, quer dizer seis por cada lado e mais quatro compartimentos nos cantos. As abobadas das magnificas galerias mostram o entrelaçamento de nervuras em parte ornamentadas, como era

bada reticulada. Nos quatro cantos ha tambem grandes e largas molduras, onde existiam quadros notaveis. Eram estes obra dos pintores Manuel Campello e Gaspar Dias. Este ultimo parece ter sido um notavel mestre

como se pôde adduzir de dois quadros de seu pincel que ainda existem no mosteiro. Encontram-se no refeitório e no patamar da escada principal, porém estão muito arruinados.

se vêem ainda alguns arremates e consolos nas paredes. Do lado occidental do claustro<sup>1</sup> segue, em quasi todo o seu comprimento, o refeitório, exteriormente insignificante, coberto por magnifica abobada, toda



Torre de São Vicente de Belem

Torre de Belem.

As antigas alas do lado norte dos claustros desapareceram. Havia aqui o pateo da Malva que talvez nunca fosse acabado, mas do qual

em pedra de enxelharia ; hoje as paredes es-

<sup>1</sup> Para mais clara intelligencia do texto deve

tão revestidas, até 3 metros de altura, de bellos azulêjos do seculo XVIII. No espaço reservado d'um dos lados transversaes existe um quadro, representando a Santa Familia, de Dias, ainda hoje d'um bello effeito e notavel pelo seu severo colorido.

Do lado leste do claustro e accessivel por um esplendido portal duplo, existe a sala do Capitulo, em fórma de capella, a qual, ha pouco tempo, recebeu a metade da abobada que lhe faltava. Tem um arremate de tres nichos similhando o côro, e a abobada reticulada é magnifica.

Entre este espaço e a ala norte da nave transversal está a sacristia, de planta quadrangular, coberta d'uma soberba abobada que vem apoiar-se sobre uma columna da renascença luxuosamente ornamentada. Em todas estas dependencias do mosteiro o mais distincto adorno é o derivado das abobadas reticuladas e estrelladas, ricamente entrelaçadas e accentuadas com expressão, tanto pela belleza do desenho e não raro pela riqueza da ornamentação, como pela magnifica execução em marmore.

Dos outros edificios do mosteiro nada ha mais de importante, com excepção d'uma pequena e encantadora capella, situada no ponto mais elevado da vasta cerca e chamada tambem dos Jeronymos. E' de planta quadrangular, e tem nos cantos pilares de reforço originaes terminando em pontas torças. Pela sua fórma compacta e pela ausencia de telhado, produz de longe uma impressão desagradavel como se fôra um dado. Não obstante porém esta grande simplicidade tem um valor verdadeiramente artistico, quer pelo seu pequenino e encantador portal na face virada ao poente, quer pela sua magnifica execução em marmore. Adornam-lhe o interior a soberba abobada reticulada e o poderoso arco do côro. Tem ainda tres altares recobertos de azulêjo, exemplo interessante das diversas applicações d'este processo decorativo. Os dois altares inferiores estão mettidos engenhosamente, para ganhar espaço, em nichos abertos na parede externa.

Se lançarmos ainda uma vez mais um relançar sobre todo o mosteiro, sentimos bem funda a impressão da extraordinaria grandeza d'esta obra monumental. Se por um lado reconhecemos n'ella um eminente exemplo e a criação mais notavel do estylo nacional portuguez, quer pela traça total, cuja planta deve ser considerada absolutamente bella, quer pelo disvelo e riqueza da execução, por ou-

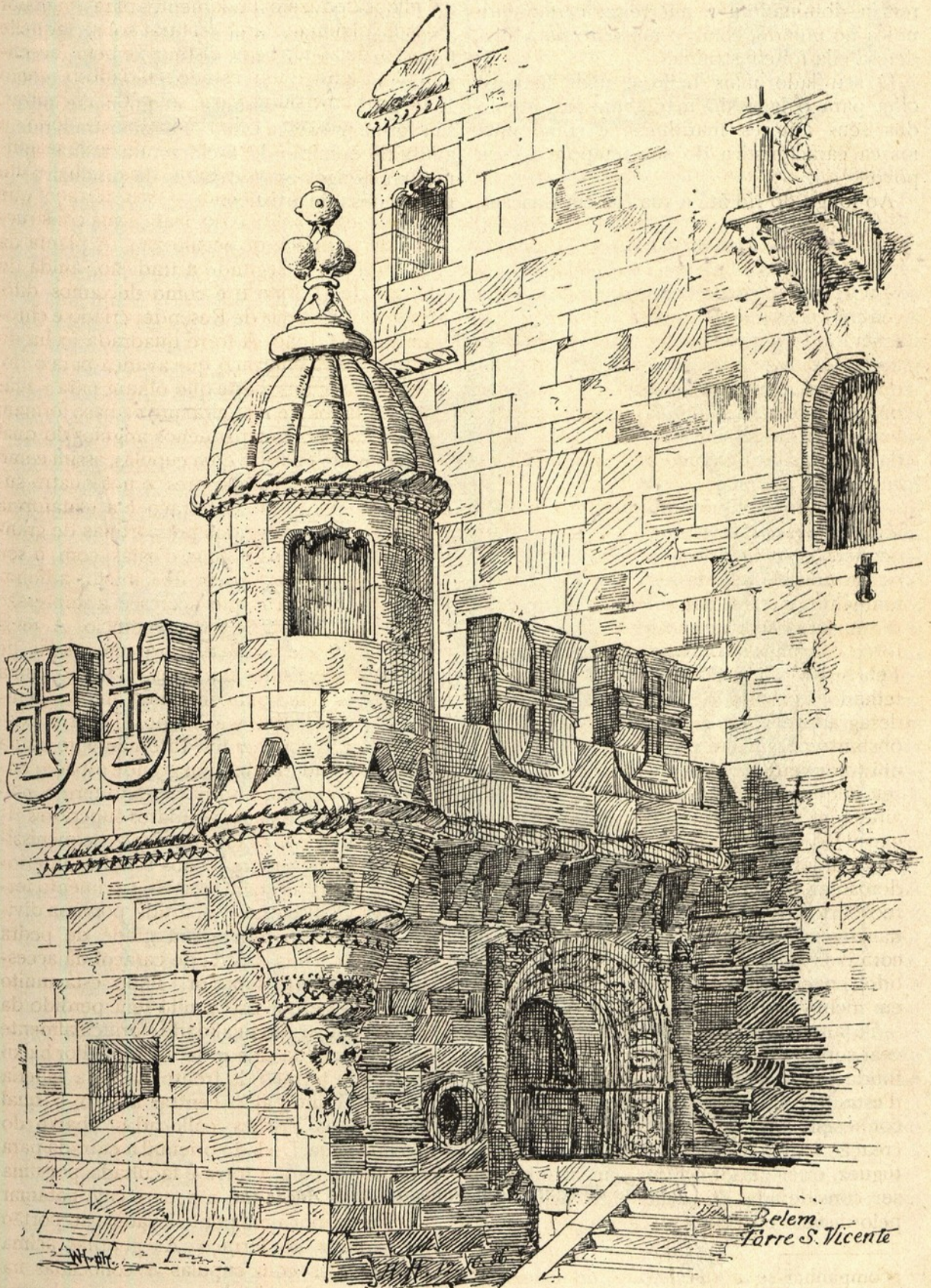
tro lado vemos aqui simultaneamente um amalgama dos principios da construcção e da ornamentação medievas com os da renascença, tão feliz e de tanto valor artistico que d'elle se deduzem fundamentos para um maior desenvolvimento architectural sobre aquelle ponto de vista, bem distincto e bem accentuado, digno d'um estudo cuidadoso, como em nenhuma outra parte se póde encontrar.

E' condigno complemento de todo o mosteiro, a bella torre de S. Vicente, magnifica e severa, erguida sobre uma rocha, n'um cabedelo do Tejo, com o seu terraço que avança ainda sobre o rio. Data a sua construcção do principio do seculo XVI. A planta da construcção é, segundo a tradição, ainda do tempo de D. João II e como deixamos dito, é seu autor Garcia de Resende, criado e chronista de D. João. A torre quadrada fecha do lado da terra o terraço que avança para o rio. Os dois angulos d'este que olham para o mar são cortados de maneira que na base formam um hexágono, nos pequenos angulos do qual se levantam guaritas com cupulas, assim como nos dois angulos inferiores e nos quatro superiores da torre. O terraço e a plataforma da torre são protegidos por cortinas de grandiosas ameias, cada uma d'estas com o seu escudo e cruz da ordem de Christo, admiravel idéa artistica que accresce a impressão altiva e guerreira de todo o edificio. A meia altura da torre, avança, sobre uma serie de consolos ou misulas por cima do terraço, uma varanda aberta com columnas, arcos e parapeitos rendilhados; e aos lados da torre existem balcões similhantes. Internamente ha na torre, em cada andar, um grande espaço central, cuja abobada no pavimento terreo não tem nervuras, mas nos andares superiores riquissimas nervuras entrelaçadas. Pequenuissimas portas dão ingresso aos estreitos interiores das guaritas angulares. No pavimento terreo o espaço central é repartido por uma divisoria cujo arco tem a sua grade de pedra arrendada. Uma escada de caracol dá accesso ao pavimento superior. Tudo está muito restaurado e por isso muito tem perdido da sua primitiva originalidade, principalmente nos detalhes da sala e da varanda. Por baixo do grande terraço da frente ha uma galeria em volta d'um pateo central aberto, o qual dá para as prisões collocadas abaixo do nivel da agua. Do lado oriental a entrada para o terraço e para a torre é facultada por uma escada que desce até a agua e cujo patamar está ligado por uma ponte levadiça ao portão que conduz ao terraço. As guaritas acima mencionadas com cupulas e collocadas na maior parte dos angulos apresentam coberturas de fórma curiosa, compostas de gomos



que, como se póde vêr no esboço junto, proveem directamente da India. A maravilhosa semelhança com a architectura indiana, em

partes inteiras da torre, denuncia sem duvida uma imitação. Tambem affectam esse caracter oriental outros detalhes, como, por exem-



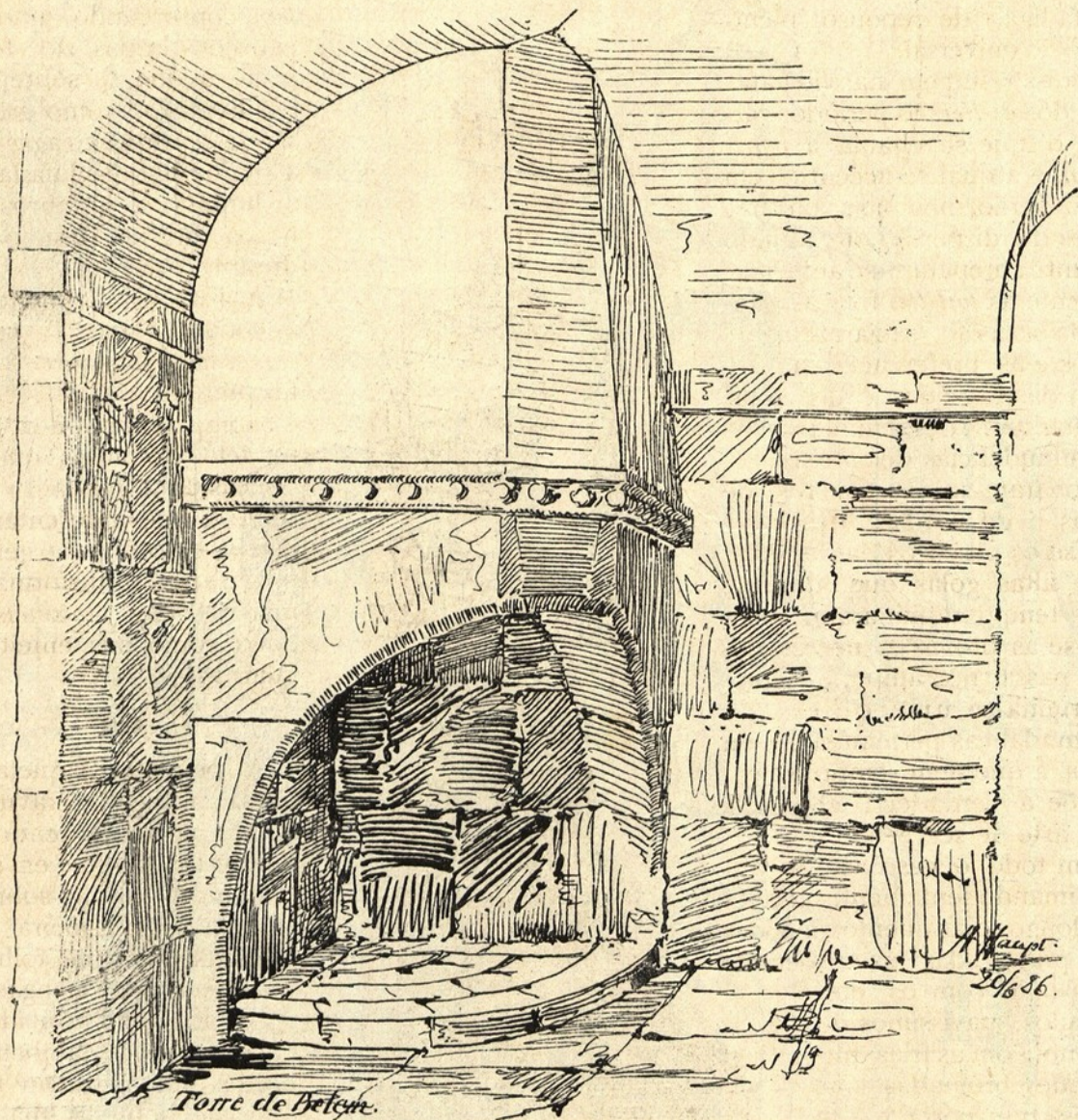
Entrada e guarita da Torre de Belem

plo, as cornijas. Toda esta estrutura altiva, d'um perfil energico, levantada sobre rochedos a meio do rio, e d'uma perfeita execução no trabalho de cantaria, offerece uma apparencia dominadora e guerreira, certamente unica no mundo, como o mosteiro para cuja defesa ella foi construida.

O seu lado mais bello e mais luxuoso olha para o lado do mar como era intento dos seus autores maritimos, e como uma marca caracteristica do seu tempo e do seu povo.

Ao longo do rio até a sua foz em Cascães,

segue uma serie d'outros mais pequenos fortes do tempo medioevo e da renascença até o forte activo de S. Julião. Este ultimo com a sua apparencia moderna, data comtudo do tempo de Philippe II, e deve ser obra de Terzi, vista a sua semelhança com a cidadella de S. Filippe, em Setubal, nos seus altivos e accentuados bastiões e no seu esplendido perfil. Este forte, como aquella, distingue-se pela sua forma pitoresca e ambos demonstram que ainda no dominio da architectura militar os mestres antigos eram capazes de produzir alguma cousa de artistico.



*Chaminé de canto no pavimento lereo da Torre*

# MODAS

**A** PESAR da mobilidade perpetua que caracteriza a moda, seguindo impetuosa e exigente a inconstancia do desejo, a aspiração tumultuosa das vaidades futeis, é certo que tambem para ella, rainha dominadora, quasi tyrannica, chegam momentos de fadiga, de repouso, pleno do tedio universal.

Por isso surgem na vida afanosa dos *ateliers* os periodos calmos, o que se chama a *morte saison*, e a qual se accentua em pleno verão, nos dois ou tres mezes de dispersão do mundo elegante: preparam-se anticipadamente as *toilettes* frescas e leves da occasião, saciaram-se os gostos e as preferencias na escolha das fazendas e dos tons, adoptaram-se determinados córtes, minudencias de enfeites, seleccionaram-se os generos de blusas e de rendas, desafogaram-se os pescoços das apertadas e altas golas que durante tanto tempo dominaram, fizeram-se as provisões necessarias para passar no campo, e depois determina-se uma quietação nas mudanças permanentes da moda, a que nem sempre se sobrepõe a verdadeira elegancia ou a arte de ser bella.

Em todo o caso vae-se aproximando lentamente, através dos longos dias quentes, a época das praias, das excursões da beira-mar, com os crepusculos suavissimos do outono, com as frias humidades bromadas que a brisa transporta, e com esta approximação vem igualmente a preocupação e a necessidade de preparar as *toilettes* para o momento.

Nos grandes armazens, por detrás dos saldos de cassas, de moussellinas, de *voiles* e de *foulards*, começam de apparecer as flanelas

leves de sarja, em côres unicas, os flexiveis *cheviotes* de toque avelludado e macio, os pannos de meia estação, com que se confeccionam os vestuarios do outono, accentuando a preferencia pelo genero *tailleur*, em pequenos casacos, em transformação do feitio *bolero*, conservando ainda os cabeções largos, de forma romeira, que se sobrepoem aos hombros, como expressão dos primeiros agasalhos a resguardar das lufadas do ar humido os hombros setinosos que se desnudaram durante o verão.

Assim para caracterisar a corrente actual apresentamos nas illustrações juntas, uma *toilette* do genero, e acompanhamol-a de tres modelos de blusas que são typicas para a estação presente, e que apresentam no córte e na confecção geral as pequenas transformações mais recentes, tanto nas cinturas, como nos enfeites e guarnições.



A pequena jaqueta da nossa primeira gravura é aberta na frente, tendo por dentro um peitilho em seda, rendas ou tule, e sobre a jaqueta uma romeira arredondada com um folhinho a debruar. As mangas são apanhadas em franzido no punho, tendo tambem á borda um pequeno folho que cáe sobre a mão. A saia é formada de cinco gomos alargando em cheio em volta dos pés.



A segunda gravura, a partir da esquerda, mostra uma blusa, que foi executada em seda



lustrosa, mas na qual pode ser empregado qualquer outro material.

Tem um *plastron* em bico na frente e nas costas, comquanto nas costas não desça tanto como na frente. E' feito de preguinhas correndo do hombro, divididas por entremeios de renda e unem-se á frente em baixo assim como nas costas. A fazenda do corpo tambem se divide em preguinhas e entremeios de renda, collocadas a distancia umas das outras, e repete-se o mesmo genero na parte superior das mangas.

Segue-se outro modelo que tem um *plastron* em quadrado, enfeitado da mesma sorte com entremeios de renda que dão volta ás costas. Pode substituir se o entremeio por fitinhas entrançadas n'uma disposição de grega ou rotula, o que se escolhe conforme o padrão da casa empregada. A parte de diante é formada de uma serie de preguinhas miudas, vincadas a alfinete, pregadas debaixo do *plastron* e nas costas dispoem-se apenas cinco ao centro. Usa-se d'um cordão na cintura para franzir. As mangas, na parte de cima, são justas ao braço, tendo enfeite igual ao

do *plastron* e a parte de baixo é franzida e pregada a um punho que cáe sobre a mão em forma de folho.

Segue-se ainda um outro modelo onde apparece outra vez o peitilho em bico ou em tanto na frente como nas costas, sendo a

guarnição feita da propria fazenda que é dividida em quatro tufos, accentuados ou repartidos por uma estreitissima fita de veludo. As mangas tem seis franzidos apanhando-se em cada um d'elles um bocadinho da fazenda para formar o tufado. Os punhos são tambem franzidos.

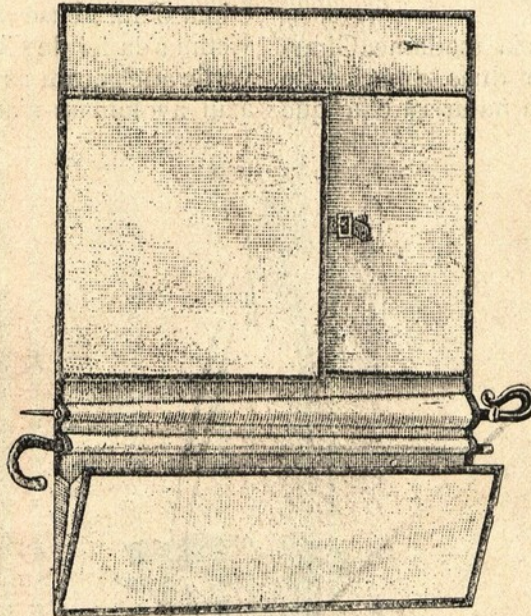
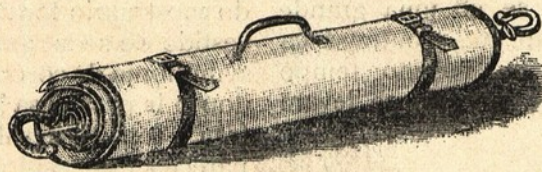


**Decoração de flores.** — Generaliza-se cada vez mais, e ainda bem, o uso das flores, decorando as salas e a mesa de jantar. Com effeito nada mais agradável do que repousar a vista

sobre o colorido mimoso de algumas flores agrupadas n'um pequeno centro de mesa, o qual, se para muitos pode ser luxuoso e rico, para o maior numero pode reduzir-se a uma simples floreira, que as ha bem elegantes e artisticas no barro das Caldas, na magnifica ceramica polychroma de Bordallo Pinheiro.

Em vez de empregar, porém, um grande molho de flores, muito apertadas e bastas, na classica forma de mangerico, o que sobre deselegante e pouco compassivo para com as pobres flores é demasiado dispendioso para quem não possui jardim, deve decorar-se a floreira com certa arte e bom gosto, como sabem dispôr as mãos delicadas d'uma filha, amorosamente educada. Resta apenas encontrar o arteficio simples de manter entre a folhagem, em posição adequada, para que mais realcem e mais encantos revelem, meia duzia de flores, algumas rosas de estação, pionias, papoulas e dhalias que resplendem agora, ou alguns crysanthemos nos mezes proximos. As duas illustrações, que publicamos, exemplificam o caso. Mette-se no fundo da floreira o pequeno vaso de barro, que no desenho foi um velho tinteiro de louça, bem fechado com uma rolha, na qual se espetaram quatro arames, d'esses que servem para fazer flores artificias, delgados e flexiveis, enrolados a diversas alturas. N'estas argolas enfiam-se os pés

das flores, e assim se consêgue com algum gosto dar uma disposição artistica a uma economica decoração de flores, e de folhagens.



TRABALHOS MANUAES

**Saquinha indispensavel.** — Este pequeno e delicado artigo, tão util para as senhoras, que os francezes lhe chamam *necessaire*, é feito, como mostra a gravura, de seda lavrada (brocado) comquanto possa igualmente ser feito em setim preto liso, em *peau de soie*, ou em seda lisa com alguns desenhos artisticos, de flores, pintados a oleo ou bordados. O sacco é feito de duas

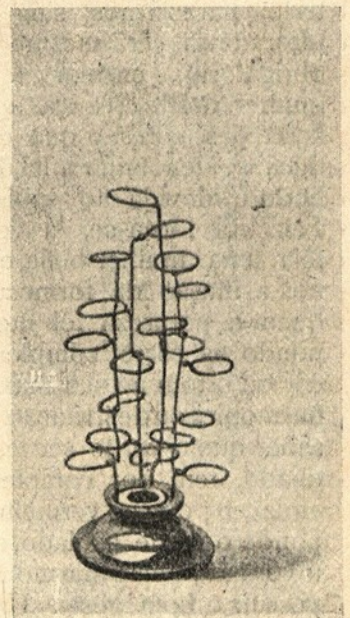
partes, com os cantos da extremidade de baixo cortados e unidos igualmente. O forro do sacco póde ser em tafetá branco, preto ou em qualquer outra côr preferivel. As costuras ficam abertas até uma certa altura em cima e passa-se um cordão preto e dourado por casas abertas na propria seda, atando-se n'um laço com borlas de seda na extremidade. Debruam-se as costuras do sacco com



igual cordão e em cada canto finaliza-se com uma presilha e uma pequena borla. Este sacco poderá ser reproduzido em fazenda e usa-se muito especialmente para o transporte, de roupa de creanças, levadas pelas suas amas, quando feito em maiores dimensões.



**Involucro de viagem.** — Para fazer este util involucro de viagem emprega-se um panno grosso e duro, uma linhagem resistente, de-



bruando-o de trança cinzenta, e para fechar, umas correias de couro com uma aza de pega. Uma das illustrações apresenta o involuço desdobrado; n'elle se vê uma grande sacca para roupa de noite etc., e outra sacca para artigos de *toilette*, ao mesmo tempo que o chapéo de sol e a bengala se levam em estojos especiaes.



**Escolha de côres.** — Dizia madame Girardin que a mulher possuia duas especies de belleza, a que recebera da natureza e a que ella sabia adquirir. Referia-se a illustre escriptora á suprema harmonia da côr e da attitude para realçar os dons naturaes. Com effeito, é condição essencial, na arte de ser bella, possuir o sentimento da côr, e agora, em pleno verão, quando são mais vivas e variadas as côres das *toilettes*, melhor se ajuiza do grau de educação esthetica que a escolha e a preferencia dos tons traduzem. Entre o publico feminino portuguez denota-se um decisivo progresso; todavia parece-nos util explanar levemente este assumpto; porque, para olhos que sabem vêr, surgem ainda a todo o momento a mais infeliz manifestação do sentido colorista. Comtudo parecia-nos simples, devia ser mesmo obrigatorio, ensinar á mulher, desde creança, a lição das côres, o que em linguagem scientifica se denomina a lei de côres, cuja descoberta é devida ao sabio illustre Chevreul. Pela côr torna-se, á vontade da modista, feia uma mulher bella e produz-se ao menos a illusão da formosura n'aquellas para quem a natureza foi menos prodiga. Juxtapondo as côres complementares, leva-se a côr ou o tom ao seu maximo de intensidade harmonica ou de irritação insupportavel. Basta saber que o verde secco, o amarello esverdeado, tem por complementar o vermelho violaceo; que ao vermelho alaranjado corresponde o verde azulado, etc., para fazer vibrar á vontade tons inharmonicos ou para parecer possuir o bom gosto. Uma senhora encan-

tou-se, n'um armazem de fazendas, com a magnificencia dos tons roxos-violetas d'um corte de seda, que no acaso ou no proposito do mostruario fôra collocado ao lado d'um vestido de seda amarella. Produzira-se uma symphonia de côres. Comprou o vestido, mandou-o ir para casa; e, de novo ao vê-lo, soffreu a terrivel desillusão de que o estofo lhe pareceu esmaecido, sujo, russo. Julgou-se victima d'um abuso de confiança; fôra apenas victima da lei de Chevreul. O vermelho e o verde adelçam as fórmãs, o amarello e o azul avolumam-n'as; pois nem sempre se observa a applicação d'esta verdade. Uma mulher pequena e delgada parece mais pequena e mais delgada ainda, quando vestida de preto. Uma mulher grossa e alta em *toilette* branca assume as proporções d'um colosso de feira. As riscas verticaes emmagrecem, as horisontaes engordam, etc. A lei de Chevreul é perfeitamente applicavel ao vestuario, e a elegancia cuidadosa utiliza-a para evitar numerosos ridiculos e fealdades. O grande sabio francez escreveu tambem um capitulo curioso sobre os chapéos femininos, e occupou-se com escrupuloso cuidado da escolha da côr dos seus enfeites. Um chapéo preto de longas plumas brancas ou de bellas flôres claras ou vermelhas, convem sobretudo ás louras. Não assenta mal nas



*brunas* (que não é o mesmo que trigueiras); comtudo para estas seriam preferiveis as flôres amarellas ou as plumas alaranjadas. O chapéo branco convem ás carnações brancas ou rosadas. Estas devem evitar o azul e preferir o vermelho. Segundo Gsell, a coloração geral da *toilette* deve ser complementar do typo da que a veste. Entende-se por coloração geral a resultante de todos os tons que compoem um vestuario completo. A loura, como os trigaes, escolherá a coloração geral azul turqueza; a loura côr do ouro, o azul esverdeado; a ruiva preferirá o verde; a *bruna* de cabellos negros como a aza do corvo, optará pelo vermelho. Para os cabellos castanhos a côr favoravel é o roxo violeta.

# VARIEDADES

## MEMENTO ENCYCLOPEDICO

### Acontecimentos politicos e sociaes

**MAIO. — 21 Hespanha** — Dá-se em Barcelona um «meeting» dos libertarios, assistindo os representantes de 36 officios. Pronunciam-se discursos violentos. A policia cerca o local afim de manter a ordem. Apesar da reluctancia dos libertarios consegue-se tomar notas dos discursos, sendo enviados aos tribunaes de justiça. — Celebra-se em Pamplona uma imponente manifestação ao collocarem-se as lapides commemorativas dos triumphos dos liberaes durante a guerra carlista. — *Madrid* — Termina a greve dos mineiros em Langrés.

**22 Portugal**. — Realiza-se em Cascaes uma grande reunião de commerciantes d'esta villa afim de sollicitar a revogação da disposição — que não permite a continuação das armações nas zonas comprehendidas entre o Cabo Razo e a Torre de S. Julião da Barra, em cuja zona ellas teem sido lançadas ha 30 annos.

**23 Italia** — Em Genova os estudantes reunidos votam uma violenta moção de protesto contra os acontecimentos de Inspruck; dirigem-se ao consulado austriaco, e ali assobiam e gritam: «Abaixo a Austria». Ha tambem agitação contra a Austria em Veneza, Treviso e Verona.

**23 America do Norte** — Ha em Chicago 30 greves, e estão iminentes outras; os patrões fallam em «Lock-out». — *New-York* — Uns 200 italianos grévistas dos caminhos de ferro tentam alliciar para a greve os operarios que continuam trabalhando, porém a policia carga sobre os discolos com extraordinaria brutalidade, ferindo grande numero d'elles. — *Turquia* — Descobre-se em Constantinopla um trama macedonico-hungaro, urdido para fazer ir pelos ares a embaixada da Russia.

**24 Inglaterra** — Em Londres 250:000 pessoas celebram um comicio contra a reforma do ensino, que é julgada clerical e reaccionaria. — *França* — Em Paris á sahida d'uma conferencia catholica, o sr. Marc Sauguir, director da revista *Le Sillon*, acompanhado por

muitos catholicos encontram-se no caminho com um bando de contra manifestantes socialistas, travando-se grande desordem, sendo disparados tiros, arremessados pedras e atirados pedaços de grades de ferro fundido. Ficam feridos um commissario de divisão e um official de paz. O conde Etehgayen é preso sob a accusação de ter feito uso de um revolver. — *America do Sul* — Em São Domingos depois d'um encarniçado combate, os insurrectos vencidos fazem ir pelos ares o Arsenal de Santiago. Está entre os mortos o general Dionisio Arias, delegado do governo. São numerosos os feridos.

**26 Inglaterra** — Realiza-se a abertura da conferencia telegraphica internacional. Mr. Auster Chamberlain ministro dos telegraphos apresenta as boas vindas aos congressistas, fallando depois os delegados da Hungria, Belgica e de Portugal, conselheiro Alfredo Pereira, que é muito applaudido sendo nomeado para duas commissões e vice-presidente de uma.

**27 Portugal** — Fecha-se no Porto a fabrica Graham & C.<sup>a</sup> Os operarios d'esta casa, em numero superior a mil, resolvem manter a greve até serem atendidas as suas reclamações.

**28 Hespanha** — Em Barcelona os padeiros grévistas aggridem o presidente da Associação dos Proprietarios das Padarias fe indo-o gravemente. Aggrava-se o conflicto com os operarios da fabrica do gaz. Recesa se que a cidade fique ás escuras, vendo-se portanto a empreza obrigada a ceder ao augmento de 50 centimos no jornal do operario e a diminuir-lhes uma hora de trabalho.

**29 Portugal** — No Porto a greve dos operarios tecelões toma character mais grave. Em diversos pontos da cidade, onde agrupam tecelões dão-se conflictos, occasionando prisões.

**30 França** — Em Marselha descobre-se uma conspiração, que tinha por fim assassinar o rei d'Italia quando voltasse a França. São presos tres individuos; e outros cinco, que se

julgam implicados no caso, conseguem fugir.

**31 Cuba** — Os pharmaceuticos em Havana, apesar das reclamações do publico recusam vender os medicamentos onerados com direitos aduaneiros, especialmente aguas mineiras. — *Angoche* — A columna de operações passa pela povoação de Farlay, arrasando tudo quanto pertencia ao celebre regulo Farley, que na importante região de Angoche ha muito nos incommodava em detrimento da nossa soberania e nas relações commerciaes n'aquelle ponto da nossa Africa Oriental.

**JUNHO. — 2 Portugal** — Effectua-se no Porto o primeiro congresso nacionalista a que preside o conde de Samodães e depois o conde de Bertandinos. Assiste enorme concorrência predominando o elemento legitimista, e muitos padres. — *Hespanha* — Aggrava-se o conflicto agrario na companhia do Jerez. Os patrões recusam se em acceder ás exigencias dos trabalhadores para fazerem as colheitas. Os trabalhadores realizam *meetings* aonde pronunciam discursos violentissimos. — *Catalunha* — Dão-se numerosas manifestações em diversas cidades d'esta provincia. — *Italia* — Rebenta em Roma manifestações anti-austriacas. — E' mandada fechar a Universidade de Roma. — Dá-se em Palermo pela mesma razão grande desordem, ficando feridos 1 informador de jornaes e 3 agentes de policia. Em Messina e em Catania armam se igualmente motins, ficando feridos alguns populares.

**3 Marrocos** — Chega da Argelia um destacamento de soldados marroquinos para ir reforçar a guarnição de Figuig, entrando sob o commando de officiaes francezes, e destinada a operar nos arredores de Tanger e Tetuan. — *Estados Unidos* — Em Lincoln perto de Pink, na via ferrea onde o presidente Roosevelt devia sahir do seu comboio especial, descobre-se um sacco com uma substancia suspeita para tentativa de attentado.

**6 Marrocos** — Atacam os salteadores em Zeenat, a 14 milhas de Tanger, no caminho de Tetuan, um destacamento de tropas do governo xerifiano, com o effectivo de 1:000 homens, 800 dos quaes são de cavallaria.

**7 Macedonia** — A 14 kilometros de Andriopla apparece um bando de insurrectos, que depois de um combate de seis horas bate em retirada perseguido pelas tropas. O bando tinha grande quantidade de bombas explosivas.

**10 Servia** — Dá-se em Belgrado o tragico e horrivel assassinio do rei Alexandre, da rainha Draga, de seu irmão, do presidente do conselho, general Petrovitch, ajudante de campo do rei, e do antigo ministro da guerra Parlovitch. O exercito proclama rei da Servia o principe Karageorgevitch.

**12 Grecia** — Dá se em Athenas agitação occasionada pela questão do monopolio das passas de uva de Corintho. — *Venezuela* — O general Mattos publica um manifesto confessando estar terminada a revolução, reconhecendo o presidente Castro e pedindo auctorização para regressar a Caracas.

**14 Sião** — E' assignado em Bangkok o ac-

cordo anglo-siamez relativo a Kalantan. A administração do principado fica nas mãos dos inglezes, sendo o residente confirmado pelo rei. E' mantida a guarnição ingleza de 300 homens que fora enviada para Kalantan no anno passado. — *Hespanha* — Chegam a Cadiz, vindos de Jerez cinco mil grévistas camponezes. Os jornaleiros de Sevilla e Malaga secundam o movimento.

**15 Servia** — E' eleito em Belgrado, rei da Servia, por unanimidade no Congresso nacional, Pedro Karageorgevitch.

**16 Portugal** — Aggrava-se no Porto a situação em consequencia de adherirem á grève os metallurgicos, na sua grande maioria. Teem sido presos algodoeiros, typographos, padeiros, esculptores, pintores, cigarreiros, ourives, doceiros e sapateiros.

**17 Marrocos** — As tropas do governo xerifiano atacam Zeenat, queimando numerosos aduares e os montanhezes aprisionam o sr. Harris, correspondente do *Times*

**18 Hespanha** — Em Barcelona, em consequencia da grève dos carregadores do porto, navios de varias nacionalidades estão onze horas sem poderem carregar ou descarregar. — *Servia* — O rei Pedro acceita em Genebra as modificações da Constituição de 1888 aprovadas pelo parlamento.

**21 Hespanha** — Em Cadiz effectua-se um *meeting* de grévistas e agricultores ao qual assistem 2:000 pessoas. — Em Jerez realiza-se um outro a que assistem 10:000 pessoas, resolvendo continuar a grève. — *Senegal* — A columna de *spahis* que persegue as tribus de mouros salteadores é atacada a 20 kilometros de Saint-Thomas, ficando feridos um official europeu e tres indigenas, soffrendo os mouros perdas consideraveis.

**24 Inglaterra** — O presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, conselheiro Ferreira do Amaral, entrega em Londres ao rei de Inglaterra a copia da acta da sessão em que sua majestade foi proclamado socio honorario, o diploma e o collar d'ouro e medalha da Sociedade.

**27 Hespanha** — Realiza-se em Barcelona um comicio a que concorrem 6:000 operarios. Proferem-se discursos violentos e advoga-se a continuação da grève.

**28 Portugal** — No Porto reúne clandestinamente a Confederação Operaria das Artes Textis, resolvendo se depois de renhida discussão, que os operarios tecelões e fiandeiros retomem o trabalho mechanico e que cedam os 10 % que lhes são concedidos em favor dos operarios da tecelagem manual pertencentes ás casas cujos patrões não assignaram o compromisso, devendo este operariado manter a grève, emquanto não tiverem os seus patrões assignado as respectivas tabellas. — *Estados-Unidos* — A subida do preço do algodão provoca em New York o encerramento de numerosas fabricas de fição, correndo o boato de que se organiza em New-Orleans um *trust* mundial do algodão.

**29 Somalilandia** — Uns somalis vindos de Berberah confirmam que 2:000 soldados indi-



genas e uns 40 officiaes inglezes são trucidados pelo Mullah perto de Bohtle.

**30 Austria-Hungria**—Em Pest o conde Hedervary, presidente do conselho de ministros do Estado húngaro, expõe á camara dos deputados o programma do novo gabinete no meio de aclamação da direita e de protestos da esquerda e annuncia que não pedirá este anno senão contingente militar normal.

**JULHO. —1 Hespanha**—No congresso em Madrid o deputado Soriano pede explicação a Salmeron, sobre os motivos que elle teve para o expulsar do partido. O carlista Lórens provoca um violento debate contra Blasco e Soriano, pela questão dos republicanos de Valencia. —**França**—Em Paris o sr. Delcassé ministro dos negocios estrangeiros apresenta á camara um projecto pedindo um credito de 600:000 francos para as despesas da viagem do presidente Loubet á Inglaterra e da recepção do rei de Italia, sendo o credito approvado por unanimidade. —**Hespanha**—O superior dos padres Maristas, a pedido do governador de Barcelona, auctoriza estabelecer comunidades nos povos da provincia.

**3 Turquia**—O governo ottomano em Constantinopla decide reformar as guarnições da fronteira bulgara. Receia-se nova tensão de relação entre os dois paizes. —**Hespanha**—No congresso em Madrid é renhida a discussão da resposta ao discurso da corôa. Malaquias Alvarez falla sobre o ensino por uma forma anti-clerical. Ataca as associações religiosas que se dedicam ao ensino, pedindo protecção para os professores laicos. Louva o procedimento da França e Portugal, que apesar de catholicos expulsam as congregações. —**Argel**—No acampamento de Sidi-Aissa um homem da tribu de Mehaya dispara um tiro de pistola contra Moley Mohamed, não acertando o tiro n'este, mas ferindo um soldado; o criminoso é aspergido de petroleo e queimado vivo.

**4 Grecia**—Dá-se em Athenas nas immedições da camara dos deputados grande tumulto e tiros de pistola. O chefe da opposição e varios deputados e ministro do reino pedem á multidão que se retire, restabelecendo-se depois a ordem. —**Hespanha**—No congresso o deputado republicano Lerroux pede ao governo que proceda á revisão do processo Montjuich, declarando existirem novas provas dos tormentos inflingidos aos presos.

**8 Inglaterra**—O embaixador de Portugal em Londres, marquez de Soveral, é o unico d'entre os enviados extraordinarios n'aquella côrte convidado pelo presidente Loubet para assistir ao jantar offerecido ao rei Eduardo na embaixada de França. —**Grecia**—O sr. Theotokis pede ao rei Jorge a demissão do gabinete e é aceita. Os camponeses da Elide, armados, deteem diversos comboios, pretendendo tomar o para ir a Athenas fazer manifestações contra o projecto do monopolio das uvas de Corintho. Tendo-se-lhes obstado a este intento destroem a via ferrea em varios pontos. Em Pyrgos dão-se violentas manifestações.

## Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

**MAIO. —21 Hespanha**—Realiza-se em Barcelona um banquete de 50 cubanos, sob a presidencia dos consules de Cuba, do Brazil e dos Estados Unidos para commemorar o segundo anniversario da proclamação da republica cubana.

**22 Africa**—E' concedido pelo governo portuguez á *Development Delagoa Bay Corporation Limited* autorização para adquirir bens immobiliarios que sejam necessarios para a exploração industrial dos telephones, tramways, luz electrica e abastecimento de aguas em Lourenço Marques.

**24 Portugal**—Realiza-se em Lisboa a sessão solemne na Sociedade de Geographia em homenagem a João de Azevedo Coutinho, presidida por sua majestade el-rei D. Carlos, que enaltecendo com vibrantes phrases o elogio do digno e valente explorador portuguez lhe entrega a medalha de ouro. —**França**—Com a assistencia de uma enorme multidão, partem de Versailles em direcção a Madrid, cento e vinte e sete carruagens, 23 voitourettes automoveis e 47 motocyclettes.

**28 Portugal**—Regressa a Lisboa sua majestade a rainha sr.<sup>a</sup> D. Amelia depois de uma excursão pelo Mediterraneo até á Palestina e de volta por Paris. Incalculavel numero de pessoas aguardam em recepção festiva a augusta soberana.

**31 Portugal**—Inaugura-se em Evora com a assistencia de sua majestade el-rei D. Carlos, que expressamente para ali partira, uma exposição agricola regional muito completa e interessante effectuando-se animados festejos em honra do soberano.

**JUNHO. —1 Hespanha**—Os estudantes portuguezes republicanos em visita a Madrid são obsequiosamente recebidos por Salmeron e os estudantes hespanhóes offerecem-lhes uma *velada*.

**5 Portugal**—Realiza-se em Lisboa na Sociedade de Geographia uma sessão solemne, a que preside sua majestade el-rei, seu presidente de honra, com a augusta presença de sua majestade a rainha, e de sua majestade a rainha D. Maria Pia, em homenagem ao illustre professor sr. conselheiro dr. José Vicente Barboza du Bocage, e para se fazer entrega ao antigo presidente honorario, da medalha de honra que lhe fora concedida pela Sociedade, consagrando-se os seus relevantes serviços á sciencia, á nação portugueza, e á Sociedade de Geographia, como medico, homem de estado, naturalista e diplomata.

**6 Portugal**—É offerecido um banquete em homenagem a Raphael Bordallo Pinheiro. Os vultos mais eminentes nas sciencias, nas letras e nas artes; no commercio e na industria; no funcionalismo militar, emfim, uma grande parcella da patria portugueza representada n'essa assembléa, glorifica o extraordinario artista de multiplas aptidões, o desenhador primoroso, o ceramista e esculptor notavel. —**Hespanha**—Com a assistencia do

seu rei e mais pessoas da familia real verificam-se as provas do engenho do invento denominado *Apagador instantaneo de incendios*.

**9 Portugal**—Chegam a Lisboa, a bordo do seu *yacht Marroussi* os srs. duques de Orleans.

**10 Portugal**—Regressa da sua digressão ao norte do paiz o sr. Infante D. Affonso.—*Hespanha*—Realiza-se em Madrid uma sessão de homenagem á memoria do poeta distincto Nunes Arce.—*França*—O tribunal de pronuncia criminal em Paris, profere um aresto mandando comparecer perante o tribunal do jury criminal do Sena pelo crime de falsificação, venda de fundos e furto fraudulento os réus Frederico e Thereza Humbert, Emilio e Romão Daurignac.

**14 França**—Santos Dumont faz em Paris uma ascensão no seu balão n.º 9 indo e voltando de Longchamps á Opera, descendo depois a terra no meio da *pelouse* e tornando a subir toma novamente a direcção de Neuilly aonde chega sem incidente.

**15 Inglaterra**—O rei Eduardo VII recebe os delegados da conferencia telegraphica no castello de Windsor, sendo de uma extrema cordialidade para com o delegado de Portugal, sr. contelheiro Alfredo Pereira.

**20 Allemanha**—O imperador Guilherme II inaugura o monumento ao imperador Guilherme, seu avô, na praça do senado de Hamburgo. O monumento é obra do notavel artista e professor Schilling.

**22 Hespanha**—O rei Affonso XIII chega a Cartagena tendo tido uma entusiastica recepção.—*Portugal*—Monsenhor Ajuti, actual nuncio da Santa Sé, em Lisboa, é nomeado cardeal no Consistorio realizado em Roma.

**24 Servia**—O rei Pedro I chega a Belgrado, sendo recebido na estação do caminho de ferro pelos ministros, municipalidade autoridades militares e a multidão que o victoria.

**25 Italia**—O Papa rodeado de 20 cardeaes celebra no consistorio publico na sala Real para a imposição dos chapéus aos novos cardeaes Nocella, Cavicchioni e Fiacher assistindo os diplomatas acreditados junto da Santa Sé, a nobreza romana e muitos outros convidados.

**27 Portugal**—Realiza-se em Lisboa com a assistencia de suas majestades el-rei D. Carlos a rainha D. Amelia, a rainha D. Maria Pia, o infante D. Affonso e milhares de pessoas, a cerimonia do lançamento ao mar da canhoneira *Patria*, feita com o producto da subscripção aberta entre os portuguezes residentes no Brazil.

**30 Estados Unidos**—O governo dos Estados Unidos acceita o convite de el-rei de Portugal para que a esquadra que aquella nação tem actualmente na Europa e se acha em Kiel, visite officialmente o porto de Lisboa.

JULHO.—**1 Portugal**—Realiza-se em Lisboa no palacio da Nunciatura, a cerimonia revestida de grande solemnidade da entrega do *Solideo* feita pelo guarda nobre de Sua Santidade, o sr. conde Francisco Salimei, a sua eminencia o sr. cardeal Ajuti, nuncio de Sua Santidade.—A commissão administrativa do

posto de desinfecção, composta dos srs. drs. Homem de Vasconcellos, Silva Carvalho e engenheiro Antonio Parreira, toma posse dos terrenos demarcados, destinados ao posto de desinfecção do porto de Lisboa, no terra-pleno do caes de Alcantara e em frente das docas de reparação. O projecto do posto comprehende edificação e installações de apparatus modernos de desinfecção e uma linha de caes acostavel aos navios na extensão de 300 metros, na muralha exterior, com escadas e rampas de desembarque.—É adjudicada a empreitada das novas obras para o abastecimento de aguas na cidade da Praia, melhoramento este ha muito reclamado e de inadiavel necessidade.

**2 Irlanda**—A partida da corrida Gordon Bennet effectua-se sem incidente em Allyshannon, Dublin.

**3 Hespanha**—O rei Affonso XIII impõe solemnemente em Madrid o barrete cardinalicio ao arcebispo de Valencia.

**5 Estados Unidos**—Em New-York apesar da tempestade consegue-se estabelecer o circuito do cabo submarino através do Oceano Pacifico. O sr. Roosevelt inaugura o com a missão de uma mensagem ao governo das ilhas Phillipinas dizendo o seguinte: «Estreio o cabo americano pelo Pacifico, saudando-vos e ao povo philippino.—*Portugal*—Realiza-se em Lisboa a festa commemorativa do 39.º anniversario da fundação do Albergue dos Invalidos do Trabalho, uma das instituições mais sympathicas de Portugal.

**6 Portugal**—E' inaugurada na cadeia da cidade de Coimbra o posto anthropometrico.—*França*—O presidente Loubet parte de Paris para Boulogne, afim de embarcar para Inglaterra acompanhado pelo sr. Delcassé, recebendo na *gare* grande aclamação de «Viva Loubet!» «Viva a republica!»

**7 Italia**—O embaixador de Portugal junto do Vaticano envia ao sr. ministro dos negocios estrangeiros do seu paiz um telegramma em que lhe comunica gravissima a doenca de Sua Santidade, não estando no entanto perdidas as esperanças de salvar o Santo Papa.



### Accidentes

MAIO.—**22 Portugal**—De Pardilló para Coimbra o automovel do sr. dr. Egas Moniz espanta uma egua em que montava um cavalleiro que é cuspido por uma ribanceira, e o automovel para se afastar da egua, faz algumas evoluções na estrada precipitando-se tambem na ribanceira. D'este desastre resulta ficar com bastantes contusões o srs. Affonso de Barros, o dr. Themudo bastante queimado nas mãos por se ter segurado ao tubo do vapor e Rainho com ferimentos nos olhos por se terem partido as lunetas de automobilista.

**24 França**—E' morto em Libourne o machinista Barrow do automovel de que era conductor Lorraine. Marcel Renault cahe com o seu automovel n'um fosso perto de Poitiers.

**25 Portugal**—Um horrivel temporal inunda

as ruas da cidade de Braga. A trovoadá fortíssima causa enorme panico, cahindo faiscas que prejudicam a rede electrica. O cyclone destróe uma casa campestre, levando a cheia todos os haveres do caseiro. Por toda a parte ouvem-se gritos afflictivos do povo. — *França* — O principe de Monaco, dirigindo-se para Paris em motocyclette cahe n'uma valleta da estrada e contunde uma perna e um hombro; o principe segue depois para Paris pelo caminho de ferro; a sua cura leva alguns dias.

**26** *Inglaterra* — Nas corridas de automoveis que se deram em Bristol, um d'elles choca-se com outro, resultando ficarem mortos dois espectadores e oito gravemente feridos.

— *Edimburgo* — São victimas dos automoveis uma mulher e um homem. — *Hespanha* — N'uma estalagem em Valdepenas, dá-se uma explosão n'uma caixa contendo seis arrobas de polvora, ficando tres pessoas mortas seis gravemente feridas, e a casa completamente destruida. — *Chile* — Manifesta-se a peste e 1 Iquique, tendo havido já 2 obitos.

**27** *Belgica* — Dá-se em Saeftingent uma colisão entre os vapores inglez *Hundersfield* e o norueguez *Alfo*. O primeiro foi a pique, salvando se a tripulação, mas afogando-se uns 20 passageiros.

**28** *Hespanha* — As chuvas torrencias que cahiram em consequencia das ultimas trovoadas, inundam as povoações de Pajaros, Otero e Leon, ficando submergidas cerca de quarenta casas, muitas outras completamente destruidas, e morrendo afogada uma creança.

**30** *Estados Unidos* — Chuvas torrencias no Territorio Indiano, no Kansas, Missouri, Nebraska e Jowa causam a morte de 14 pessoas, ficando sem abrigo 20:000 pessoas, sendo os estragos enormes.

**31** *Portugal* — Em Loulé dá-se uma explosão pyrotechnica de Sebastião Correia Ferreira, na sua residencia ficando completamente destruida. Dos escombros são tiradas tres creanças já mortas, duas em perigo de vida e quatro homens feridos, ficando o dono da officina reduzido a uma massa informe.

JUNHO. — **1** *America do Norte* — Um cyclone que passa sobre Gainesville, Georgia, causa enormes estragos e faz 200 victimas.

**4** *Portugal* — Uma formidável trovoadá mata em Ceia uma rapariga, bois, vaccas, 29 ovelhas e assombra 4 pessoas. — *Canadá* — Os incendios favorecidos pela grande secca alastram-se n'uma extensão immensa, cahindo o fogo como um furacão sobre a cidade de Musquash, em New-Brunswick, destruindo-a completamente.

**5** *Philippinas* — Uma grande tempestade nas

ilhas Philippinas leva ao fundo do mar varios navios americanos, entre elles o vapor *Perlade* que naufraga em Visayas, perecendo parte da tripulação.

**9** *Portugal* — Manifesta-se em Espinho um pavoroso incendio destruindo muitas casas. — *Hespanha* — Cahe violento temporal na provincia de Granada destruindo as chuvas as sementeiras e o vento as arvores. O rio Monachil trasborda levando muitos animaes na torrente.

**10** *America do Norte* — Rompe-se o aterro da via ferrea de Baltimore, no Ohio e as aguas do rio inundam o districto meridional de Saint Louis, havendo já a lamentar 30 mortes.

**13** *Inglaterra* — Um incendio destroe completamente uma fabrica de distillação situada em Greenock, morrendo 4 pessoas, ficando feridas 6 e desaparecendo muitas outras. Os estragos são avaliados em 60:000 libras esterlinas.

**15** *America do Norte* — E' destruida por um furacão a cidade de Heppner, no Oregon, perecendo afogadas 500 pessoas.

**18** *Inglaterra* — Dá-se em Woolwick uma grande explosão na fabrica de explosivos para o exercito e marinha ingleza, resultando mais de 30 victimas entre mortos e feridos.

**22** *Japão* — Em Gilan 150 fonnosianos atacam uma fabrica de refinação de camphora, matando 11 japonezes alguns dos quaes eram agentes de policia.

**26** *Austria* — Dá-se um tremor de terra em Erhau; desabando varias casas no arrabalde e os mais dos predios da cidade ficando danificados.

**27** *Hespanha* — O comboio de Bilbao para Zaragoza, descarrilla perto de San Asensio, cahindo tudo ao rio Nazerilhes ao passar a ponte de Malato, havendo numerosas mortes e feridos.

**30** *Hespanha* — Sobre a povoação de Valoria la Buena, perto de Valladolid, cahe um terrivel cyclone, que arraza os campos. O granizo, do tamanho de nozes, quebra tambem muitos telhados e vidraças. Ha inundações e muito gado afogado. — *Belgica* — Dá-se em Bruxellas um desastre de caminho de ferro na estação de Schaerbeck, tendo ficado mortas 40 pessoas e feridas muitas outras.

JULHO. — **1** *Inglaterra* — Dá-se em Wyoming uma terrivel explosão nas minas de carvão da «Union Pacific» encontrando-se 175 mortos na maioria carbonisados.

**6** *Estados Unidos* — Em consequencia da tromba que se descarrega em Oakford Park perto de Pittsburg, o lago sahe fóra do seu leito afogando umas 100 pessoas.



NECROLOGIA

MARÇO — **21** — SYBIL SANDERSON em Paris, 33 annos; cantora da «Opera», tendo creado o papel do Thais.

**24** — CONDE DE ANADIA, em Lisboa, official mór da casa real e muito estimado pelos seus dotes de espirito e qualidades pessoasas.

— JOÃO MARIA DE ABREU MOTTA, em Lisboa, 75 annos, general de divisão reformado. Foi um militar brioso, intelligente e de grande reputação, valendo-lhe sempre ser escolhido para serviços de importância, e devendo-lhe o monumento da Batalha importantissimos

melhoramentos, sendo por elle dirigidos a restauração e construcção dos tumulos n'aquelle grandioso monumento.

**26** — MESQUITA GUIMARÃES, capitão de fragata, 55 annos, tendo desempenhado além de outros cargos o de governador de Cabo Delgado de S. Thomé e o de administrador da Companhia do Nyassa.

— VICE ALMIRANTE AUGUSTO CARLOS DA SILVA em Lisboa, 59 annos, tendo sido observador e chefe de serviço do Observatorio do Infante D. Luis.

— GENERAL MANUEL DE AZEVEDO COUTINHO, em Lisboa, 65 annos, com longa folha de serviços no ultramar e tendo exercido interinamente as funcções de governador na Beira (Africa).

**27** — PAUL BLOUET (Max O'Rell), na Gran-Bretanha escriptor distincto e humoristico, tendo publicado tres livros que foram traduzidos em quasi todas as linguas, e que o mundo culto apreciou, obtendo assim um exito extraordinario.

JUNHO — **5** — VICE-ALMIRANTE COURTHILLE, commandante das forças navaes do Atlantico.

**9** — D. GASPAR NUÑES ARCE, 69 annos, em Madrid, presidente da Associação dos Escriptores e Artistas de Madrid e celebre poeta hespanhol.

**12** — DR. TAVARES DE MEDEIROS, em Lisboa, tendo publicado muitas obras de reconhecido merecimento.

**16** — DUQUEZA DE MEDINA SIDONIA, antiga

dama das rainhas D. Isabel, D. Mercêdes e D. Christina de Hespanha.

**18** — CONSELHEIRO XAVIER DE MENEZES, em Beja, antigo governador d'aquelle districto, professor e medico do seminario episcopal d'aquelle cidade.

**23** — DUQUEZA DE ABRANTES em Madrid, dama das mais illustres da aristocracia hespanhola.

**27** — CARDEAL VAUGHAN, em Londres, arcebispo de Westminster e primaz catholico de Inglaterra.

**30** — CONDE DE LAVRADIO, em Lisboa titular de antiga nobreza, muito estimado pelas suas excellentes qualidades de character.

JULHO — **1** — MANUEL NOBRE, em Lisboa, actor do theatro D. Maria II.

**2** — CONDE DE ALPENDURADA, em Lamego, rico proprietario e agricultor.

**3** — GENERAL JOÃO EDUARDO DE BRITO, 64 annos, em Lisboa, um dos generaes de maior prestigio e consideração do nosso exercito e sobretudo da sua arma, artilharia, onde desempenhou com sciencia, rectidão e grande inteireza de character as commissões mais importantes.

**6** — DR. OLIVEIRA MONTEIRO, no Estoril. Natural do Porto, foi um parlamentar distincto, lente da Escola Medica do Porto, deputado e par do reino, presidente da camara municipal d'aquelle cidade e governador civil da mesma capital do norte, deixando affirmadas brilhantes qualidades.

— VISCONDE DE ARNEIRO, na Italia, pianista de grande merecimento, musico e compositor portuguez dos mais notaveis.

## THEATROS

*Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de junho e julho*

JUNHO — **18** — O MONOCULO DE AVERNO, magica em 3 actos e 16 quadros, original do sr. Miranda (Theatro Avenida).

JULHO — **5** — O DINHEIRO DO DIABO, traducção de uma peça allemã (Theatro do Rato).

## PHOTOGRAPHIA PRATICA

*Dada a vulgarização sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'ella fazem agradável entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilizaveis.*

### Como se deve revelar?

Se fizermos esta pergunta a 50% dos amadores, elles nos responderão:

«Deita-se, na camara escura, o revelador sobre a chapa, examina-se por transparencia o seguimento da operação e quando os negros estiverem sufficientemente opacos, suspende-se a revelação e obtem-se...» E portanto não deve ser este o systema a seguir, pois que com elle só se obterão ceus brancos, sombras escuras, clichés duros e mais nada. Ainda com alguma boa vontade e

amor proprio póde chegar-se a obter um resultado satisfatorio, mas não é isto sufficiente nem seguro.

Póde-se revelar com todo e qualquer banho comtanto que se obtenha 1.º detalhes, 2.º que o cliché dê o que se deseja obter.

Regra geral: A menos que se faça photographia documental ou instantanea, o papel deve reproduzir a idéa que se formou ao photographar um assumpto e isto em primeiro lugar.

Supponhamos que se faz uma paisagem só para um determinado effeito, isto é, o pôr

do sol, uma tempestade etc., n'este caso a maneira de revelar seguindo o systema de exame por transparencia tem a sua razão de ser mas ella deve ser acompanhada pela attenção que se deve prestar aos detalhes pois que o primeiro empastará as nuvens, a relva etc. Havendo algumas nuvens corre-se o risco de nem d'ellas ficar vestigios.

Por outro lado, se revelar exclusivamente pelos detalhes, cahe-se no abuso contrario que será tão desagradavel como o primeiro.

Não é necessario que se possam contar as folhas das arvores e separar nitidamente os mais pequeninos objectos sobretudo se o que se deseja é o effeito no conjuncto.

O revelador que habitualmente emprego e que me dá tudo o que d'elle desejo é o seguinte:

N.º 1 — Deitar n'um frasco de litro:

Acido salicilico.....	1,5 gr.
Agua fervida.....	1000 c. c.
Pyrogallol.....	20 gr.

N.º 2 — Deitar n'um segundo frasco:

Sulfito de soda ordinario.	100 gr.
ou sulfito anhydro.....	50 gr.
Agua.....	1000 c. c.
Brometo de potassa.....	2 gr.
Carbonato de soda.....	50 gr.
Carbonato de potassa....	50 gr.

Emprega-se como segue. Se o cliché tem uma exposição rigorosamente exacta, misturam-se as duas soluções em partes eguaes, mas como ha todo o interesse em não se obter em todo elle os mesmos effeitos, dever-se-ha proceder da seguinte forma:

*Para os clichés typos.* — paisagens ás quaes devemos imprimir todos os detalhes, suppondo uma chapa 13×18, pose incerta. Deitar na cuvette; 80 c. c. do n.º 1 e 5 c. c. do n.º 2 e agitar; se ao fim de 1 minuto de immersão não apparece a imagem, juntar-lhe 5 c. c. do n.º 2 e continuar estas de meio em meio minuto até á apparição da imagem. Logo que ella appareça, continuar a revelar durante alguns minutos e em seguida examinar o cliché.

Se houver demora nos detalhes juntar alguns c. c. do n.º 2 e só retirar o cliché da cuvette quando elles estejam nitidamente accentuados. Obtem-se por este mesmo systema no mesmo tempo clichés magnificos, dando infallivelmente provas d'uma nitidez extraordinaria e de um relevo notavel.

*Paysagens com fundos flous.* — Proceder da mesma maneira precipitando um pouco os addicionamentos do n.º 2, afim de que os

detalhes se mostrem antes que a opacidade appareça e empaste os longes.

*Nevoeiros.* — Forçar a dose do n.º 2, o que dará um veu muito ligeiro accentuando o effeito que se deseja. Não demorar muito a revelação.

*Nuvens e ceus.* — Cingir-se a uma ligeira junção do n.º 2 de forma que só se revele o ceu; em seguida e logo que tenha apparecido sufficientemente, deitar na cuvette uma quantidade do n.º 2 egual á do n.º 1 empregado, continuar á revelação examinando sempre com cuidado o ceu. Logo que se manifeste o empaste, fixar o cliché.

*Retratos.* — Logo que appareça a cabeça, examinar se as sombras estão normaes, caso estejam muito fortes passar sobre essa parte do cliché os dedos previamente molhados no n.º 2, até se obter uma opacidade maior nas sombras, revelar forçando as junções do n.º 2, afim de evitar a dureza.

*Instantaneos.* — Empregar quantidades eguaes de cada numero, o n.º 1 diluido em egual volume de agua, ficando portanto a sua força em metade, junta-se, havendo necessidade, o n.º 2; se os detalhes não apparecem, examinar ao mesmo tempo os detalhes e a opacidade antes de retirar o cliché.

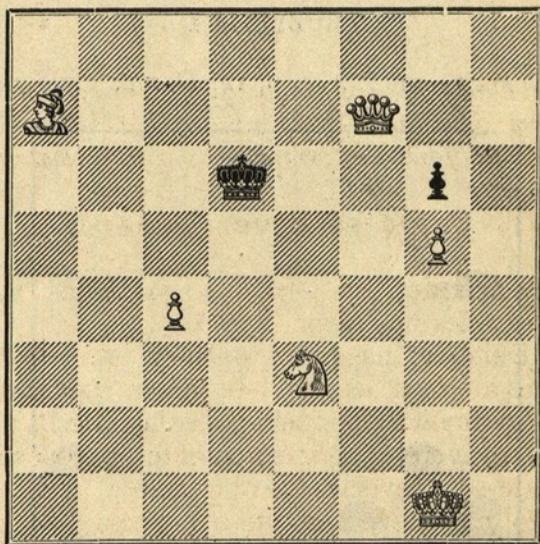
E' este a meu vêr um systema completo de revelação. Recommendo-o aos meus leitores, certo de que obterão com elle effeitos surprehendedentes.

(Art et Photographie)

A. SERONILLE.

PROBLEMAS  
XADREZ

PRETOS (2 peças)



BRANCOS (6 peças)

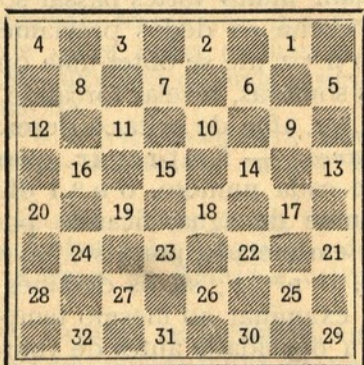
Os brancos jogam e dão mate em tres lances

**DAMAS**

Os SERÕES, que desde sua fundação teem procurado sempre, em successivos melhoramentos, corresponder ao acolhimento benevolo que o publico lhe dispensa, abrem hoje mais esta nova secção que, mercê d'um distincto collaborador, tratará d'este jogo, e publicarão em cada numero um ou dois problemas que muito devem interessar os amadores.

A seguir damos algumas explicações que julgamos necessarias para melhor ser entendidos. Constituem por assim dizer o regulamento do jogo. O taboleiro deve ser numerado conforme o modelo que segue e collocado como o diagramma indica.

**BRANCAS**

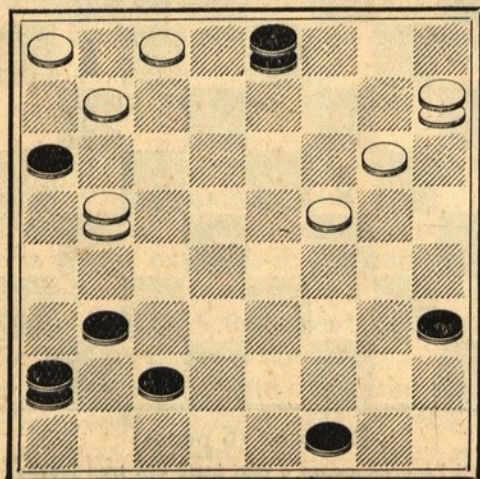


**PRETAS**

devendo ficar os numeros 1 e 5 e 28 e 32 á mão esquerda de cada jogador. As Damas só avançam ou retrocedem em diagonal um quadrado, e só podem tomar as peças quando estas estejam no quadrado immediato. E' facultativo comer o maior ou menor numero de peças, isto é, tendo por um lado duas ou mais peças e por outro uma, opta-se pelo que mais convenha. Para melhor se comprehender o mecanismo e a notação dos problemas, apresentamos o seguinte exemplo.

**PROBLEMA I**

*Branca* em 3, 4, 8, 9, 14, *Damas* em 5 e 16.



*Pretas* em 12, 21, 24, 27 e 30, *Damas* em 2 e 28.

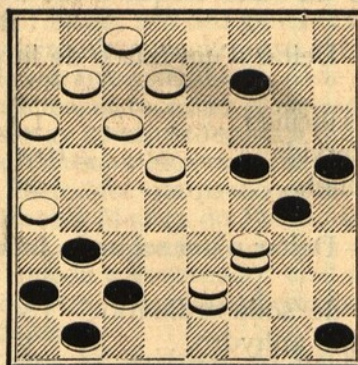
Jogam as *pretas* e ganham.

**RESOLUÇÃO**

2- 6	9-14	21- 17	24-20	28-26
9-13	18-22	13-22	31-24	e ganham
6- 9	30-26	14- 9	20-11	as <i>pretas</i>
14-18	22-31	5-14	8-15	

**PROBLEMA II**

*Branca* em 3, 7, 8, 11, 12, 15, 20, *Damas* em 22 e 26.



*Pretas* em 6, 13, 14, 17, 24, 27, 28, 29, 32.

Jogam as *pretas* e ganham.

No nosso proximo numero será dada a solução bem como o nome dos decifradores. Toda a correspondencia deve ser dirigida á nossa redacção a J. S., editor especial d'esta secção.

**Resoluções do numero anterior**

N.º 51 — 1786 — 22 annos.

N.º 52 — 14 h; 17 1/2

N.º 53 — *Xadrez*:

**BRANCOS**

1. Ra 2 T Ra
2. Ra 4 B Ra
3. Ra 4 Ra ou  
Ra 4 B R xeque e mate
2. Ra 4 T Ra
3. Ra 4 Ra ou  
Ra 8 R xeque e mate
2. Ra 7 B R
3. B 4 B R xeque e mate

**PRETOS**

1. R 4 R (var.)
2. R 3 Ra ou  
R 4 B R
1. R 2 Ra
2. R 3 Ra ou  
R 1 B Ra
1. P 4 R
2. P 5 R